

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES

Danilo Santos do Vale

CAPOEIRA ANGOLA NA ESCOLA MUNICIPAL NOVA MORADA:
perspectivas e práticas educativas na construção das identidades culturais

Recife
2017

Danilo Santos do Vale

**CAPOEIRA ANGOLA NA ESCOLA MUNICIPAL NOVA MORADA:
perspectivas e práticas educativas na construção das identidades culturais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Culturas e Identidades.

Linha de pesquisa 1: Movimentos Sociais, Práticas Educativas-culturais e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Moisés de Melo Santana

Recife

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

V149c Vale, Danilo Santos do
 Capoeira Angola na Escola Municipal Nova Morada:
 perspectivas e práticas educativas na construção das identidades
 culturais / Danilo Santos do Vale. – 2017.
 117 f. : il.

 Orientador: Moisés de Melo Santana.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de
 Pernambuco / Fundação Joaquim Nabuco, Programa de Pós-
 Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, BR-PE,
 2017.

 Inclui referências, anexo(s) e apêndice(s).

 1. Capoeira Angola 2. Educação 3. Práticas educativas
 4. Cultura afro-brasileira I. Santana, Moisés de Melo, orient.
 II. Fundação Joaquim Nabuco III. Título

CDD 370

DANILO SANTOS DO VALE

CAPOEIRA ANGOLA NA ESCOLA MUNICIPAL NOVA MORADA:
perspectivas e práticas educativas na construção das identidades culturais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em Recife, 01 de junho de 2017

BANCA EXAMIDADORA:

Prof. Dr. Moisés de Melo Santana (UFRPE - orientador)

Prof^a. Dr^a. Denise Maria Botelho (UFRPE) (membro interno)

Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl (UFPE) (membro externo)

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Abrahamian de Souza (UFRPE) (suplente)

*Dedico este trabalho a todas as
crianças da Escola Municipal
Nova Morada.*

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos vão para os primeiros e as primeiras que participaram das construções culturais da Capoeira, e que por consequência legaram a diversidade de pensamentos e conhecimentos dessa manifestação para as gerações vindouras.

Também estou muito agradecido aos Mestres e capoeiristas de outrora que firmaram as bases de um complexo fenômeno cultural, assentado na luta por libertações, na conscientização política e na busca pela felicidade.

Aos/as Mestres, Mestras e capoeiristas da contemporaneidade, que optam por continuarem fazendo da capoeira, um caminho revolucionário.

A minha mãe que me ensina a jogar desde minha experiência fetal. E também agradeço aos outros/as entes queridos/as, pois grandes partes de minhas construções devo a minha família, principalmente aos/as que sempre estiveram presentes em minhas caminhadas e desvios, por isso estou muito agradecido pelos compartilhamentos, ensinamentos e afetos.

Muitos agradecimentos as professoras e professores, funcionárias e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, e em especial a minha turma.

Ao Prof. Moisés, que no jogo das orientações, se revelou um grande camarada.

Também agradeço bastante a Prof^a. Denise Botelho, por sua postura firme e sábia dentro da lógica acadêmica, pois com suas orientações, exemplos, abraços e sorrisos, vem colaborando com a formação de várias pessoas, que buscam transformar o mundo.

Também agradeço ao Prof. Henrique Gerson Kohl, camarada que está lutando com empenho e sagacidade pela dignidade da capoeira em Pernambuco e no mundo.

A Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) pela concessão da bolsa.

Agradecimentos para todas/os funcionárias/os da Escola Municipal Nova Morada, que ora observando e demonstrando satisfação, ora tocando instrumentos e divertindo-se, participaram da pesquisa.

A gestão e as professoras da Escola Municipal Nova Morada que além de colaborar com nossa pesquisa, compartilharam um grande ensinamento: respeito.

Em especial, agradecimentos as crianças que participaram da pesquisa, pois foram responsáveis pelas principais motivações e transformações que fomentaram essa caminhada.

Muitos agradecimentos a minha família, o Grupo de Capoeira Herança de Angola (GCHA), lugar onde forjamos propósitos e formas para lutar nas diversas rodas e voltas que o mundo deu e dá.

E em especial, agradeço ao Professor Caica (Sérgio Senna), que está com o GCHA, compartilhando sabedoria, amizade e bons exemplos.

Ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFRPE), por ter oportunizado grandes encontros e conhecimentos durante minha permanência junto a esse coletivo.

A todas as pessoas que colaboraram com nosso Projeto de Extensão: Capoeira Angola na UFRPE – e que deixaram marcas e memórias em nossas histórias.

A todas as pessoas que estão construindo a Escola Comunitária de Artes e Reflorestamento Icauã Rodrigues (ECARI), em especial ao Camarada André Luiz, que foi co-responsável por nos convidar a conhecer a ECARI e a Escola Municipal Nova Morada.

E com muita amorosidade e lucidez, agradeço a minha querida companheira, Caru. E a nossa filha Florinha do Vale (que em muitas vezes foi responsável por testar alguns experimentos e atividades dessa pesquisa) e ao nosso filho Rafael Rudá... Filha e filho queridos que também nos ensinam, diariamente, a ser capoeiristas. E ao meu camarada canino, Biriba, que me ensina a buscar equilíbrio emocional, e, sobretudo, a respeitar regras sem deixar apagar a chama da rebeldia.

“É impossível desconectar a capoeira, enquanto uma manifestação afro-brasileira, das lutas pelo resgate da cidadania.”
(TRINDADE, 2005) / Mestre Moraes – Omogunkeji Asipá)

RESUMO

Essa pesquisa buscou analisar e compreender as práticas educativas da Capoeira Angola, por intermédio da construção e execução de um Projeto Didático, com a Escola Municipal Nova Morada, que se localiza no bairro Caxangá, em Recife. Para tanto, partimos de um questionamento central: como as práticas educativas que abarcam os ensinamentos da Capoeira Angola podem favorecer a construção das identidades culturais nas escolas, sendo possíveis provedoras de subsídios para a formação crítica dos/as participantes envolvidos/as? Assentada na perspectiva qualitativa, essa pesquisa para alcançar seus principais objetivos adotou as diretrizes do método da pesquisa-ação e da etnografia da prática escolar. E concebeu suas investigações com base nos Estudos Culturais, na Teoria da Complexidade e na Teoria da Colonialidade do Poder, com o intuito de compreender as dimensões estruturais, educacionais e sociológicas que a pesquisa se insere. Apesar das lutas e conquistas dos/as movimentos sociais e dos/as capoeiristas, no sentido de promover a Capoeira em diversos âmbitos sociais, ainda são reproduzidos preconceitos e empecilhos que impedem uma nova visão acerca da Capoeira como uma prática socioeducativa transformadora. A relevância dessa investigação consiste em compreender como o desenvolvimento de uma manifestação cultural afro-brasileira, que apresenta configurações pautadas em sólidas concepções político-ideológicas, possibilita colaborar com a formação e transformação dos/as participantes envolvidos/as. Com isso, buscamos colaborar com a construção de conhecimentos que fortaleçam a valorização das culturas afro-brasileiras, e nesse sentido, corroborem com o enfrentamento de racismos, intolerâncias e discriminações. Foi revelado que para os/as participantes da pesquisa, o ano letivo teve um diferencial significativo, pois a presença da Capoeira Angola na escola promoveu ações em que a coletividade, a solidariedade, a musicalidade, o movimento e a oralidade, foram elementos estimulantes das aprendizagens. E que as ações e parcerias entre o Projeto Didático e a escola foram promotoras de diálogos, estudos e práticas permanentes sobre as culturas afro-brasileiras e africanas, desse modo contribuindo com a efetivação das determinações previstas no Artigo 26-A da LDB.

Palavras-chaves: Capoeira Angola. Educação. Práticas Educativas. Cultura Afro-brasileira.

RESÚMEN

Esta investigación buscó analizar y comprender las prácticas educativas de la Capoeira Angola, a través de la construcción y ejecución de un Proyecto Didáctico con la Escuela Municipal Nova Morada, que se localiza en el barrio Caxangá, en Recife (Brasil). Para esto, partimos de un cuestionamiento central: ¿cómo las prácticas educativas que incluyen las enseñanzas de la Capoeira Angola pueden favorecer la construcción de identidades culturales en las escuelas, siendo posibles proveedoras de recursos para la formación crítica de los/as participantes?. Fundamentado en la perspectiva cualitativa, este estudio, para alcanzar sus principales objetivos, adoptó los lineamientos del método de la investigación-acción y de la etnografía de la práctica escolar. Realizó sus análisis en base a los Estudios Culturales, la Teoría de la Complejidad y la Teoría de la Colonialidad del Poder, con el propósito de comprender las dimensiones estructurales, educacionales y sociológicas en que la investigación se desarrolla. A pesar de las luchas y conquistas de los movimientos sociales y de los/as capoeiristas, en el sentido de promover la Capoeira en diversos ámbitos sociales, todavía son reproducidos prejuicios y obstáculos que impiden una nueva visión sobre de la Capoeira como una práctica socioeducativa transformadora. La relevancia de este estudio está en comprender como el desarrollo de una manifestación cultural afro-brasileña, que presenta configuraciones pautadas en sólidas concepciones político-ideológicas, posibilita colaborar con la formación y transformación de los/as participantes. Con esto, buscamos colaborar con la construcción de conocimientos que fortalezcan la valorización de las culturas afro-brasileñas y, en este sentido, contribuyan a combatir racismos, intolerancias y discriminaciones. Fue observado que para los/as participantes de la investigación hubo una diferencia significativa en el año escolar, ya que la presencia de la Capoeira Angola en la escuela promovió acciones en que el colectivismo, la solidaridad, la musicalidad, el movimiento y la oralidad, fueron elementos estimulantes para los aprendizajes. Las acciones y vínculos entre el Proyecto Didáctico y la escuela fueron promotoras de diálogos, estudios y prácticas permanentes sobre las culturas afro-brasileñas y africanas, contribuyendo, de esta forma, con la realización de las determinaciones definidas en el Artículo 26-A de la LDB.

Palabras clave: Capoeira Angola. Educación. Prácticas Educativas. Cultura Afro-brasileña.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Terreno conquistado/destinado para a construção da escola	57
Figura 2: Pátio da EMNM	57
Figura 3: Fachada da EMNM	57
Figura 4: Convite ao Grupo Angola	61
Figura 5: Convite ao Grupo Capoeira.....	61
Figura 6: Atabaque	66
Figura 7: Compondo a bateria	66
Figura 8: Início da aula.....	66
Figura 9: Texto coletivo produzido pelo 4º Ano C	68
Figura 10: Dinâmica de jogo	71
Figura 11: Fazendo aú (corda).....	71
Figura 12: Movimentos	71
Figura 13: Culminância (vista de cima)	76
Figura 14: Cineclube (Hungu).....	76
Figura 15: Encenação (Mestre Gato e Comadre Onça).....	76

LISTA DE SIGLAS

DED	Departamento de Educação
DEFIS	Departamento de Educação Física
ECARI	Escola Comunitária de Artes e Reflorestamento [Icauã Rodrigues]
EMNM	Escola Municipal Nova Morada
GCADI	Grupo de Capoeira Angola Dois Irmãos
GCAP	Grupo de Capoeira Angola Pelourinho
GCEA	Grupo de Capoeira Espírito de Angola
GCHA	Grupo de Capoeira Herança de Angola
LDBEN	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PRAE	Pró-Reitoria de Atividades de Extensão
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. IÊ A QUEM ME ENSINOU: DIMENSÃO EDUCATIVA DA CAPOEIRA ANGOLA	30
1.1 Relatos sobre a história da Capoeira Angola em Pernambuco	30
1.2 Reflexões sobre a dimensão educativa da Capoeira Angola: intersecções entre os aspectos não-formais e formais	34
1.2.1 Elementos, aspectos e caminhos educativos presentes nas culturas das Capoeiras	36
1.2.2 Capoeira Angola e escolas.....	39
2. IÊ QUE VAI FAZER? – FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	46
2.1 No jogo das identidades culturais e da teoria da complexidade	46
2.2 Encontros entre os caminhos da Capoeira Angola e da pesquisa-ação	50
2.4 Ética na pesquisa	54
2.5 Etapas da pesquisa	55
2.5.1 O campo da pesquisa	55
3. IÊ É HORA, É HORA: DESCRIÇÕES E ANÁLISES DO PROJETO DIDÁTICO	60
3.1 Descrições das atividades	62
3.1.1 Musicalidade.....	64
3.1.2 Movimento	68
3.1.3 Oralidade	72
3.2 Análises do Projeto Didático: interlocuções entre os referenciais teóricos e metodológicos e os/as participantes da pesquisa	77
3.2.1 Capoeira Angola com a EMNM: identidade e participação.....	79
3.2.2 Capoeira Angola dialogando com o Artigo 26-A: contribuindo com formações e transformações.....	86

CONSIDERAÇÕES	91
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista [semi-estruturada]	101
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	102
APÊNDICE C – Projeto Didático [Plano de Ação]	103
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTA).....	109
ANEXO A - Termo de Aceite da Escola Municipal Nova Morada	110
ANEXO B – Lei Ordinária – 17.941/2013-Recife-PE	111
ANEXO C – Lei Nº 5971/2016.....	112
ANEXO D – Lei Ordinária – 18.073/2014 - RECIFE-PE	114
ANEXO E – Resolução Nº 217/2012 (UFRPE).....	116

INTRODUÇÃO

Iê a Capoeira!

Semelhante a uma ladainha¹, início apresentando, sumariamente, algumas vivências, histórias e aproximações, com a intenção de descrever narrativas que demonstram minhas interações com o enfoque dessa pesquisa, desde os meus primeiros encontros com esse enfoque até o surgimento de curiosidades epistemológicas (FREIRE, 2011) que me conduziram a investigar e buscar compreender sobre alguns elementos e aspectos da dimensão educativa da Capoeira.

Lembro-me bem, dos primeiros contatos visuais com a Capoeira, tinha nove anos e morava em Jardim Atlântico, bairro situado em Olinda. Foi estranho. Naquele instante, não tinha condições para definir ou classificar o que tinha visto. Porém, a sensação foi impactante. Vi corpos em movimentos fluidos, que se desdobravam ao executarem manobras e destrezas mirabolantes, e ao mesmo tempo engraçadas. Fiquei admirado com os golpes e as esquivas que as crianças faziam ao divertirem-se jogando capoeira. E não entendia os sentidos das músicas que faziam parte daqueles repertórios.

Esse encontro com a Capoeira foi em uma academia no bairro que morava. Lá, fui matriculado nas aulas de karatê. Apesar de gostar muito das práticas dessa arte marcial (treinos, campeonatos, lutas, katas etc.), meu corpo e espírito foram arrebatados pelas dinâmicas misteriosas que a Capoeira apresentava naquele instante. Hoje, desconfio que minha mãe matriculou-me no karatê por vários motivos, mas o principal foi o aspecto disciplinar (já que nos âmbitos escolares e familiares apresentava, com constância, comportamentos e atitudes indisciplinadas à algumas regras).

O curioso, foi que naquele instante em que senti a capoeira em sua forma mais tangível, foi um momento de transições: minha família e eu estávamos de mudança de endereço. O fato consumado foi que na minha despedida do grupo e do professor de karatê, que vi a capoeiragem pela primeira vez. Chegamos ao Janga. Bairro litorâneo da cidade de Paulista, zona norte da Região Metropolitana do Recife.

Foi no Janga que me aventurei nos sabores e dissabores da adolescência. Nas ruas e praças desse bairro, tive vários outros contatos com a Capoeira, bem como já arriscava algumas definições sobre as práticas da Capoeira. Entretanto, foram contatos superficiais, pontuais e tímidos. Não fui discípulo de Mestres, nem entrei em academias, apenas sonhava em ser capoeirista, e, sobretudo observava, e quando tinha chances, entrava em rodas nas ruas

¹ Cântico da capoeira, geralmente, executado nos inícios das rodas, e que apresenta em seu teor: narrativas, lamentos, saudações etc.

e nas praias. Camaradas... Confesso que minha adolescência nesse querido bairro foi marcante em vários aspectos. Nele, houve inúmeros processos de desvios, itinerâncias, descobertas e aventuras, que estão em minhas memórias e esquecimentos, e que não são necessárias estarem precisamente descritas nesses relatos, porém devo aqui marcá-los, pois desses processos, também surgiram os direcionamentos e elementos que forjaram as minhas construções e escolhas ideológicas e profissionais. Por isso vou rememorar, sinteticamente, uma etapa incisiva de minha estória: a escolarização.

Nas etapas iniciais do processo escolar, fui um estudante regular e comum. Alfabetizado no tempo previsto, inclinado para as práticas esportivas, tocadador de corneta na banda marcial, apaixonado pela primeira vez, quieto e obediente. No entanto, no início da adolescência, aconteceram reviravoltas em meus comportamentos, pensamentos, atitudes, visuais etc. Acredito que muito desses aspectos foram forjados por minhas descobertas na adolescência, e pelas instabilidades e conflitos familiares (crises financeiras, conjugais, fraternais etc.).

Comecei a vivenciar uma intensa crise de adaptação àquele modelo escolar, e também a perceber que a escola, em vários momentos, era entediante e sarcástica. Transformei-me em um ardiloso perito em fugas das escolas, e em um depredador de patrimônios. Fugia pelas janelas, pelos muros, enganava os porteiros, mentia para minha mãe, soltava bombas no banheiro e nas escadarias, pichava paredes, banalizava o trabalho dos/as docentes etc. Não gostava das dinâmicas escolares, a não serem as imbricadas aos esportes e as músicas.

Acima afirmei que era um ardiloso perito, mas aqui, também afirmo que os ardilosos peritos tem seus dias de fracassos ingloriosos. Vieram às reprovações, as desistências, as constantes mudanças de escolas, as preocupações com meu futuro, os choros, as descrenças, e por fim, a decisão de afastar-me de escolas. Minha mãe não acreditou.

Passei a vagabundear por um período extenso, enquanto minha irmã e meu irmão construía belas carreiras escolares e acadêmicas. Não desprezo minhas itinerâncias, delas sou parte, e foi a partir delas que compreendi a necessidade das reconstruções. Foi uma soma de fatores que me levaram a buscar uma mudança paradigmática em minha coexistência.

Trabalhei em várias áreas antes de conscientizar-me e reiniciar o processo escolar e acadêmico que outrora foi abandonado. Fui ajudante de ourives, pequeno comerciante, sucateiro, tutor/animador em festas infantis, entre várias outras atividades exercidas, precariamente remuneradas e informais, mas todas essas vivências forneceram sinais relevantes para guiarem-me a uma constatação profissional que surgiu no devir: ser educador.

E quando ressurgiu a vontade de realizar estudos acadêmicos, decidi me concentrar

para finalizar o Ensino Médio, e posteriormente, ingressar nos cursos de Licenciaturas em História e Pedagogia. Mas antes de detalhar como foi essa descoberta, vou narrar meu reencontro com a capoeiragem.

Entre os anos 1998 e 1999, durante as vadiações nas orlas e ruas do Janga, conheci novos moradores que vieram da cidade vizinha, Olinda. Eram capoeiristas, identificavam-se como angoleiros². Logo me juntei a eles e passei a aprender sobre o universo da Capoeira. Atentamente, observava suas movimentações na praia, também os admirava cantando e tocando berimbau. Porém, quando fui pela primeira vez a uma roda, com toda complexidade e ritualística, fiquei fascinado, novamente com o corpo e espírito arrebatado pelos encantos e mistérios da capoeiragem, desta vez a Capoeira Angola. Embora que dessa vez, já estava mais velho, e um pouco mais maduro, ainda não foi nesse momento que decidir adentrar e assumir responsabilidades em um grupo de Capoeira. Mas, sentia que esse momento estava próximo.

Nos anos de 2007 e 2008, participei da organização e execução dos Fóruns Holísticos que aconteciam na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Nesse período, comecei a forjar pensamentos e atitudes, no sentido de recomeçar minhas formações acadêmicas para contribuir, efetivamente, com as possíveis transformações sociais. Sendo assim, ao aproximar-me da UFRPE, na segunda metade de 2007, por esse canal transdisciplinar, denominado Fórum Holístico, fui selecionado para participar do Pré-acadêmico (curso preparatório para o vestibular). Estava em uma fase de consolidação de ideias e ideologias que já tinha adotado, no entanto faltavam-me alguns elementos para impulsionar minhas vontades e recomeços.

Foi nos Fóruns Holísticos que, estrategicamente, fundi o desejo de contribuir com as transformações e lutas sociais, preparando-me também na Academia, com o sonho de ser e pertencer a Capoeira, imergindo nas complexidades e belezas da Cultura Popular. Na UFRPE participei de oficinas de Capoeira Angola (mediadas pelo Prof. Handersson Telha do Grupo de Capoeira Angola Dois Irmãos), que estavam inseridas nas programações dos Fóruns Holísticos. Nessas oficinas observei, com mais cuidados, as Rodas de Capoeira Angola. Identifiquei-me com o grupo. Percebi que estava no momento para assumir e aventurar-me em novos caminhos.

Estava percebendo minhas mudanças em relação com meus posicionamentos políticos e afetivos, e tomei a decisão de iniciar o processo de aprendizagem nesse grupo. Fui bem aceito naquele grupo. Essa aceitação revelou algo característico na capoeiragem, o

² Angoleiro e angoleira são os termos usados para classificar os/as praticantes.

acolhimento e a coletividade. Contudo, por motivos institucionais, o grupo teve que interromper suas atividades. Essa interrupção representou o fim desse coletivo na UFRPE. Nesse ínterim, tinha participado de oficinas e Rodas de Capoeira em Olinda, com os Professores André Luiz Ferreira do Nascimento³, do Grupo de Capoeira Espírito de Angola (GCEA) e Sérgio Henrique Gomes Ribeiro de Senna⁴, do Grupo de Capoeira Herança de Angola (GCHA). Desejando continuidade e aprendizado, comecei a frequentar assiduamente os treinamentos, estudos e eventos do GCHA, até vestir a camisa do grupo e assumir as devidas responsabilidades com o coletivo, no início de 2009.

Com o passar dos anos, comecei a perceber dimensões da capoeiragem que instigaram minhas buscas, curiosidades e dúvidas. A dimensão política, certamente, é revolucionária e libertária⁵. No cerne da Capoeira existe o enfrentamento a opressões, o combate a desigualdades, o anseio e busca pela libertação. A dimensão concernente a sua historicidade⁶, tanto revela sua importância no processo de construção e formação da sociedade brasileira, quanto sinaliza para os momentos em que a manipulação e cooptação, fizeram adeptos/as da Capoeira reproduzir opressões e violências desmedidas. Rebeldia, luta e resistência cultural são alguns elementos que configuram a herança ancestral da Capoeira. Mas, foi a dimensão educativa, com seus fazeres e concepções, que me provocou questionamentos, e, sobretudo necessidades de descobrir como essa manifestação pode contribuir com a formação e transformação da sociedade.

Com muito esforço e superação, e após concorrer em alguns vestibulares para ingressar em cursos de graduações, consegui primeiramente, em 2009, iniciar uma Licenciatura Plena em História, na Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO). E no início de 2011, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Durante a Licenciatura em História, tive experiências decepcionantes com docentes. Também tive bons exemplos, porém não foram suficientes para me fazerem perceber e decidir ser educador. Já na Licenciatura em Pedagogia, foi maior o peso das boas experiências e exemplos com os/as docentes do curso. Em ambos os cursos, direcionei minhas pesquisas, intenções e projetos para os estudos sobre a Capoeira Angola, bem como sobre as culturas

³Atualmente, Mestre André Luiz, com titulação concedida pelo Mestre Moraes do Grupo de Capoeira Pelourinho (GCAP).

⁴Co-fundador, professor e coordenador do Grupo de Capoeira Herança de Angola.

⁵ Concebo esses atributos a dimensão política porque há inúmeras pesquisas que comprovam que, em alguns episódios da história da sociedade brasileira, capoeiristas lutaram por equidade, isonomia e libertação.

⁶ Entendendo a historicidade como uma dimensão que comporta aspectos, fenômenos e registros relacionados ao advento da capoeira em sua conjuntura histórica.

africanas e afro-brasileiras.

Todavia, foi durante o curso de Pedagogia e as demais atividades atreladas a minha trajetória naquela instituição, que me fizeram entender que minhas escolhas (até as inconscientes) proporcionaram, lentamente, a formação de um educador. E que seria através de processos e paradigmas educativos que deveria incorporar a missão de transformar a educação escolar em oportunidades e espaços mais atrativos. Nesse sentido, apresento como a ação e colaboração das/dos capoeiristas presentes na UFRPE, conspiraram para o fortalecimento de um ideal, por intermédio de diálogos, parcerias, pesquisas, atreladas a graduação e a um Projeto de Extensão.

De 2012 a 2015, fui corresponsável pelas mediações das aulas e vivências do Projeto de Extensão de Capoeira Angola na UFRPE. A esse projeto tenho um apreço inestimável. Pois, nele fui sendo agraciado com processos de aprendizagens que transcendem a cultura acadêmica, com isso fortalecendo minha crença de que a Capoeira Angola pode ser um vetor para um processo educativo mais significativo e transformador.

Quando iniciei o curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRPE, também iniciei um processo mágico e complexo em minha vida: a paternidade junto com a efetivação de um relacionamento conjugal e com seus atributos (mudança de endereço, busca por aumento de rendas, adaptações, conflitos conjugais etc.). Então, assumindo esse dever, deparei-me com o seguinte dilema: como dar continuidade, harmonicamente, aos treinamentos sobre as movimentações da Capoeira Angola e iniciar as vivências da paternidade e do casamento? Rapidamente, senti que no porvir, renúncias seriam necessárias.

No GCHA, discutimos bastante sobre o conceito de ‘negativa’ da Capoeira. Concebemos que em algumas circunstâncias de nossas histórias, devemos colocar (ou a própria Capoeira se põe) na ‘negativa’. Foi o meu caso particular, tive que ausentar-me e diminuir a frequência em algumas atividades do GCHA. Lá, em nossos estudos e diálogos, buscamos a compreensão de que a dimensão mais evidente e tangível da capoeiragem se põe na negativa, isto é, nos ausentamos dos treinos e movimentações, das rodas e eventos etc. E alcançamos o entendimento de que a capoeiragem pode ser ativada nas inúmeras relações com o mundo, nesse sentido, não sendo totalmente negativada. E foi assim, que pensei na possibilidade de treinar na UFRPE e promover estudos sobre a Capoeira Angola com outras pessoas na academia.

Solicitei a autorização do meu professor (Sérgio Senna) para tentar realizar articulações que promovessem tais ideias. Após a autorização concedida, no processo de maturação do projeto, antes de iniciarmos a empreitada de negociações e parcerias na UFRPE,

consideramos que tal projeto seria uma reativação da capoeiragem na instituição sob a perspectiva e gestão do Grupo de Capoeira Herança de Angola, pois no ano 2000, enquanto estudante de Licenciatura em História, o capoeirista Sérgio Senna, junto com outras pessoas, deram início as práticas de Capoeira Angola nessa instituição.

Assim, no primeiro semestre de 2012, fui ao encontro do Professor Moisés de Melo Santana, na época Diretor do Departamento de Educação (DED), membro (co-fundador) do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), e capoeirista. De súbito, como um capoeirista que reconhece e sente que a chamada⁷ é para o jogo, aceita a proposta de parceria, sugere possibilidades e referenciais para a realização do projeto, e indica o diálogo com a coordenação do curso de Pedagogia.

Entusiasmado, fui ao encontro com a coordenação do curso, apresentei a proposta, dialogamos e, mesmo com algumas desconfianças e discordâncias, insistimos para que a coordenação apoiasse uma iniciativa vinda dos/as estudantes, nesse sentido ajustamos os pormenores do projeto para ser desenvolvido em um ambiente que, com evidência, apresentou-se resistente para apoiar nossa proposta.

No primeiro dia de atividades, contamos com as presenças de três estudantes do curso de Pedagogia (Karla Aparecida, Íris Silva e Auristela Neta), que fortaleceram o processo inicial da articulação, mobilização e efetivação do projeto. Preparamos o ambiente e cumprimos com que tínhamos combinado com a coordenação. Contudo, no dia seguinte nos convocaram à coordenação para, formalmente, avisar que essa prática não deveria ser mais desenvolvida naquele departamento, argumentando que o prédio e as salas do departamento não forneciam a estrutura adequada àquelas práticas. Obviamente, desconfiamos de que uma visão e ação discriminatória sobre a Capoeira, mais uma vez foram desenvolvidas. Recebi aquele golpe com serenidade. Uma rasteira daquelas mal aplicadas, da qual o/a capoeirista sabe que deve entregar-se a movimentação para, sorrateiramente, soerguer-se com elegância, equilíbrio e sensatez.

Nos corredores da UFRPE, indicaram-me o nome da Prof.^a Denise Maria Botelho, professora lotada no Departamento de Educação, Coordenadora do NEAB (na gestão de 2012 a 2014), e também capoeirista. Foi mais uma grata surpresa, saber que angoleiras estavam presentes no Departamento de Educação da UFRPE. Encontrei a Prof.^a Denise em um evento, apresentei nossas intenções, e ela concordou em dialogar conosco, porém era final de

⁷ Movimento da Capoeira no qual os/as capoeiristas realizam por inúmeras intenções (quebras de ritmos, ciladas, estéticas de jogo, descanso etc.) e que é caracterizada por uma pausa nos golpes, para ser desenvolvidos passos conjuntos.

semestre, e tivemos que aguardar o período de férias. Ao iniciar o segundo semestre letivo de 2012, voltamos a procurar a Prof.^a Denise para articular uma parceria entre o GCHA e o NEAB.

Durante os diálogos, fui avisado da submissão de seu projeto de pesquisa *A Diversidade Racial em Escolas de Recife e Região Metropolitana* no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O projeto foi aceito. Sendo assim, paralelamente aos diálogos sobre a efetivação da parceria, fui concorrer no processo seletivo de bolsistas do projeto da Prof.^a Denise ao PIBIC. Fui selecionado para ser o bolsista, com os intuitos de colaborar com o projeto de pesquisa, apreender sobre as dimensões da pesquisa científica, e para desenvolver o trabalho denominado *A Capoeira Angola, o Resgate e a Valorização da Cultura Negra Africana e Afro-brasileira*. Junto com a Prof.^a Denise, e com Andréa Mendes e Andréa França, foram construídos processos que marcaram minha trajetória acadêmica, assim consolidando minhas aspirações em estudar a Capoeira Angola no ambiente acadêmico/científico.

Durante o PIBIC, realizarmos os acertos sobre o nosso projeto em parceria, e contamos com o apoio de Marcelo Ragner Guerra da Silva, também membro do GCHA, professor de Geografia, e que tinha acabado de ingressar no Bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE. E foi no final do segundo semestre de 2012, que iniciamos a capoeiragem na Rural, sob a chancela e coordenação do GCHA e do NEAB, tendo como mediadores do Projeto os estudantes Danilo Santos do Vale e Marcelo Ragner Guerra da Silva. Com efeito, nos envolvemos com as ações do NEAB, tornando-nos membros desse núcleo. Apesar de iniciarmos no final do segundo semestre de 2012, adotamos o mês de março de 2013, como marco simbólico do início das atividades.

O início do nosso Projeto foi marcado por resistências, intolerâncias e conquistas. Em parceria com o Departamento de Educação Física (DEFIS), desde o início do Projeto desenvolvemos nossas atividades na Sala de Aulas Práticas I e II. No entanto, novamente, nos deparamos com um cenário conflituoso, repleto de preconceito, onde em diversos momentos torna-se hostil para as nossas práticas. Obviamente, reconhecemos que a negação e escamoteação de princípios e valores de culturas afro-brasileiras, fazem parte de uma intricada estrutura social ancorada no racismo e no unilateralismo cultural. Como também, reconhecemos que as tensões na academia e nas sociedades não de existir. Por isso, fazemos da luta pela transformação social o nosso desafio.

Escutamos críticas fundamentadas no racismo e no preconceito racial, sofremos golpes duros provenientes de protocolos institucionais, apreendemos como jogar o jogo dos

opressores, bem como decodificar seus discursos, gestos e silêncios. Não ficamos parados/as! Oferecemos o que a Capoeira Angola tem nos ensinado: lutar por ideais baseados na equidade e no bem viver. Com as orientações de nossos/as mentores/as, continuamos nossas práticas, respeitando as regras instituídas e dialogando com respeito, sobretudo, com as inúmeras pessoas do DEFIS que percebem os valores presentes nas práticas da Capoeira e que nos apoiaram durante nossa permanência em suas instalações.

Em 2012, a UFRPE é marcada por uma conquista promissora e vanguardista. A iniciativa é do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), que em articulação com movimentos sociais, docentes, estudantes e representantes da sociedade civil organizada conquistam uma façanha que, sem dúvidas, torna-se uma benfeitoria a humanidade. É oficializada a Resolução Nº 217/2012⁸, que determina o estabelecimento do componente curricular *Educação das Relações Étnico-Raciais*, nos cursos de graduação da UFRPE. Com essa determinação, ampliam-se as possibilidades de contratação de docentes e pesquisadores sobre tal temática, de bolsas de iniciações científicas, de debates e eventos, e, sobretudo, fortalece as lutas por uma universidade mais equânime e justa, que alcance a construções de políticas públicas voltadas para a valorização e promoção da igualdade racial.

Após um período marcado por adaptações, instabilidades e conquistas no desenvolvimento de nosso Projeto, tanto a gestão da Prof.^a Denise no NEAB, quanto a do novo coordenador, o Prof. José Nilton de Almeida, professor lotado no DED, e primeiro contratado para assumir o componente curricular *Educação das Relações Étnico-Raciais*, nos cursos de graduação da UFRPE (sede), concordam com a ideia de submeter nosso Projeto ao Edital de Bolsas de Extensão da Pró-Reitoria de Atividades de Extensão (PRAE). E, após a seleção, nosso Projeto foi legitimado com a denominação: *Projeto de Extensão de Capoeira Angola na UFRPE*.

O referido Projeto é sucursal ao GCHA, pois adota as abordagens metodológicas e filosofias de nosso grupo de origem. Nele encaramos o desafio de promover um processo educativo pautado nos princípios e valores da cultura afro-brasileira sob a perspectiva da Educação Popular, para empreender formações mais significativas, dialógicas e prazerosas para as pessoas envolvidas no Projeto. Outro objetivo do Projeto condiz com a realização de ações educativas em escolas próximas ao *campus* da UFRPE. Nesse sentido, nos aproximamos da Escola Estadual Lions de Parnamirim, da Escola de Artes e Reforço Escolar Icauã Rodrigues (ECARE) e da Escola Municipal Nova Morada (EMNM). Alguns/mas estudantes dessas

⁸ Vide documento no Anexo E.

escolas participaram de ações de nosso Projeto de Extensão. Porém, é a comunidade acadêmica que mais marca presença nos estudos e práticas do projeto. Discentes de licenciaturas e bacharelados, técnicos administrativos e docentes são beneficiados/as com os estudos e fundamentos da Capoeira Angola, por intermédio dessa ação extensiva.

Basicamente, no Projeto de Extensão, durante os processos de estudos, buscamos a compreensão das subjacências da Capoeira Angola. Ao iniciarmos o entendimento sobre suas bases, possivelmente, podemos perceber o quanto é precioso, para nossas formações e transformações, os princípios e filosofias dessa manifestação afro-brasileira. Quatro dias por semana fazíamos estudos sobre sua história, musicalidade e movimentação, bem como em inúmeras rodas de diálogos e participações em eventos da universidade e de outras instituições.

Imbuído da filosofia da Capoeira Angola, percebo que tenho que ser firme, sereno e cuidadoso no que tange a complexidade da educação escolar. Também, enxergo-me na incompletude do ser, que deve buscar amparo, conforto e fortaleza nos paradigmas filosóficos e educacionais libertadores. Atualmente, tenho consciência que devo trazer para as minhas práticas na educação institucional, os saberes apreendidos na cultura popular, para alcançar o equilíbrio e a sinergia no fazer educativo. E, sobretudo, lutar contra as opressões e injustiças que configuram e estruturam diversas escolas e instituições educativas brasileiras.

Ao pensarmos sobre as necessárias mudanças paradigmáticas nas ciências, nesse caso as concernentes aos âmbitos e epistemologias educacionais, iniciamos com a perspectiva da *escrita de si* para ampliar os diálogos com os/as leitores/as, no sentido de oferecer conhecimento sobre alguns aspectos das trajetórias vivenciadas e o encontro com o cerne do proposto estudo. Assim, como Souza (2007) e Neves (2010), acreditamos na possibilidade da interpretação das relações entre a dimensão pessoal e os contextos culturais através da escrita de si.

Toda essa complexidade narrada anteriormente contribuiu com a formação de questionamentos, bem como a formação de minha personalidade, para constituir uma postura científica em busca de resoluções. Também dedico a narrativa supracitada, para registrar a importância dessas pessoas e instituições em minha vida, concernentes as minhas escolhas, nos caminhos, muitas vezes espinhosos, da ciência acadêmica.

Essa pesquisa teve como objetivo principal analisar as práticas educativas da Capoeira Angola desenvolvidas em ambiente escolar, com base no Artigo 26-A⁹ da Lei de Diretrizes e

⁹ “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2004, p. 35).

Bases da Educação Nacional, por vias da construção e execução de um Projeto Didático com a Escola Municipal Nova Morada.

Porém, para alcançar as compreensões pretendidas, será necessário realizar outros objetivos, tais como: viabilizar na EMNM as determinações do Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no que concerne ao ensino sobre culturas africanas e afro-brasileiras; compreender as diferenciações e intencionalidades das práticas da Capoeira Angola nos ambientes da educação formal e não-formal; realizar intervenções didáticas como estratégia de ampliação de discussões; analisar as principais dificuldades apresentadas nos desenvolvimentos das práticas da Capoeira Angola na escola observada.

Nossa pesquisa visa contribuir com a melhoria dos processos educativos em instituições escolares que se utilizam de recursos didáticos apoiados em preceitos e princípios oriundos de manifestações culturais afro-brasileiras. Nesse caso, especificamente, a Capoeira Angola. Contudo, reconhecemos que outras expressões da cultura popular, sendo vivenciadas nas escolas públicas, como o Maracatu, o Cavalo-Marinho, o Frevo etc., também podem ser caminhos transformadores, e que podem apresentar aspectos educativos semelhantes aos da Capoeira.

Porém, sabemos que existem tensões estabelecidas entre o Estado e movimentos sociais e sociedade civil, que incidem nos inúmeros campos da educação escolar, a exemplo dos currículos, das gestões etc. No entanto, há movimentos e pessoas que buscam realizar ações para transformar a educação escolar, para que ela cumpra seu papel de agente para a conscientização social e formação para a cidadania.

Obviamente, também reconhecemos que se essas manifestações culturais sendo articuladas na escola, não forem operacionalizadas de maneira lúcida e consciente, estarão a serviço de uma lógica alienante, onde a escola torna-se aparelho de manutenção ideológica do Estado e centraliza suas ações, unicamente, na formação de mão de obra para o sistema capitalista. Nesse sentido, transformando suas práticas em um processo excludente, nocivo e unilateral. Por isso, conforme o pensamento de Silva (2010) é considerável admitir que a Capoeira sendo mediada de maneira consciente poderá ser um:

[...] símbolo de contestação da lógica vigente e sua fundamentação filosófica, centre-se em uma simbologia que extrapola o conceito de educação escolar, ratificando o verdadeiro conceito de educação, que não estabelecem fronteiras, nem limites para as relações de ensino-aprendizagem. (SILVA, 2010, p. 100)

Portanto, nossa pretensão foi analisar as práticas educativas da Capoeira Angola na

escola pesquisada para também identificarmos como suas ações podem interferir tanto nos processos de ensino quanto nos das aprendizagens, e como o diálogo entre uma manifestação da cultura popular e a escola pode contribuir com as formações das crianças.

Foi de suma importância entender como as gestoras e as educadoras da escola percebiam a Capoeira, bem como elas passaram a perceber após as ações da pesquisa, porque a partir desse entendimento, poderemos estabelecer um nexos entre “alternativas educacionais” nas escolas e transformação social. Desse modo, Silva explica que a Capoeira pode contribuir com:

[...] potencialidade na construção da pedagogia social, contudo esta só se firmará na prática a partir de uma apropriação crítica por parte dos educandos e educadores, pois a capoeira poderá facilmente estar servindo tanto à “revolução” quanto à “conformação alienada”. (SILVA, 2010, p.103)

Destarte, para alcançarmos algumas inquietações concernentes aos escopos da pesquisa, partimos de uma questão norteadora: Como as práticas educativas que abarcam os ensinamentos e fundamentos da Capoeira Angola, favorecem a construção das identidades culturais nas escolas, sendo possíveis provedores de subsídios para a formação crítica dos/as agentes envolvidos/as?

Porém, para ampliarmos a apreensão do problema gerador da pesquisa, devemos considerar outros questionamentos como: Quais são as barreiras enfrentadas pelos/as gestores/as e educadores/as nas práticas desenvolvidas pela pesquisa em questão? Por que inserir a Capoeira Angola nas dinâmicas escolares? Como estabelecer vínculos didáticos entre os parâmetros da Educação Formal e da Educação Não-Formal? A Capoeira Angola pode ser na escola um vetor da Educação Libertadora? Como são gerenciados os formatos educativos das atividades da Capoeira na escola investigada? Como podem ser elaborados projetos interdisciplinares com as práticas da Capoeira? Quais são os elementos da Capoeira que fortalecem as construções das identidades culturais na escola?

A complexidade que envolve a educação escolarizada na contemporaneidade requer entendimentos sobre os substratos da Política, da Filosofia, e da História da Educação. Não obstante, o que também motivou desenvolver a pesquisa proposta, foi compreender como a complexidade das manifestações culturais, que estão intrinsecamente, imbricadas aos contextos atuais da política e da educação, podem se transformar em “alternativas educacionais” que supram algumas deficiências dos sistemas de ensino do Recife (como por exemplo, as práticas educativas da Capoeira Angola na escola), tencionando para as

ressignificações de atitudes e pensamentos referentes aos relacionamentos com si mesmo, com os ambientes e com a sociedade.

Desse modo, essa pesquisa torna-se um *continuum*, iniciada através do incentivo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na Universidade Federal Rural de Pernambuco, em que foi desenvolvida a investigação em duas escolas públicas da rede de ensino de Olinda, no ano de 2012, cujo objetivo foi analisar a Capoeira Angola nas escolas, sendo um instrumento de resgate e valorização da cultura negra africana e afro-brasileira. Ademais, acreditamos que, possivelmente, os contributos para a educação escolar gerado pelo desenvolvimento da pesquisa em questão, podem proporcionar uma nova visão acerca das manifestações culturais como vetores educacionais nas escolas, bem como fortalecer o combate a preconceitos e ações discriminatórias nas escolas e fora das escolas.

As relações entre a dimensão educativa da Capoeira Angola com os processos e culturas da educação escolar, são os principais focos de análise derivada da pesquisa apresentada nesse texto. Nesse sentido, as ações com as práticas da Capoeira Angola consistem em promover práticas que possam possibilitar o contato e a percepção de suas dimensões lúdica e política, carregadas com suas complexidades epistemológicas, nas dinâmicas educativas da escola investigada. Desse modo, sua relevância é evidenciada, na medida em que essas relações comprovem que algumas práticas educativas em algumas instituições escolares, necessitam de reconfigurações. Isto é, a [re]construção de significados e de abordagens educativas que materializem saberes, os sentidos das práticas educativas.

Na Escola Comunitária de Artes e Reforço Escolar Icauã Rodrigues (ECARI), que está situada no Loteamento Nova Morada, no bairro Caxangá em Recife, vivenciamos as práticas e atividades planejadas no nosso Projeto de Extensão e no Grupo de Capoeira Herança de Angola. Por intermédio dessas ações e a convite de uma das lideranças da ECARI que nos aproximamos da Escola Municipal Nova Morada (EMNM) para também agregarmos as ações do Projeto de Extensão nessa escola.

A partir da aproximação e dos diálogos com a gestão e com o corpo docente da EMNM, foram levantadas algumas problemáticas vivenciadas nas dinâmicas da escola, bem como foi negociado a possibilidade do desenvolvimento dessa pesquisa em conjunto com a escola. Outro fator relevante, em que baseamos o projeto com a escola, é condizente a obrigatoriedade descrita no Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que institui que seja promovido pelas práticas docentes o:

[...] estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a

cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2004, p. 35)

Também foram relatados problemas relacionados aos desempenhos escolares, e pensando nesse problema, foram projetadas as práticas da Capoeira Angola em aliança com as atividades habituais da escola, por exemplo, a leitura e a escrita, o desenho e a pintura, a educação ambiental etc. Desse modo, buscamos oferecer possibilidades de encontros e críticas a partir de uma perspectiva educativa, tendo a Capoeira Angola como uma questão central, mas não centralizadora. Com ela, percebemos as possibilidades para instigar as curiosidades e os aprendizados com a comunidade escolar, para que sejam enriquecidas pela diversidade cultural e pela pluralidade dos saberes.

Concebo a Capoeira Angola em uma relação simbiótica com as teorias da transdisciplinaridade e com a da complexidade, e nutro a crença de que ambas se complementam. Partindo do entendimento de que:

A teoria da complexidade e a da transdisciplinaridade surgem em decorrência do avanço do conhecimento e do desafio que a globalidade coloca para o século XXI. Seus conceitos se contrapõem aos princípios cartesianos de fragmentação do conhecimento e dicotomia das dualidades e propõem outra forma de pensar os problemas contemporâneos. (SANTOS, 2009, p. 15)

Após entrar em contato com a teoria da transdisciplinaridade e suas formulações acadêmicas, passei a refletir sobre algumas aprendizagens que construímos no GCHA. No decorrer de minha vivência e convivência com esse coletivo cultural que se organiza para depreender a aventura de representar e lutar pela valorização de suas manifestações, fui percebendo que alguns aspectos semelhantes entre os ensinamentos da Capoeira Angola e da transdisciplinaridade. Por exemplo, a compreensão de que a energia da Capoeira está presente em diversos campos e atitudes da condição humana, e que também pode extrapolar os limites desses campos. Segundo Nicolescu:

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, 2015, p. 11)

Percebo que um enfoque na ‘capoeiragem transdisciplinar’, pode ofertar caminhos diversos para a consolidação das aprendizagens tanto em ambientes dos grupos de Capoeira quanto nos ambientes escolares. Nesse bojo, a intuição, a imaginação, o corpo e o sentimento

estão enredados em formatações educativas. Atribuo a capoeiragem, o significado de configurar experiências interacionais e suprasensoriais que figuram o processo formativo de cada organismo vivo, baseadas nas movimentações, filosofias e princípios da Capoeira Angola. Conceição (2009) aborda em seus estudos o universo transdisciplinar da Capoeira Angola, e apresenta o conceito de uma Capoeira Cosmovisionária. Porém, sobre o aspecto transdisciplinar o autor considera que:

A Capoeira Angola é uma expressão corporal quântica (de unidade no diverso), precisamente transdisciplinar, íntegra na luta pelas superações da injustiça, da infelicidade coletiva, dos preconceitos e das desordens ambientais! O caráter meditativo e a dança ritualística (tântrica) estão fortemente presentes na Capoeira para consolidar a atenção, o cuidado integral e a paz interior. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 104)

Com base nesses elementos, atribuímos ao nosso projeto educativo na Escola Municipal Nova Morada, significados semelhantes aos de Conceição (2009), para efetivarmos uma prática educativa coerente com os sentidos libertários. Mais adiante Conceição analisa que:

A Capoeira Angola contribui para o nosso encontro interior; aprofunda a conquista da auto-estima, auto-confiança e auto-cuidado; nos fortalece de argumentos filosóficos, gestos e encontros que demonstram superações de ódios, intolerâncias, invejas, frustrações, depressões, ansiedades sexuais e políticas, medos, paixões fanáticas, preconceitos e outras formas de conflitos internos e externos. Sabemos que os corpos serenos que praticam atos solidários alcançam a Capoeira Cosmovisionária mais rapidamente! (CONCEIÇÃO, 2009, p. 105)

Com os princípios e fundamentos pertinentes ao universo da capoeiragem, alimentamos a crença de que podemos construir processos educativos eficientes, e pertinentes ao Artigo 11 da Carta de Transdisciplinaridade¹⁰. Desse modo, percebemos que rigor metodológico, a avaliação processual e a abertura foram bases indispensáveis para a efetivação da capoeiragem transdisciplinar na EMNM. Buscando compreender nossas condições voltadas ao aprendizado, bem como reafirmar a necessidade das mudanças educativas para promover aprendizagens mais prazerosas e eficazes. Como Paulo Freire pensa, estamos atentos/as para entender que:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em que apreender é uma

¹⁰ “[...] Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.” (CETRAN, 2015, p. 70)

aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 2011, p. 68)

Com a EMNM, buscamos contribuir com suas construções e reconstruções, compartilhando experiências e saberes, fundamentada nos princípios da cultura da Capoeira Angola em parceria com as epistemologias em que a pesquisa está assentada. E alcançar o que reafirma Libâneo (2009, p. 9): “[...] aprofundamento teórico através da prática.”.

No Capítulo I apresentamos um ensaio sobre o surgimento da Capoeira Angola em Pernambuco sob pontos de vistas pessoais e de relatos dos agentes dessa história. Também nesse primeiro capítulo foram feitas interpretações sobre a dimensão educativa da Capoeira Angola, enfatizando suas intersecções e relações nos ambientes formais e não-formais.

O Capítulo II apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa. E trata de analisar como os paradigmas da transdisciplinaridade e da complexidade correlacionam-se com os fenômenos da Capoeira Angola na dimensão educativa. Também trata de descrever os procedimentos metodológicos como: abordagens, planos de ação, instrumentos de pesquisa etc.

E no Capítulo III, descrevemos o processo de construção do Projeto Didático na Escola Municipal Nova Morada. E, sobretudo, os resultados do desenvolvimento do Projeto, junto com as análises dos dados coletados, com base nos referenciais teóricos e metodológicos adotados.

1. IÊ A QUEM ME ENSINOU: DIMENSÃO EDUCATIVA DA CAPOEIRA ANGOLA

1.1 Relatos sobre a história da Capoeira Angola em Pernambuco

Ao analisar parte da literatura que se dedica a historiografia da Capoeira, percebemos que há anos, pesquisadores/as produzem obras sobre aspectos antropológicos e sociológicos ligados à Capoeira. Há inúmeras obras que trata dos aspectos históricos tanto da Capoeira Angola, como da Capoeira Regional.

Também percebemos que existem obras dedicadas às especificidades regionais e locais dos fenômenos da capoeiragem. O exemplo de, “A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro” (SOARES, 2001), onde encontramos registros relevantes, em um recorte histórico, sobre as idiossincrasias dos agrupamentos de Capoeiras, suas influências na sociedade carioca, bem como a perseguição e opressão direcionada as maltas. Sobre os processos na Bahia, diversas obras debruçam-se sobre os pormenores de grupos de Capoeira, sobre biografias de grandes mestres, bem como sobre características e informações históricas da Capoeira na Bahia, a exemplo de “Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico”, de Rêgo (1968), bem como a própria obra do Mestre Pastinha, “A Capoeira Angola” (PASTINHA, 1988). Na obra, “Capoeira, Identidade e Gênero” (OLIVEIRA; LEAL, 2009) apresentam uma reflexão sobre a historiografia da capoeira, analisam questões sobre identidade, cultura e gênero a partir de personagens presentes na literatura, e direcionam pesquisas para os fenômenos da capoeira na região norte do Brasil. Nas obras, “A capoeiragem no Recife Antigo: os valentes de outrora” (BELTRÃO, 2007), “Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República” (LIMA, 2006), e “Brinquedo, luta e arruaça: o cotidiano da capoeira no Recife de 1880 a 1911” (MARQUES, 2012), está contido histórias e relatos sobre a época dos brabos e valentões da capital pernambucana, análises sobre como os sujeitos e suas práticas eram reprimidas, e também como os capoeiras se posicionavam diante daquela estrutura política e social.

Atualmente, com apenas alguns cliques em sítios de busca e pesquisa na internet, rapidamente, encontramos inúmeros textos, artigos, entrevistas, vídeos, músicas etc, sobre vários assuntos referentes a Capoeira, desde os contextos mais específicos quanto aos contextos globais. No entanto, sobre as particularidades da Capoeira Angola em Pernambuco, são poucas obras escritas que apresentam e marcam o surgimento desse legado cultural. Essa memória resiste, sobretudo, por intermédio da oralidade. Porém, existe um trabalho de

conclusão de um curso de Jornalismo, de uma faculdade do Recife, em que os/as pesquisadores/as realizaram uma pesquisa, reunindo e analisando uma série de depoimentos e entrevistas que foram compiladas em um vídeo documentário – *É Manha, É Mandinga – A Capoeira Angola em Pernambuco* (LAPA; ALMEIDA; TELES, 2012). Um material relevante, que destaca algumas minúcias desse processo por pessoas que protagonizaram essa história.

A oralidade é um importante elemento dentro da complexa tessitura das culturas africanas e afro-brasileiras. As memórias, as histórias, as culturas, as identidades, também são construídas por intermédio da oralidade. No campo científico, percebe-se que mudanças estão ocorrendo, no que concerne a valorização dos registros e aspectos orais, nas elaborações de pesquisas, sobretudo nos âmbitos das ciências humanas.

A dimensão da oralidade é um aspecto de extrema significância para inúmeras culturas africanas e afro-brasileiras. Pois nela, a complexidade da transmissão dos conhecimentos e da comunicação, é revigorada e ampliada no decorrer de seus cursos. A importância da oralidade como processo educativo na Capoeira é destacada por Abib (2004), Andrade (2010), Araújo (2004), Gomes (2012), Nogueira (2007) e Júnior (2011).

Na capoeiragem de outrora, a oralidade teve relevante papel, pois a construção e transmissão dos conhecimentos se davam por essa via, e na configuração atual de inúmeros grupos de Capoeira, a oralidade mantém-se vivaz e capaz de proporcionar aprendizagens significativas para as pessoas que assimilam sua importância e que usufruem dessa dimensão.

Durante os anos em que participei das dinâmicas do GCHA, percebi que a oralidade se faz presentes em inúmeros processos, sejam eles coletivos ou individuais. Sempre o professor do grupo está estimulando diálogos sobre inúmeros assuntos, tanto entre os/as participantes do grupo, quanto entre os/as visitantes que também participam das atividades do grupo. E foi através dos incontáveis relatos, do nosso próprio professor do GCHA, dos relatos dos/das capoeiristas e mestres de capoeira que visitam no grupo, e, sobretudo, do documentário “É Manha, É mandinga” (LAPA; ALMEIDA; TELES, 2012), que apresento um breve relato, com minhas interpretações e traduções, sobre o surgimento da Capoeira Angola em solos pernambucanos. Bem como, reconheço que a história da Capoeira Angola em Pernambuco é digna de pesquisas e estudos mais aprofundados, por isso consideramos que essa secção, também tem a função de estimular novas pesquisas sobre os fatos, personagens e eventos históricos que tornam viva a história dessa capoeiragem em Pernambuco.

No centro do Recife, durante vários anos, acontecia uma roda de capoeira que era considerada o lugar dos bambas, tanto pelos capoeiristas que a frequentavam, quanto pelas

peessoas que conhecia a infâmia daquela roda. Dizem que muitas brigas, atos violentos e agressões aconteciam naquela roda, bem como as dores, mágoas e ressentimentos que surgiam dali, eram alimentados para fora dela. Muitas informações e depoimentos sobre esse período, no que concerne aos acontecimentos e participantes dessa roda de rua, consta no vídeo, *A Capoeira de Pernambuco: Os Valentes Capoeiras*, produzido pelo Mestre Ulisses Cangaia e sua equipe de pesquisa e produção.

Dizem que era uma roda de rua que acontecia com regularidade e que, supostamente, apresentava capoeiristas preparados para travar lutas individualistas, comprovando suas destrezas e forças corporais. A roda de rua reserva e expressa suas minúcias. Nessas a qual nos referimos, alguns de seus pormenores eram a violência e agressões contidas nos jogos, e a permanência e insistência de seu desenvolvimento na rua. Talvez, naquele momento histórico, alguns capoeiristas que participavam daqueles eventos, não estavam atentos para a complexidade da capoeira ou não estavam antenados com as discussões e debates que ocorriam entre alguns grupos baianos de Capoeira Regional e de Capoeira Angola, sobre a importância de explicar a sociedade brasileira que a Capoeira é um fenômeno sociocultural que pode oferecer inúmeros benefícios aos/as praticantes e a sociedade, e que seu legado histórico e político deviam ser preservados, e que os mestres fossem mais respeitados pelas instâncias sociais e políticas.

Reza a lenda que, no desenrolar de uma dessas rodas, um visitante inesperado surgiu. Era o Cobra Mansa¹¹. Esse sujeito chegou à roda, observou sua dinâmica, pediu licença e entrou para a vadiação. Dizem que, ele fez inúmeros jogos, pois os capoeiristas presentes quiseram testar suas habilidades. Também afirmam que, ele jogou com leveza, elegância, e extrema sagacidade. Os que queriam pegá-lo, não conseguiram. Esguio, malicioso e sorridente, Cobra Mansa jogou, cantou, louvou e respeitou o ritual e as pessoas que estavam presentes. No final da roda, as pessoas foram ao seu encontro para perguntar onde tinha aprendido a jogar capoeira daquela forma, ele dissera que estava aprendendo Capoeira Angola na Bahia, e indicou o GCAP e o Mestre Moraes para as pessoas que estavam interessadas em buscar aquele conhecimento.

Assim sendo, um grupo pioneiro de pernambucanos foram buscar a Capoeira na Bahia e no GCAP, com a intenção de aprender sobre a Capoeira Angola. Chegando lá, iniciaram processos de adaptação aos formatos do GCAP, e de adequação a cultura da Capoeira Angola.

¹¹ Cinésio Peçanha, atualmente Mestre Cobra Mansa. Personagem importante não apenas para a capoeiragem pernambucana, mas para o cenário mundial da Capoeira. Mestre de Capoeira e pesquisador, ativo nos debates, preservações e estudos sobre a Capoeira.

Considero que essas pessoas são peças-chaves nesse processo, pois em sua maioria, já eram capoeiristas reconhecidos dentro do cenário recifense e olindense.

Após alguns anos de aperfeiçoamento e estudos na capital baiana, essas pessoas retornaram para Pernambuco, especificamente para Olinda, onde estruturaram o Grupo Gunga. No início da década de noventa, houve a primeira oficina de Capoeira Angola em Pernambuco, mediada pelo Mestre Moraes e os/as integrantes do GCAP-BA, na sede do Grupo Gunga. Essa oficina foi fruto das relações e articulações entre o grupo pioneiro de pernambucanos que se aventuraram a buscar os conhecimentos da mandinga e da capoeiragem na Bahia.

Para muitos, essa oficina representa um marco na história dessa manifestação em Pernambuco, pois sua realização forjou o fortalecimento dos/as capoeiristas em Olinda, estreitou os laços entre o GCAP-BA e os/as capoeiristas de Pernambuco, e promoveu uma nova visão sobre as dimensões e complexidade da Capoeira enquanto fenômeno político e cultural. Nessa oficina, foi firmada uma parceria entre os dois grupos, onde o grupo olindense passou a ser uma unidade do GCAP, e sob as orientações e coordenação do Mestre Moraes, passou a ser chamado GCAP-Olinda.

Porém, como consequência dessas mudanças de pensamentos, atitudes e comportamentos, os/as angoleiros/as de Olinda sofreram duras perseguições, ameaças e violências de outros grupos de Capoeira que não estavam satisfeitos com a presença e dinâmica de uma nova forma de ser capoeiristas nas rodas pernambucanas. Por isso, muitas brigas e discussões foram travadas, e muitas desavenças e desentendimentos também fizeram parte dos relacionamentos entre os capoeiristas de Pernambuco.

Após alguns anos de interações entre o GCAP e o núcleo GCAP-Olinda, motivados por discrepâncias, chega ao fim a relação de ‘tutoria’ entre os grupos. Daí, o grupo olindense passa a ser chamado de Grupo Angola Capoeira Mãe, e após alguns anos o grupo decide mudar a nomenclatura e passa a chamar-se Grupo de Capoeira Angola Mãe, sob a liderança do Mestre Sapo, capoeirista que esteve presente no rol dos pioneiros que outrora buscaram os ensinamentos da Capoeira Angola na Bahia, e que retornaram para promover uma revolução histórica para a capoeiragem pernambucana. Fatos relevantes a ser destacado, é que essa escola de Capoeira Angola, tornou-se uma grande referência, e que por anos foi a única a promover os estudos e práticas sobre a Capoeira Angola em Pernambuco, e, igualmente, que a partir dela surgiram outros grupos que fortalecem a dinâmica e salvaguarda desse patrimônio brasileiro e mundial, como por exemplo, o Grupo de Capoeira São Bento Pequeno, o Grupo

de Capoeira Angola N'golo N'gunzu, Grupo de Capoeira Angola N'golo Bantos, Grupo de Capoeira Herança de Angola entre outros.

Em rodas, diálogos, eventos e textos, essas histórias são contadas com mais ênfases e detalhes, pelos que participaram dos processos descritos acima. E conforme essas memórias são compartilhadas e registradas, surgem inúmeras reflexões para configurar as aprendizagens sobre o processo histórico dessa capoeiragem em Pernambuco, e consequentemente para apreendermos sobre a importância e sobre as identidades culturais dos/as capoeiristas, tanto dos/as que participaram do advento em Recife e Olinda, quanto para percebermos as influências que essas informações e conhecimentos contribuem para a construção das identidades dos/as capoeiristas da nova geração. Nesse sentido, as reflexões, a oralidade, a memória, e os valores contidos no processo de formação da Capoeira Angola em Pernambuco, incorporam a dinâmica educativa responsável por transformações significativas no pensamento sobre a complexidade da Capoeira.

1.2 Reflexões sobre a dimensão educativa da Capoeira Angola: intersecções entre os aspectos não-formais e formais

O pensamento complexo, orientado por Edgar Morin, será indispensável para analisarmos a tessitura do fenômeno em jogo. Mesmo com o olhar para a dimensão educativa da Capoeira Angola, não nos furtará a identificação e a reflexão sobre alguns aspectos sociológicos, filosóficos, históricos e políticos imbricados a essa complexa manifestação afro-brasileira, por isso trazemos as perspectivas da complexidade para o conjunto de nossas ações durante os processos e etapas da pesquisa. Acreditamos que assim, poderemos alcançar a compreensão sobre particularidades que pertencem a um todo. Nesse sentido Morin indica uma relevante afirmação:

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto. (MORIN, 2003, p.89)

Os pensamentos de Maria da Glória Gohn sobre a educação formal e a educação não-formal, são conceitos que reforçam nossas reflexões sobre os elementos e aspectos presentes

na dimensão educativa da Capoeira Angola. Para a autora (2006), a educação não-formal é de suma importância para as sociedades, porque é também por intermédio de seus processos que são viabilizadas as capacitações para os indivíduos tornarem-se cidadãos.

Acreditamos que os grupos de capoeira, e demais grupos, associações, coletivos etc., que são regidos por orientações éticas e por lideranças que asseguram a lisura e a sinergia dos grupos, possivelmente, estão manifestando e compartilhando os processos da educação não-formal.

Por essa pesquisa ser realizada em parceria com uma Escola Municipal da Rede Educacional do Recife e ter como referência as práticas da Capoeira Angola, especificamente, adotando os procedimentos pedagógicos do Grupo de Capoeira Herança de Angola, isto é, espaços reconhecidos como sendo da educação formal e não-formal, aderimos como parâmetro os estudos de Gohn, justamente, por termos como evidência os diálogos e as interações entre elementos manifestados nos processos desses territórios. Sobre a educação não-formal, como a própria autora preconiza:

Em hipótese alguma ela substitui ou compete com a Educação Formal, escolar. Poderá ajudar na complementação dessa última, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizada no território de entorno da escola. A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, via a forma e espaços onde se desenvolvem suas práticas, a exemplo de um conselho ou a participação em uma luta social, contra as discriminações, por exemplo, a favor das diferenças culturais etc. Resumidamente podemos enumerar os objetivos da educação não-formal como sendo: a) Educação para cidadania; b) Educação para justiça social; c) Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais, etc.); d) Educação para liberdade; e) Educação para igualdade; f) Educação para democracia; g) Educação contra discriminação; h) Educação pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais. (GOHN, 2006, p. 32-33)

Na secção que se refere às análises sobre as práticas da Capoeira Angola com a escola participante da pesquisa, trará mais dados sobre como aconteceram essas interações durante a investigação.

1.2.1 Elementos, aspectos e caminhos educativos presentes nas culturas das Capoeiras

Ao investigar produções literárias, documentários, entrevistas, revistas, registros fotográficos e outros materiais, que tratam dos aspectos e processos educativos presentes nas práticas da capoeiragem, encontramos uma série de obras que destacam esses elementos alinhados as legislações, aos tempos históricos e aos pormenores institucionais.

Dessa maneira, encadeamos alguns elementos para configurar nossas reflexões sobre a dimensão educativa da capoeira, e para, a seguir, analisarmos seus potenciais no que concerne às dinâmicas da educação escolar. Notadamente, a depender das apreciações e dos pontos de vista, alguns elementos não irão fazer parte desse encadeamento, no entanto, isso não significa nossa desconsideração de seus potenciais e importância para os processos educativos.

A incerteza sobre as origens da Capoeira é algo que provoca inúmeras investigações e debates. Recentemente, as discussões focavam nas asseverações sobre sua proveniência africana ou sobre seu advento em terras tupiniquins, tendo como influência culturas indígenas e quilombolas. Atualmente, há congruência, como resultados de pesquisas e estudos, que o fenômeno da Capoeira é desenhado por africanos e afro-brasileiros no Brasil, tendo como pano de fundo o processo de colonização. Daí, ressaltamos que a Capoeira surge em contextos violentos e opressores, emergindo das camadas populares que lutam por libertação. Com efeito, também podemos afirmar que em suas bases estão à insurgência, a rebeldia e a indignação como elementos catalisadores das lutas contra o sistema colonialista.

Supracitados, estão elementos que constituem os alicerces da Capoeira, e que junto com outros elementos fizeram-na resistir e adaptar-se aos tempos, e consequentemente, recriar-se conforme as circunstâncias sociopolíticas e as demandas de seus/suas artífices.

Notadamente, esses elementos fazem parte de teorias e pensamentos sobre a educação, que, sobretudo, buscam ampliar consciências e modificar padrões e sistemas políticos. Encontramos em Freire (2000) a amplitude da indignação, em Brandão e Assumpção (2009) a cultura rebelde como sentido da educação popular, e em Keim (2011) o pensamento sobre a educação como filosofia e prática insurgente para a emancipação humana.

Por estarmos, historicamente, em uma configuração sociopolítica que torna a ideologia racista um dos pressupostos teóricos que moldam as ações e determinações políticas, tanto a Capoeira, quanto inúmeras manifestações culturais e religiosas de matrizes africanas e afro-brasileiras, sofreram (e continuam sofrendo) violentas perseguições e proibições.

No entanto, as resistências e organizações contra as opressões sempre existiram, assim conquistando direitos em favor da salvaguarda dessas culturas, e as modificações nas legislações no que concerne a garantia dos direitos para a preservação e manutenção desses patrimônios culturais, e sobre a conscientização da importância de seus legados ancestrais.

No caso da Capoeira, desde suas primeiras aparições, o Estado percebeu o quanto ela poderia ser danosa para seus propósitos de dominação e exploração, pois seus principais artífices, a população negra, empoderavam-se para lutar contra o sistema e alcançar libertações. Por isso, suas práticas sempre foram reconhecidas como criminosas, chegando a ser enquadrada no Código Penal de 1890¹².

Fazemos a síntese desse histórico para destacar e exaltar o teor da Capoeira no que tange as resistências contra as arbitrariedades e as opressões. Com isso, ressaltamos que esse aspecto é basilar na cultura da Capoeira, e que sendo preservado com cuidados, possivelmente, contribui para uma postura mais autônoma e questionadora por parte de quem usufrui desses ensinamentos. Para tanto, precisamos de práticas educativas que busquem tratar dessa história com seriedade, no que condiz a promover suas trajetórias históricas com fidedignidade, isto é, apresentando os contextos históricos, exaltando as ações de seus/suas artífices, indicando as contradições dos discursos e ações dos governos etc. Assim, contribuindo para a conscientização sobre a importância dos signos e símbolos dessa cultura, na construção da sociedade brasileira.

Mais dois relevantes elementos que encontramos nos processos educativos da Capoeira são: a oralidade e a ancestralidade. A oralidade, cuja importância permeia a história da humanidade, está presente de maneira significativa nos processos educativos da Capoeira, bem como encontramos, com efetividade, suas nuances em outras manifestações culturais afro-brasileiras. Rosângela Araújo, a Mestra Janja do Grupo Nzinga de Capoeira Angola, considera a oralidade um pilar dessa cultura tradicional, e nos ensina a seguinte perspectiva:

Como oralidade, apresentamos a principal via de repasse do conhecimento que, embora podendo variar nas estruturas individuais de relacionamento (mestre-discípulo) e/ou coletiva de envolvimento (mestre-discípulos e, estes entre si), corresponde à valorização de uma técnica de educação tradicional africana. (ARAÚJO, 2004, p. 14)

¹² “Art. 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem, andar em correrias com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena de prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único: É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.” (BRASIL, 2014, p. 88)

Nas culturas escolares das escolas da região metropolitana do Recife, a escrita, no currículo oficial, é tratada com mais ênfase e amplitude, desde as séries iniciais. Porém, encontramos uma série de documentos e textos que orientam sobre as questões que tratam da oralidade nos ambientes e processos escolares. Conforme o pensamento de Araújo (2004), entendemos que a dimensão da oralidade dentro da complexidade das dinâmicas da Capoeira Angola, podem favorecer as aprendizagens na escola, e, sobretudo, contribuir com a valorização das culturas afro-brasileiras e com o pertencimento étnico-racial.

Sobre a ancestralidade, dimensão de difícil apreensão, apontamos para seus efeitos nas construções das identidades culturais, tanto no que se refere aos indivíduos quanto aos coletivos. Dentro da convivência, que é outra via formativa e transformadora, das culturas africanas e afro-brasileiras, identificamos que a dimensão da ancestralidade vai sendo assimilada, e com ela a corporificação de seus atributos, rompendo com paradigmas que isolam e separam as ligações identitárias e os conhecimentos. Convivência e ancestralidade fundem-se em um elo que pode colaborar com um caminho educativo que preze pela dialogicidade e pelo auto-conhecimento. Nossas escolas precisam de tais potenciais para fortalecer os laços humanitários e planetários nas práticas e ações escolares. Marcos Santos orienta que:

A convivência é esta outra noção ancestral que configura o processo educativo para além do escolacentrismo que caracteriza o modelo ocidental. Somente através do aspecto convivial é que as pessoas passam a se conhecer e a colaborar mutuamente no âmbito da aldeia, da comunidade, no tecido social cotidiano. Conviver significa, nesta dimensão, viver junto aos outros e partilhar a vida (suas decisões, descobertas, surpresas e angústias) na aprendizagem cotidiana dos modos de ser. Aqui se instala a possibilidade mais concreta do encontro furtivo com o iniciador, pois é através da convivência com ele ou ela é que, por meio de suas atitudes, aprendemos nossas heranças e nossas possibilidades no exercício da *criação* – paradoxalmente, nossa mais importante herança. Os modos possíveis de ser somente se aprendem no exercício da existência na convivência com os outros possíveis: a pluralidade. (SANTOS, 2005, p. 219)

E Araújo (2004) nos apresenta um entendimento à dimensão da ancestralidade, considerada pela autora como um paradigma formativo, e que cabe, proporcionalmente, aos nossos propósitos investigativos e metodológicos.

Assim, o uso que fazemos do termo *ancestralidade*, neste estudo, extrapola qualquer entendimento sobre descendência biológica e/ou étnica. Tomamos este termo como referência a dois importantes entendimentos: o primeiro sobre a presença do Mestre Pastinha como matriz de uma descendência cujas reflexões estruturam os códigos de pertencimento e resistência cultural, promovendo também a valorização da sua memória. O segundo entendimento diz respeito aos vínculos entre a capoeira e o candomblé/umbanda, como referência de pertencimento e não como atividade, já

que não existe uma implicação que torne obrigatória aos praticantes da capoeira sua iniciação nestas religiões, e vice-versa. Neste entendimento adota-se a ambiência de uma africanidade pautada no convívio com o sagrado, com o sobrenatural, o mistério, estando em pauta a temática da identidade, de forma complexa. (ARAÚJO, 2004, p.14)

A ancestralidade compreendida por esse viés, a meu ver, fortalece os laços e as memórias sobre as raízes históricas da Capoeira, trazendo para a reflexão problemas imbricadas as culturas africanas e afro-brasileiras, tanto no passado quanto no presente, inserindo nas pautas diárias das aprendizagens, as questões sobre as identidades culturais.

1.2.2 Capoeira Angola e escolas

Aqui expomos algumas reflexões sobre como as práticas que levam ao entendimento dos princípios educativos da Capoeira Angola podem estar presentes nos cotidianos escolares, contribuindo com as formações e transformações das comunidades escolares.

Desse modo, partimos do reconhecimento de que a escola é um constructo sociohistórico, determinado por intrincadas influências de inúmeras ideologias e instituições, e que historicamente funciona sob perspectivas e tensões atreladas às redes políticas e institucionais, visando em muitos casos, assegurar estabelecimentos de poder, em detrimento de indivíduos das massas populares que são cooptados/as por essas redes.

No entanto, também reconhecemos que existem inúmeras escolas, que estão reformulando suas práticas e currículos, no sentido de antagonizar com os modelos que prezam pela dominação e reprodução ideológica.

Partilhamos com os pensamentos que consideram a escola e suas interconexões e intersecções com uma variedade de culturas. Desse modo, Candau e Moreira concebem que:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados. (MOREIRA; CANDAU, 2003 p. 160)

Ao perceber que a instituição escolar é um componente de um complexo circuito cultural, invariavelmente, tomamos a consciência sobre as possibilidades de existências de curtos-circuitos, isto é, colapsos ocasionados por incompatibilidades e tensões, no que tange em suas relações com outros componentes do circuito.

Quais são os principais problemas que dificultam as relações entre manifestações da Capoeira Angola com algumas escolas? Como efetivar diálogos e produções harmônicas entre tais culturas? Em que a Capoeira Angola pode contribuir e transformar na dinâmica escolar?

Assim, refletimos sobre esses questionamentos ao tratar especificamente da cultura da Capoeira Angola em interação com a cultura escolar. Autores como Radicchi (2013), Barros (2012), Keim e Silva (2012), Kohl (2014), Silva Júnior (2010), Araújo (2004), Conceição (2009), Campos (2001), Breda (2011), entre vários/as outros/as pesquisadores, apontam para a relevância dos conhecimentos e princípios educativos da Capoeira como aportes para a formação de crianças, jovens e adultos nos ambientes escolares.

Porém, o histórico da inserção da capoeiragem nas instituições de ensino, envolto por conflitos e tramas ideológicas que, em minha análise, revela a proeminência de dois aspectos subjacentes aos fundamentos da Capoeira Angola: a adaptabilidade e a resistência cultural.

Na obra de Barbieri (2013) encontramos uma fonte de interpretações, informações e críticas que revelam o processo de escolarização da Capoeira. Nessa obra, o autor discorre sobre como a Capoeira foi inserida nas instituições escolares, ao ponto de ser descaracterizada e subordinada pelas regras institucionais e políticas vigentes à época. Sobre a ‘visão moderno-esportiva’ que sustenta a Capoeira nos contextos escolarizados, apontada em sua pesquisa, Barbieri critica que:

Desta forma, a Capoeira, um fenômeno cultural (re)criado pelo povo, tem sido ensinada e praticada na Escola, pretensamente, respaldada pelos defensores dessa apropriação, os quais, frequentemente, alegam, dentre outros argumentos, nem sempre consistentes, que, esta, é uma atividade lúdica, ligada às raízes afro-brasileiras, que se apresenta como excelente recurso a ser utilizado na, ainda, chamada atividade “extraclasse”, para alunos da séries iniciais do Ensino Fundamental, principalmente. Ora, certamente não é possível negar que a ludicidade é uma das características principais do fenômeno Capoeira e nem, tampouco, que tal componente da existência humana é fundamental para o processo de Educação (principalmente se esta for concebida como um processo de aprender a ser-no-mundo), no contexto deste nível da chamada Educação Básica. Porém, em nada se favorece o desenvolvimento da ludicidade, submetendo a Capoeira aos padrões, princípios e premissas do chamado “treinamento desportivo” próprio da manifestação denominada, ainda, de Esporte de Rendimento, ou Esporte de Alto Nível, que, como é do conhecimento de todos, propõe máxima rigidez e “seriedade” tanto no desenvolvimento do processo de iniciação, quanto no de aperfeiçoamento do aprendizado de qualquer atividade considerada como uma “modalidade esportiva”, ou colocando-a sob os códigos, normas, regulamentos e pressupostos da Escola que, sabe-se hoje não é uma instituição “risonha e franca” como pensavam nossos antepassados. (BARBIERI, 2013, p. 128)

Assim, Barbieri (2013), defende em sua tese que apesar dos percalços e das influências que constituem o processo de escolarização da Capoeira e que permanecem na visão atual de sua presença na escola, um dos caminhos a ser percorrido é o da “capoeirização

da escola”, no sentido de refazer concepções que proporcionem interações mais críticas e complexas entre a Capoeira e a escola.

Esportivização e modernização eram atributos que foram incorporados a concepção da Capoeira na escola, e por consequência dessa concepção, enquanto novos elementos de origem eurocêntrica eram inseridos à cultura da Capoeira, outros elementos e símbolos significativos, sobretudo os atrelados às culturas africanas e afro-brasileiras, foram retirados de seus parâmetros. Que a meu ver, findou em um processo de desvalorização de suas raízes culturais. Nesse sentido, Trindade afirma que:

A Capoeira Angola, por exemplo, viveu um momento da sua história, década de 1930, em que esteve ameaçada de desaparecimento quando um seguimento social, para negar a africanidade da capoeira, criou um novo estilo e determinou a capoeira uma manifestação genuinamente brasileira. Não só deste determinismo, mas muitos outros vitimaram a capoeira limitando-a a mais uma, simples, manifestação folclórica ou atividade esportiva. (TRINDADE, 2008, p. 97)

Ao jogar nas rodas, muitos/as capoeiristas buscam movimentar-se para criar possibilidades de interação com as emoções, com os códigos e símbolos da Capoeira, e, sobretudo com as pessoas presentes na roda. Percebe-se que como resultados dessas relações, são construídos conhecimentos, ideias, experiências e percepções. Assim, consideramos que esses resultados fazem parte de construções epistemológicas. Para Santos e Meneses (2009):

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda noção ou idéia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via de um conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e actores sociais. E como uma e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias. As diferenças podem ser mínimas e, mesmo se grandes, podem não ser objecto de discussão, mas, em qualquer caso, estão muitas vezes na origem das tensões ou contradições presentes nas experiências sociais sobretudo quando, como é normalmente o caso, estas são constituídas por diferentes tipos de relações sociais. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 9)

Um grande desafio ao/as que lutam para estabelecer diálogos e interações respeitadas entre a Capoeira Angola e a escola, condiz com a transformação da visão que ainda subalterniza e reduz os conhecimentos e fundamentos dessa cultura. E para Santos, Meneses e Nunes (2005), o que vem provocando, secularmente, esses desafios, é a chancela do conhecimento científico que inferioriza os conhecimentos oriundos de culturas distintas. Esse é um aspecto de problema que esses/as autores/as dão o nome de crise epistemológica:

A resposta a essa situação de crise epistemológica passa por um duplo processo de debate interno no próprio campo da ciência e de abertura de um diálogo entre formas de conhecimento e de saber que permita a emergência de ecologia de saberes em que a ciência possa dialogar e articular-se com outras formas de saber, evitando desqualificação mútua e procurando novas configurações de conhecimentos. (SANTOS, 2005, p. 24)

Essas ‘outras formas de saber’ que os/as autores sinalizam, dentro das análises e das reflexões tratadas nesse texto, são reconhecidas também por suas configurações com similaridades aos conhecimentos científicos.

Devem-se incorporar atitudes de enfrentamento, sob o viés da Capoeira Angola em diálogos com as culturas escolares, aos processos que reproduzem e culminam na desvalorização e aniquilamento desses conhecimentos, e que estão sendo operados pelas influências de teorias e epistemologias que defendem a superioridade do conhecimento dominante.

Por isso, reconhecemos a grandiosidade do desafio ao içar as bandeiras de lutas da Capoeira Angola no jogo com a escola e seus pormenores. Nesse sentido consideramos que esse ‘jogo’, pode contribuir com mudanças significativas para as comunidades escolares, pois com a complexidade que envolve as ‘gingas’ das capoeiragens (entendo a ginga como um elemento que nos movimenta a ação política e pensamento crítico) estarão em movimentações a busca pela igualdade racial nas dinâmicas escolares, o confronto aos discursos e ações com base em ideologias que prezam pela dominação, os diálogos sobre relações étnico-raciais, e a constante busca pela emancipação e pela transformação.

A colonialidade do poder, para Quijano (2009) é um elemento que se origina do colonialismo e, que pode ser conceituado como um elemento do sistema capitalista que sustenta as relações raciais com implicações às classificações de superioridade e subalternidade entre as classes sociais e as culturas. Encontramos nos pensamentos de Quijano (2009) e de Santos (2005), a concepção de que, politicamente, o colonialismo foi extinto, contudo a colonialidade do poder permanece em nossas inúmeras práticas sociais. E como conseqüências desses sistemas, os/as autores/as afirmam que:

São disso exemplo a redução dos conhecimentos dos povos conquistados à condição de manifestações de irracionalidade, de superstições ou, quando muito, de saberes práticos e locais cuja relevância dependeria da sua subordinação à única fonte de conhecimento verdadeiro a ciência; a subordinação dos seus usos e costumes ao direito do Estado moderno e das suas práticas econômicas à economia capitalista; a redução da diversidade da organização social que os caracterizava à dicotomia Estado/sociedade civil; e ainda a conversão da diversidade das suas culturas e cosmologias em superstições sujeitas a processos de evangelização ou aculturação. Esta redução, nas suas diferentes facetas, por muito arbitrária que fosse na sua

origem, acabou por se tornar uma ortodoxia conceitual, e foi responsável pela subordinação e pela própria invisibilidade do sul. A negação da diversidade é inerente ao colonialismo. (SANTOS, 2005, p. 26)

Por isso, acreditamos que muitos desafios e barreiras precisam ser superados dentro dos formatos curriculares e pedagógicos instituídos pelas escolas, pois ainda são reproduzidas inúmeras formas de inferiorização de conhecimentos que não pertencem aos arrolamentos do conhecimento científico eurocêntrico. Para tanto, será necessário que aberturas para o diálogo com as culturas e possibilidades de ações permanentes, sejam viabilizadas pelas redes de ensino, como já vem ocorrendo em algumas redes de ensino e gestões escolares.

E a Capoeira Angola jogando com as escolas, de forma equânime e respeitosa, pode ser um movimento que contribua com a implementação do Artigo 26-A¹³ imbricado a Lei 10.639, nas práticas escolares. Tendo como princípios a redução e o enfrentamento às discriminações e ao racismo nos ambientes escolares, estratégias educativas podem ser elaboradas com a intencionalidade de promover diálogos e práticas, cujos elementos, signos e símbolos da Capoeira Angola possam ser instrumentos de conscientização política e de construções de identidades. Pertinente a Lei em questão, ao examinar a legislação para a promoção da igualdade racial no Brasil, Marques considera que:

A edição dessa Lei representa não apenas a inclusão do ensino de História da África e da Cultura afro-brasileira nos currículos escolares, mas sim a mudança de perspectiva nos componentes curriculares para que a história e a cultura da África e afro-brasileira passem a ser valorizadas nos ambientes educacionais promovendo a identidade positiva das pessoas negras. (MARQUES, 2016, p. 32)

Partimos da crença que o enfoque do trabalho com Capoeira Angola nas escolas não seja restrito a formação de capoeiristas, pois cujo processo formativo deve ser determinado pelas vivências em grupos de Capoeira, e, por conseguinte ser orientado por Mestres/as, contramestres/as ou professores/as de Capoeira, no sentido de apreender os direitos e deveres imbricados a essa formação. Porém, consideramos que a capoeiragem nas escolas, pode partilhar ensinamentos valiosos com as comunidades escolares. Por via da oralidade, da musicalidade, da convivência, da corporeidade e de outros elementos que configuram as subjacências da Capoeira Angola pode ser estabelecida estratégias educativas que provoquem

¹³ “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. [...]” (BRASIL, 2006, p. 262)

as comunidades escolares a refletirem sobre culturas africanas e afro-brasileiras, no sentido de reconhecer e valorizar suas histórias e suas presenças nas construções da sociedade brasileira.

Não será uma tarefa fácil inserir as práticas da Capoeira Angola no jogo da educação escolar. Existem vários exemplos de trabalhos e diálogos em que as práticas da Capoeira Angola estão configurando as dinâmicas e currículos escolares.

O Mestre Moraes e o GCAP vêm sendo um exemplo, no que se refere valorização e preservação da Capoeira Angola, e especificamente com as articulações políticas com a secretaria de educação de Ilha de Maré, onde já ocorre o envolvimento das crianças da escola da comunidade com os princípios educativos da Capoeira Angola. Essas iniciativas e atitudes sinalizam para necessidade de perseverar, para conquistar espaços que, com trabalho cooperativo e comunitário, possam vir a ser decisivos para as formações e transformações de nossas crianças, como é o caso da escola e da Capoeira Angola.

Refletindo sobre as estruturas curriculares em tensões com as culturas, Pereira afirma o seguinte:

[...] se as culturas resultam, entre outros aspectos, de construções ideológicas, os currículos por sua vez, não deixam de participar dessa realidade. Por conta disso, o jogo social da construção/desconstrução que sustenta as estruturas curriculares nos ameaça, por um lado, com o enrijecimento de conteúdos e valores, mas, por outro, nos estimula (em função do dinamismo inerente ao próprio jogo) a elaborar/reelaborar tendências de ensino-aprendizagem permeadas pelo espírito da autocritica e do respeito às diversidades sociais. (PEREIRA, 2007, p. 19)

Com isso, consideramos que tanto a escola quanto as manifestações da Capoeira Angola nas escolas, necessitam reconhecer suas estruturas, valores e seus princípios, ao modo de que possam estabelecer diálogos e ações pertinentes a propósitos educativos que culminem na conscientização e na formação da cidadania, onde sejam viabilizadas pelos sentimentos de coletividade e solidariedade. Segundo o pensamento de Kohl:

Fica evidente que, qualquer que seja a construção epistêmica pretendida, a mesma não pode ser uma atitude solitária por parte de algum conteúdo, disciplina ou qualquer outra esfera da escola. Será a partir de um conjunto de atitudes fortemente articuladas, contínuas, planejadas, discutidas e comprometidas que se poderá dar conta de efetivar um projeto político-pedagógico que busque uma educação humanizante para uma cidadania além da restrição referente ao entendimento de direitos e deveres. (KOHL, 2014, p. 108)

Essas são reflexões que precisam continuar sendo reformuladas e compartilhadas, tanto nos âmbitos escolares e acadêmicos, quanto nos espaços onde a capoeiragem é mais apreendida e expressada, ou seja, nos grupos, escolas e coletivos de Capoeira, nas

organizações, federações e associações onde capoeiristas mobilizam-se para defender e preservar a Capoeira. Pois com a dinâmica do compartilhamento e do diálogo, podem ser fortalecidas e viabilizadas as ideias e ações que estejam sintonizadas com os princípios educativos da Capoeira Angola, no que concerne a busca por isonomia, enfrentamento as formas de preconceito e discriminação, e a formação e transformação das pessoas.

2. IÊ QUE VAI FAZER? – FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 No jogo das identidades culturais e da teoria da complexidade

A Capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que dispõe de elementos educativos com enormes potenciais para a formação das pessoas, e que desde sua inserção nos meios educacionais institucionalizados, vem sendo utilizada com finalidades recreativas, desportivas e/ou educativas. Para Santos (2012), a Capoeira contribui com a formação crítica do cidadão, e afirma que:

[...] como uma ferramenta de auxílio no processo educativo na escola e na comunidade, tem proporcionado aos estudantes uma forma diferente de ver as possibilidades de crescimento enquanto pessoa no contexto social, político e educacional através das vivências, práticas e ensinamentos, técnicos e históricos, de forma a desenvolver a auto estima e confiança, contribuindo assim para que os mesmos busquem sempre melhores condições de vida. (SANTOS, 2012, p. 5-6)

Nesse sentido, voltamos às lentes para os aspectos político-ideológicos que fundamentam os desdobramentos da Capoeira na sociedade. Segundo Araújo (2004, p. 135), a Capoeira Angola pode ser caracterizada e entendida “[...] para além de um jogo corporal, mas sim como um jogo político em que estão colocados aspectos da resistência cultural [...]”.

E sendo analisada no campo da educação, Araújo (2004, p. 135) afirma que a Capoeira é “[...] um sistema cultural complexo, aberto a alteridade e promotor de ações educativas voltadas à formação e fortalecimento da identidade comunitária, formadora também da auto-representação.”.

Desse modo, identificamos elementos, tanto no potencial educacional da Capoeira, quanto nas suas vicissitudes históricas, como a resistência cultural e identidade comunitária, que propiciam a construção da identidade nos contextos escolares contemporâneos. Conforme o entendimento de Castells (2002) sobre os atores sociais, identidade é:

[...] o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. (CASTELLS, 2002, p. 22)

Sendo assim, podemos entender que as alteridades e diversidades culturais podem ser expressas nas dinâmicas escolares, e (re)construídas a partir de referenciais culturais instrumentalizados nas inúmeras interações vivenciadas nas escolas. Daí, as práticas da

Capoeira nas escolas podem abarcar as perspectivas da educação multicultural, que segundo Vera Candau, possibilitam que os/as estudantes desenvolvam:

[...] habilidades, atitudes e conhecimentos necessários para atuar no contexto da sua própria cultura étnica, no da cultura do dominante, assim como para interagir com outras culturas e situar-se em contextos diferentes dos de sua origem. (CANDAU, 2005, p. 26)

Entendendo que a Capoeira Angola é concebida no seio da cultura popular, especificamente as culturas afro-brasileiras, e reconhecendo que a necessária mudança social não será operada a partir das camadas socioeconomicamente favorecidas pelo sistema vigente, acreditamos que algumas mudanças de pensamentos e atitudes podem ser viabilizadas, por uma proposta educativa referenciada nos princípios e valores da cultura popular. Princípios condizentes com a busca pela efetivação da equidade de direitos, pelo fim de injustiças e opressões sociais, pelo enfrentamento ao racismo, machismo, sexismo etc., e pela valorização e reconhecimento da diversidade cultural. Como diz Abib (2004):

[...] isso não significa dizer que a educação não-formal referenciada na cultura popular, não possa ser também utilizada para além das camadas excluídas da população, ou seja, ela deve também ser voltada para segmentos da população com indicadores sociais mais elevados, pois esses segmentos podem ser também beneficiados por programas educacionais que visem uma maior conscientização sobre a necessidade de valorização dos saberes presentes na cultura popular, no sentido da busca por transformação social. (ABIB, 2004, p. 151)

Percebo a Capoeira através de suas multidimensões. No entanto, sua dimensão educativa vem propiciando-me uma releitura crítica do mundo. Sinto que, uma vez contagiado pelo balanço e pela provocação à rebeldia da/na Capoeira, meus demais passos e pensamentos no mundo são diferenciados. Sinto-me mais firme, tanto nas situações defensivas quanto nas ofensivas. E o mais relevante, é que me sinto mais tranquilo perante os momentos decisivos.

Reconheço que esses elementos conquistados foram potencializados a partir de meu reencontro com uma manifestação de matriz afro-brasileira, e com toda a complexidade que perfaz sua historicidade e cultura. Por isso, foi com a intencionalidade de fortalecimento de vínculos comunitários e de identidades culturais que foi elaborado o projeto didático com a comunidade da escola.

Acredito que compartilhar o ideal da transformação social é preciso, mesmo quando surgem barreiras vindas dos elementos e mecanismos que constituem as instituições. Porém, assimilando os fundamentos da Capoeira Angola, podemos compreender que novas possibilidades apontam para uma nova forma de estar e conviver com o mundo. E é nesse

sentido que Conceição (2009) apresenta, de forma explícita, a importância da Capoeira Angola para a formação crítica e humana. Conceição diz que:

Na releitura da Memória (Ancestral) Africana, a capoeira com sua profundidade filosófica influencia nos conteúdos pluriétnicos e de lutas contra todos os tipos de exclusões ambientais. Enquanto veículo de construção da auto-estima, a Capoeira Angola, para além da roda ou jogo competitivo, conscientiza crianças, jovens e adultos na direção dos direitos humanos (direito ambiental, por exemplo) pluriétnicos. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 114)

É com essa afirmação de Conceição que atribuo a relevância da Capoeira Angola nas escolas como veículo de conscientização e formação crítica. Sendo vivenciada e compartilhada de maneira consciente, isto é, reconhecendo suas possibilidades e limitações, acredito que a Capoeira Angola pode ser um eficaz elo educativo entre a educação não-formal e a educação formal.

Os contextos socioculturais, historicamente, são constituídos por complexidades que, dependendo das intencionalidades, podem vir a ser desveladas, pelos níveis de conscientização que são formatados através de propostas políticas, educativas e culturais.

Na dimensão científica, as perspectivas epistemológicas e metodológicas ancoradas no positivismo/cientificismo, especificamente, no que concerne a produção de conhecimentos, pouca ênfase é dada a complexidade dos fenômenos. Nessa pesquisa, atribuímos relevante significado a teoria da complexidade estudada por Morin (2005). Assim, segundo esse autor:

Acontece que o problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta dar conta daquilo que os tipos de pensamento mutilante se desfaz, excluindo o que eu chamo de simplificadores e por isso ele luta, não contra a incompletude, mas contra a mutilação. Por exemplo, se tentamos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. (MORIN, 2005, p. 175-176)

No contexto educacional em que é desenvolvida essa pesquisa, existem inúmeras tramas e sistemas de dominação, que são operadas ora nas sutilezas e minúcias das interações sociais, ora na bruta e massiva reprodução de ideologias excludentes que são veiculadas e assimiladas dentro e fora dos contextos e situações escolares.

Sendo assim, encontramos na teoria da complexidade um caminho para encontrarmos as possibilidades de fortalecer as interconexões perdidas ou roubadas, no que concerne aos

processos educativos. Com o pensamento complexo, ao olhar para o campo de pesquisa, bem como ao executar as intenções contidas no Projeto Didático, estaremos cuidadosos ao perceber as dimensões que compõem os diversos cenários, e as diversas pessoas participantes da pesquisa. Com isso, possivelmente, será facilitado o entendimento acerca dos problemas encontrados, e, sobretudo, será relevante para ser viabilizadas estratégias de resoluções de problemas.

Como foi dito anteriormente, a Capoeira surge de uma necessidade e de um direito primordial: a liberdade. A resistência e contestação a um esquema dominante são elementos que sustentam suas transformações durante o tempo histórico. Embora que não esteja isenta de distorções, cooptações e dominações, a Capoeira, continuamente, vem revelando seu potencial como caminho de conscientização e de educação.

Outra vertente teórica que embasa essa pesquisa é o estudo de Aníbal Quijano sobre a colonialidade e seus efeitos nas sociedades. Segundo Quijano:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América. (QUIJANO in SANTOS, MENESES, 2009, p. 73)

Identifico que existem vários grupos de Capoeira que estão centrados na conscientização, onde em suas ações e intervenções está imbricada a busca por criticidade, formação/transformação dos/as participantes, enfrentamentos as inúmeras formas de opressão, e, marcadamente, a busca pela transformação coletiva. Nesses grupos, a capoeiragem denota transgressão e contestação às forças hegemônicas e violentas de poder. Com isso, afirmo que a colonialidade discutida por Quijano, promove o conhecimento de subjugações que se perpetuam nas dinâmicas sociais, e no nosso caso específico, essa teoria será um alicerce para a compreensão das estruturas racistas, sexistas e machistas que configuram as práticas escolares.

E para compreendermos o contexto sociocultural e histórico em que a pesquisa está assentada, concebemos que na Teoria da Complexidade, sob o viés dos estudos de Morin (2005), em diálogos com os estudos sobre a colonialidade em Quijano (2009), teremos bases para entender as redes e complexas interações produzidas nas sociabilidades.

Outra perspectiva que configura os meandros dessa pesquisa são as referentes aos Estudos Culturais, sobretudo, as pesquisas fortalecidas pelas contribuições de Stuart Hall.

Conforme Hall (2003, p. 200-201), “Os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado.”. Considerando o *lôcus* dessa pesquisa, (descrito mais adiante no texto), reconhecemos que há inúmeros processos em construções e reconstruções no que concerne a complexidade das identidades dos/as participantes da pesquisa. Por isso, acreditamos na abertura das propostas dos Estudos Culturais para compreendermos o contexto que será produzido a pesquisa, bem como os conflitos e tensões ali existentes.

2.2 Encontros entre os caminhos da Capoeira Angola e da pesquisa-ação

Repensando sobre minhas experiências na capoeiragem e estudando as diretrizes e procedimentos da pesquisa-ação, encontro perspectivas semelhantes entre as abordagens da Capoeira Angola e os procedimentos do método pesquisa-ação, no que concerne a busca por mudanças, sejam estas individuais ou coletivas.

Subjacentes a esses dois caminhos, de forma a cotejá-los, estão à produção de conhecimentos, a conscientização e a resolução de problemas. O elemento da coletividade é um princípio basilar, que tende a ser fortalecido pelas dinâmicas de ambos os caminhos. Nesse sentido, optamos pelo método da pesquisa-ação no desenvolvimento da pesquisa. Para explicitar seu teor metodológico, Thiollent afirma que ele:

[...] consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas. (THIOLLENT, 2011, p. 7)

Analisando aspectos históricos da Capoeira na formação da sociedade brasileira, surgem indícios de práticas e ações vinculadas aos seus artífices que buscaram emancipação e libertação de jugos opressores. Na atualidade, essa busca ainda faz-se presente nas ações dos grupos de capoeira que determinam como caminho principal a conscientização e a politização de seus/suas participantes. Sobre a questão da tomada de consciência e resolução de problemas, ficam evidentes os nexos entre a pesquisa-ação e os propósitos da capoeira.

Ao remeter o método adotado no contexto escolar, na busca por entendimentos acerca

de alguns fenômenos e problemas que envolvem os lócus dessa pesquisa, entende-se que há uma necessidade de romper com algumas limitações das metodologias convencionais. Por isso, Thiollent considera que:

Uma das mais difundidas justificativas consiste na constatação de uma desilusão para com a metodologia convencional, cujo resultados, apesar de sua aparente precisão, estão muito afastados dos problemas urgentes da situação atual da educação. Por necessárias que sejam, revelam-se insuficientes muitas das pesquisas que se limitam a uma simples descrição da situação ou a uma avaliação de rendimentos escolares. (THIOLLENT, 2011, p. 84)

Nos contextos da Capoeira Angola, tenho apreendido que na coletividade, podemos superar as tensões e conflitos existentes em nossas estruturas sociopolíticas e culturais, e alcançar uma esfera de respeito e compreensão sobre a diversidade. Com base nas interações entre a pesquisa-ação e a filosofia da Capoeira Angola, essa investigação consiste em estimular um processo de busca e fortalecimento coletivo das comunidades escolares parceiras nessa pesquisa. Pois consideramos que:

A pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Este processo supõe que os pesquisadores adotem uma linguagem apropriada. Os objetivos teóricos da pesquisa são constantemente reafirmados e afinados no contato com as situações abertas ao diálogo com os interessados, na sua linguagem popular. (THIOLLENT, 2011, p. 85)

A autora brasileira, André (2001), reforça a compreensão de que no campo da educação, é necessário lançar enfoques multi/inter/transdisciplinares para entender a complexidade que envolve os problemas educacionais. Por isso, ela aponta para a utilização de novas abordagens de cunho qualitativo e participativo na pesquisa educacional. Porém, uma reflexão/questionamento de André (2001, pág. 55) nos acompanhará em todo processo investigativo: *“fazer ciência ou política de intervenção?”*.

Essa autora nos alerta sobre os perigos de desprezar a rigorosidade necessária na pesquisa científica, ao intensificar e concentrar as ações na dimensão da prática. Por isso, sua preocupação será remetida para nossa pesquisa, e sua crítica fará parte de nossa reflexão para sempre incitar a percepção de:

[...] quão é difícil conciliar os papéis de ator e pesquisador, buscando o equilíbrio entre a ação e a investigação, pois o risco de sucumbir ao fascínio da ação é sempre muito grande, deixando para o segundo plano a busca do rigor que qualquer tipo de pesquisa requer. (ANDRÉ, 2001, p. 57)

Essa pesquisa visa fortalecer a perspectiva qualitativa da pesquisa no campo educacional. Compreendendo que nos processos da investigação os dados qualitativos surgem como importantes componentes para o alcance dos objetivos.

Considerando que a utilização dos dados sendo realizada de forma precisa e coerente, não correrá riscos de meras inferiorizações e rotulações, do tipo que apenas considera uma pesquisa qualitativa, a que não se utiliza de dados numéricos, porque sabemos que os dados quantitativos não são os problemas, mas sim os processos de quantificações e unilateralismo científico.

Sendo assim, a abordagem qualitativa será a base dessa pesquisa. Revelando sua abordagem qualitativa na medida em que consideramos os processos e seus significados como o foco da abordagem, e também quando as explicações dos fenômenos e as dinâmicas entre as significações e ressignificações se tornam basilares para o desenvolvimento da pesquisa. Pensando na integridade e na complexidade dos fenômenos e dos/as participantes, essa pesquisa também se apóia na visão de André que revela seus aspectos qualitativos:

[...] porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. (ANDRÉ, 1995, p. 15)

Para compreender os diversos níveis de realidade do cotidiano escolar, bem como os pormenores desse contexto, buscaremos suportes da etnografia da prática escolar. Esse enfoque, possivelmente, revela problemas relacionados às relações interpessoais e pedagógicas no processo educativo da escola. Em nossa pesquisa, proporcionou visões mais críticas e abrangentes sobre as realidades que encontramos na escola, e, com efeito, possibilitou as criações de ideias mais pertinentes e realizáveis para as resoluções de problemas e tomadas de consciências. Michell Thiollent em análise precisa e louvável, diz que:

Do ponto de vista sociológico, a proposta de pesquisa-ação dá ênfase à análise das diferentes formas de ação. Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos, a ação só se manifesta num conjunto de relações sociais estruturalmente determinadas. Para analisar a estrutura social, outros enfoques, de caráter mais abrangente, são necessários. (THIOLLENT, 2011, p. 15)

Essa pesquisa também toma como pressuposto metodológico a etnografia da prática escolar cotidiana para balizar os estudos no campo da pesquisa. Utilizando os estudos de

André, entendemos que:

Esse tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia a dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo. (ANDRÉ, 1995, p. 34)

Na Escola Municipal Nova Morada, coletivamente, formatamos um projeto didático (plano de ação), com bases no Artigo 26-A da LDB, em aliança com as abordagens metodológicas e filosóficas do GCHA. Apostamos na potencialidade do projeto didático como recurso educativo propiciador de situações e experiências de aprendizagem significativas e interdisciplinares, pois pensamos que a construção coletiva e colaborativa desse projeto, com os/as participantes (gestão, docentes, e, sobretudo os/as discentes) pode vir a ser um vetor de participação e de criticidade.

Concebemos o projeto alinhado ao calendário escolar da rede de ensino, com previsão de duas aulas por semana mediadas pelo educador/pesquisador, que tem como enfoque estudos e diálogos sobre diversas temáticas em associação com as práticas da Capoeira Angola.

Também desenvolvemos as observações participantes, as intervenções didáticas, e as coletas de dados através das entrevistas semi-estruturadas. Como instrumentos da pesquisa foram produzidos durante e após as ações *in loco*: diários de campos, transcrições, e registros fotográficos e audiovisuais (devidamente autorizados).

Por isso, estivemos com cuidados para sempre estar buscando resultados e avaliações, que auxiliaram a compreensão sobre os processos de construção de identidades culturais na escola, viabilizados pelas práticas educativas da Capoeira Angola, a ampliação das discussões referentes as diversidades das identidades culturais, a contribuição com a melhoria das dinâmicas educativas na escola pesquisada, e, sobretudo, o compartilhamento dos princípios da Capoeira Angola no sentido da conscientização e da formação crítica dos/as participantes.

2.4 Ética na pesquisa

Essa pesquisa toma como fundamental o respeito aos aspectos éticos da pesquisa em educação. O Programa de Pós-Graduação Associado em Educação, Cultural e Identidades, promovido em associação pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e pela Fundação Joaquim Nabuco, não optaram pela submissão das pesquisas realizadas entre 2015 e 2016 ao Comitê de Ética em Pesquisa. Todavia, procedimentos, orientações e estudos sobre ética na pesquisa foram viabilizados para preservar os direitos e as imagens das pessoas e instituições participantes.

Por ser uma pesquisa no campo educacional, precisamente, no contexto escolar, e ter pessoas (crianças e adultos) como participantes, tivemos os cuidados de explicar sobre a necessidade da obtenção dos registros fotográficos e audiovisuais, e também dos depoimentos das entrevistas. Sendo assim, previamente, foram concedidas as devidas autorizações, tanto pela gestão da escola quanto pelas docentes, no que concernem as exposições e usos das imagens (da comunidade escolar e, dos espaços e ambientes da escola), das nomeações, e dos depoimentos.

Termos de consentimento livre e esclarecido foram produzidos para a gestão da escola e para professoras e coordenadoras que concederam entrevistas. Na secção de anexos dessa dissertação, disponibilizamos alguns desses documentos.

Nessa abordagem qualitativa, respeitando as características éticas da pesquisa científica, os depoimentos e ideias dos/as participantes, serão tratados com fidedignidade, para que evitar distorções e manipulações semânticas.

Bem como, asseguramos que qualquer produto ou uso derivado dos dados fornecidos pelas participantes dessa pesquisa (diferentes dos autorizados nos Termos de Consentimento), apenas serão expressos ou compartilhados mediante as autorizações das próprias participantes.

2.5 Etapas da pesquisa

As etapas da pesquisa não foram cristalizadas, pelo contrário foram dinâmicas e imbricadas umas as outras. Isto é, seus desenvolvimentos foram interdependentes e dialógicos. Com essa afirmação, enfatizo que no desenrolar de uma etapa da pesquisa, em alguns casos, outras etapas estiveram sinergicamente, sendo viabilizadas. No entanto, existem momentos das etapas que foram desenvolvidos de forma isolada, como por exemplo, o momento das entrevistas semi-estruturadas, porém não independente.

Durante o levantamento bibliográfico e teórico concernente a temática estudada, fizemos leituras de artigos, teses e dissertações, artigos de revistas e documentos referentes a leis, estatutos etc., também investigamos obras audiovisuais e discos de áudio. Nesse processo, foram selecionadas obras literárias, artigos, textos, materiais audiovisuais (documentários, filmes, curtas etc.), discos, leis, decretos, documentos etc., que possibilitarão construções e assimilações, por intermédio de diálogos, escritos e críticas acerca da problemática estudada.

O material levantado e assimilado serviu de suportes para as comparações, reflexões e diálogos posteriores. E antes de descrevermos com mais detalhes a próxima etapa (execução do Projeto Didático) do referido estudo, vamos apresentar o campo da pesquisa e alguns aspectos que foram levantados durante a primeira fase da pesquisa.

2.5.1 O campo da pesquisa

É chegado o momento de apresentarmos com mais detalhes o *lôcus* dessa pesquisa. Na Escola Municipal Nova Morada (EMNM) que se encontram nossos/as principais interlocutores/as e parceiras/os que participam dos processos dessa pesquisa.

A escola está localizada em Nova Morada, um loteamento que fica localizado no bairro Caxangá, na Região Metropolitana do Recife. Apesar de está localizado em área urbanizada, esse loteamento tem ares bucólicos, por causa da quantidade de fragmentos de mata e sítios que existem no local, bem como por causa dos hábitos e relações dos/as moradores/as com os ambientes do lugar. Por exemplo: no loteamento o Rio Capibaribe cruza seus limites, e com facilidade encontramos os/as moradores/as relacionando-se com o Rio. Outro exemplo concerne às interações dos/as moradores/as com os bichos do local, sejam eles domesticados ou selvagens.

Seus limítrofes com o bairro Dois Irmãos, onde está localizada a Universidade Federal Rural de Pernambuco, faz com que essa proximidade favoreça os relacionamentos dos/das moradores/as com essa instituição de ensino, pesquisa e extensão. Há áreas no loteamento que são administradas pela Universidade.

Um morador do loteamento convidou-me para dialogar com a Escola Municipal Nova Morada no início do segundo semestre de 2015. Fiz inúmeras visitas para apresentar nossa proposta de pesquisa para a gestão da escola. Também participei de reuniões com os/as moradores/as do loteamento e de localidades vizinhas, que eram realizadas na escola e tinham como principal pauta, articulações e organizações entre grupos para mobilizar-se em busca de parcerias para realizações de projetos sociais e educativos, bem como questões referentes ao saneamento, a segurança, a saúde etc.

As responsabilidades e deveres da Escola Municipal Nova Morada, no que tange a educação escolar, não se limitam em atender as demandas das crianças do Loteamento. Em seus quadros de matrículas, estão registradas crianças de outras áreas vizinhas, como Novo Caxangá, Várzea, etc.

A escola apresenta um quadro de precariedade em suas instalações e estruturas físicas. Característica que se repete em várias escolas da rede de ensino público do Recife. Essa precariedade reflete, violentamente, nos processos de ensino e aprendizagem, e também nas sociabilidades das comunidades escolares. Esse quadro revela o nível de relação que o Estado mantém com a sociedade. Entretanto, nessa escola encontramos inúmeras pessoas dispostas a construir estratégias para superar esses problemas, e principalmente, buscar seus direitos e suas dignidades.

Ao apresentar nossa proposta de investigação e parceria para a gestão da escola, descobri que naquele local havia aspectos comuns com os fundamentos da Capoeira Angola. Observei professoras, estudantes e funcionários/as mobilizando-se para protestar nas ruas por seus direitos, pois recentemente, havia recebido uma ordem de despejo da proprietária do prédio onde está instalada. O motivo: a inadimplência da Prefeitura do Recife com os cumprimentos dos valores do aluguel do prédio.

A cada dia que pisava na escola, sentia a comunidade escolar com o medo do despejo e a aflição do desamparo. Logo, também descobri que a escola possui uma área para a construção de uma nova escola. Esse terreno foi conquistado pelas mobilizações e articulações dos/das moradores/as e de lideranças comunitárias. E que a nova luta da comunidade escolar era permanecer no atual prédio para não interromper suas ações, e tentar acelerar o processo de construção da nova escola, que está estancado há mais de sete anos.

Abaixo, seguem registros fotográficos do terreno conquistado pela comunidade para a construção da escola, da fachada exterior e de um espaço no interior da escola onde realizamos nossas primeiras atividades com as crianças.

Figura 1: Terreno conquistado/destinado para a construção da escola



Foto: Danilo do Vale

Figura 3: Fachada da EMNM



Foto: Danilo do Vale

Figura 2: Pátio da EMNM



Foto: Danilo do Vale

Após conhecer um pouco sobre o contexto da escola, e ter a aceitação da gestão da escola para desenvolvermos nossa pesquisa em parceria com a comunidade escolar, combinamos que no início do ano letivo de 2016, apresentaríamos a proposta e convidaríamos as docentes e as turmas (discentes) para participarem da pesquisa.

Assim sendo, no início de 2016 voltamos a dialogar com a escola, e participamos de uma reunião pedagógica no início de fevereiro para realizarmos o convite para as docentes. Com uma mistura de entusiasmos e desconfianças, as professoras ouviram minha apresentação, também apresentaram suas dúvidas e sugestões, e decidiram apoiar a proposta.

Nesse sentido, fizemos o acerto de realizar nossas intervenções didáticas nas terças e quintas feiras do ano letivo de 2016, tendo início 16h até às 17h30min. Decidimos que todos os onze grupos do turno vespertino seriam participantes da pesquisa, e que adotariamos a seguinte divisão e organização:

GRUPO CAPOEIRA (atividades nas terças-feiras)				
Nº	SÉRIE	MENINAS	MENINOS	TOTAL DE CRIANÇAS
01	Grupo IV	03	08	11
02	Grupo V	07	05	12
03	1º Ano B	11	06	17
04	1º Ano C	07	11	18
05	2º Ano C	08	10	18
06	2º Ano D	07	08	15
TOTAL DE CRIANÇAS		43	48	91

GRUPO ANGOLA (atividades nas quintas-feiras)				
Nº	SÉRIE	MENINAS	MENINOS	TOTAL DE CRIANÇAS
01	3º Ano C	04	14	18
02	4º Ano C	06	10	16
03	4º Ano D	09	04	13
04	5º Ano C	05	10	15
05	5º Ano D	05	07	12
TOTAL DE CRIANÇAS		29	45	74

Assim, tendo como principais participantes dessa pesquisa um total de onze turmas, com 161 crianças, sendo 72 meninas e 93 meninos, 11 professoras e a equipe da gestão da escola. Porém, a participação não se restringiu aos/as participantes mencionados/as. Em vários momentos, funcionários/as estiveram envolvendo-se com as ações do Projeto para questionar e expressar curiosidades e comentários, apoiar as atividades, e participar das aulas sobre a musicalidade e movimentação da Capoeira Angola.

Percebemos que no decorrer do Projeto, a comunidade escolar foi tornando-se mais receptiva com as dinâmicas do Projeto, e essa receptividade incidiu na participação e na apreciação.

3. IÊ É HORA, É HORA: DESCRIÇÕES E ANÁLISES DO PROJETO DIDÁTICO

Nosso Projeto Didático¹⁴, que também é constituído como um plano de ação foi denominado: *Vamos Lá Brincar na Roda - Capoeira Angola como Prática Educativa na Escola Municipal Nova Morada* – esse título faz referência ao disco Brincando na Roda do Mestre Moraes, cujas audições e estudos foram realizados durante algumas atividades do projeto.

Nosso primeiro passo foi apresentar para a gestão e corpo docente da EMNM, as bases teóricas e metodológicas do Projeto. Em reunião, apresentamos o Projeto e ressaltamos que ele está inserido em um contexto de pesquisa científica, e que sua base metodológica consiste na Pesquisa Ação.

Nesse sentido, ressaltamos que o Projeto apresentava-se na incompletude e na abertura, e que para ser complementado, conforme as perspectivas educativas e teóricas subjacentes a pesquisa, precisaríamos das contribuições, apoios e ideias provenientes das/dos participantes da pesquisa, isto é, gestão, corpo docente e discente da EMNM.

Em seguida, tratamos de reunir as crianças para apresentarmos a proposta de intervenção e convidá-las (vide nas figuras 4 e 5) para a participação na pesquisa. Nesse momento, aproveitamos para realizar dinâmicas musicais para oferecer as crianças, alguns contatos com os instrumentos musicais e com as músicas da Capoeira Angola.

Após a aceitação e autorização do desenvolvimento do projeto nos ambientes da escola, enviamos uma versão digital do Projeto para os endereços eletrônicos das professoras e da gestão da escola. Para, com elas, estarmos reconstruindo os pormenores do Projeto, e, sobretudo, para que a partir da apropriação e envolvimento com o Projeto, se fosse de suas vontades, pudessem incorporar em suas práticas pedagógicas a temática da Capoeira como prática educativa.

Como resposta aos estímulos e práticas desenvolvidas no Projeto, no que concernem as práticas pedagógicas realizadas pelas docentes das turmas participantes da pesquisa, temos relatos de diálogos permanentes sobre a Capoeira em salas de aulas entre as professoras e as crianças, uma professora relatou que inseriu uma questão (para desenvolver escrita) na prova sobre a Capoeira em associação com práticas saudáveis, uma professora sugeriu para trabalhar leitura e escrita a obra *O Herói de Damião em A Descoberta da Capoeira*, da autora Iza Lotito, professoras relataram que em sala de aula sempre reforçavam a orientações que

¹⁴Vide versão do Projeto no Apêndice C.

ocorriam na Capoeira, também relataram que ao tratar das temáticas referentes as culturas afro-brasileiras sempre ressaltavam a presença da Capoeira na escola etc.

Figura 4: Convite ao Grupo Angola



Foto: Prof.^a Dendê

Figura 5: Convite ao Grupo Capoeira



Foto: Prof.^a Dendê

3.1 Descrições das atividades

Foi combinado, inicialmente, que as atividades pedagógicas do Projeto aconteceriam no pátio da escola nas terças e quintas, no horário das 16h30min às 17h30min. No entanto, durante o processo de realização do Projeto, foram feitas adaptações e modificações no planejamento inicial. Esses fatos revelam a abertura que tivemos para negociar e adequar nosso Projeto as demandas da escola.

Tiveram feriados que ocorreram nas terças ou quintas, daí antecipávamos ou prorrogávamos as aulas de Capoeira, tiveram dias que os/as discentes tiveram que largar mais cedo, por causa da incidência de chuvas fortes ou ausência de abastecimento de água na escola, tiveram momentos que optamos por realizar aulas individualizadas, por turmas, para que pudéssemos aproveitar os ambientes das salas de aulas e as relações interpessoais nas turmas, tiveram dias de aulas de Capoeira que ocorreram eventos comemorativos e culminâncias na escola, então participamos colaborando com a realização desses eventos.

Ressalto que as dificuldades foram inúmeras, e também desafiadoras. Acredito que as dificuldades também serviram para impulsionar nossas ações para buscar resoluções de problemas. Tiveram aulas em que todas as turmas estavam presentes, mas também tiveram aulas em que poucas turmas marcaram presenças.

Vamos exemplificar um desses problemas e resoluções que registramos. Tiveram aulas que encontrávamos problemas quando as crianças estavam agitadas e não respeitavam os espaços das outras crianças, daí tínhamos que aumentar o tempo dos diálogos e das orientações, e por consequência diminuíamos o tempo das atividades com os movimentos e com a música.

Nesse caso, resolvemos repassar as orientações sobre a necessidade de seguir os princípios da Capoeira, mas dessa vez passando por cada turma, horas antes das atividades começarem. Com o tempo, percebemos que algumas crianças entenderam as lições sobre o princípio do respeito, também sendo responsáveis pela organização das práticas.

As atividades tiveram como bases as estratégias e procedimentos práticos que assimilamos no Grupo de Capoeira Herança de Angola, as adaptações feitas com base no Brincadeira de Angola, e os paradigmas descritos por Araújo (2004).

As estratégias e procedimentos assimilados no GCHA referem-se aos ensinamentos sobre as histórias da capoeiragem, e sobre a musicalidade e movimentações da Capoeira Angola. Do iê ao côro, do toque ao canto, da ginga a movimentação, foram as vivências e

aprendizagens no GCHA que oportunizaram a realização do compartilhamento dos códigos e símbolos da Capoeira Angola com as participantes dessa pesquisa.

O método educativo denominado Brincadeira de Angola, foi sistematizado por Omri Breda, o Mestre Ferradura, com bases em quatro eixos educativos: naturalidade do movimento, criatividade, cooperatividade e historicidade. Esses quatro eixos conduzem a pedagogia da Capoeira para auxiliar o ensino e a aprendizagem da Capoeira para a Educação Infantil. Nesse sentido Breda traz a seguinte afirmação:

A capoeira, no campo da educação, é rica em símbolos e exemplos positivos. Abundam mestres e professores, afro-descendentes ou não, que julgam primordial o enriquecimento da auto-estima das crianças negras por meio do contato com sua herança cultural. Este contato pode favorecer a uma tomada de consciência e a mudança de postura por parte do educando, transformando-o em protagonista ativo de sua própria história. (BREDÁ, 2011, p. 5)

Em nosso Projeto com a escola realizamos adaptações do método Brincadeira de Angola ao contexto local e, as condições e recursos que estavam disponíveis. Assim, buscamos promover interações e assimilações imbricadas as nossas orientações pedagógicas.

Já Araújo (2004), apresenta a ancestralidade, a oralidade e a comunidade como:

[...] paradigmas de pertencimento à dinâmica das tradições africanas no Brasil, dialogando permanentemente com o entendimento sobre a resistência negra e sua permanência nos fazeres educacionais destas matrizes, e apresentando-se sob a forma de comunidades culturais. (ARAÚJO, 2004, p. 7)

Desse modo, também entendemos que esses paradigmas são necessários para auxiliar as construções de identidades durante os processos educativos do Projeto.

Com isso, cunhamos nossas estratégias educativas no Projeto para compartilhar as dinâmicas em três momentos que foram vivenciados em todas as aulas (e que nem sempre aconteciam nessa sequência): o momento da oralidade, que na maioria das aulas foi o primeiro a ocorrer, onde apresentávamos as estratégias, orientávamos as dinâmicas e conversávamos sobre as histórias, mitos e curiosidades da capoeira, bem como interagíamos com as dúvidas, afirmações e comentários das crianças; no momento musicalidade, estudávamos a musicalidade da Capoeira Angola, ou seguiríamos os roteiros de atividades, quando fossem adaptados para os exercícios de leitura, escrita, desenhos, pinturas, teatralização etc.; e o momento movimento, estudávamos as movimentações, os golpes, a ginga etc., bem como realizávamos os jogos e brincadeiras. E a cada final de atividade,

reservávamos momentos para as avaliações sobre o que foi vivenciado, trocas de informações, avisos e resoluções de dúvidas.

Em todas as aulas preparávamos roteiros de atividades e cadernos de anotações, para servir de auxílio no momento das práticas, e também para realizar registros que foram, extremamente, úteis para a construção dos diários de campos, que fizemos para todas as aulas.

3.1.1 Musicalidade

Para as aulas que envolveram a musicalidade, selecionamos os discos do GCAP (Brincando na Roda, Meu Viver, Roda de Angola e o GCAP 35 anos), e o disco do Grupo Zninga de Capoeira Angola, uma compilação de músicas com Mestres, Mestras, Contramestres e crianças cantarolando chulas, corridos e ladainhas.

Consideramos esses discos como recursos didáticos de grande valor. Em suas faixas, estão registradas informações, críticas e conhecimentos que revelam partes da nossa história, possivelmente, contribuindo com a identificação de aspectos culturais peculiares as culturas afro-brasileiras. O repertório musical contido nesses discos são tão complexos quanto a multidimensionalidade da Capoeira. Nesse sentido, as análises e estudos sobre as músicas foram recursos pedagógicos que envolveram com alegria e leveza as crianças e professoras que participaram da pesquisa.

Na maioria das aulas, iniciávamos estudando os ritmos e as canções. Uma vez ou outra é que deixávamos os estudos sobre a música para o final das aulas. Essa metodologia de, em todas as aulas, incorporar os estudos sobre a musicalidade da Capoeira Angola, é proveniente do que aprendi nas dinâmicas do GCHA. Lá apreendemos a reconhecer a importância dos sons e da música, no que concerne a ser um/uma capoeirista que busca o entendimento sobre as relações entre a música, movimento e sentimento na Capoeira. Recentemente, em um evento de Capoeira realizado em Olinda, escutei o Mestre Moraes (informação verbal)¹⁵ afirmar que para compor suas letras, tem como referência as métricas do cordel, e que tem como princípio, fazer letras que auxiliem os/as ouvintes a compreender sobre aspectos sociais, políticos e culturais de nossa história. Com essa intenção, também construímos as propostas pedagógicas referentes ao universo da música da Capoeira Angola com a EMNM. Abaixo segue descrições sobre algumas atividades e estudos realizados na escola:

¹⁵ Na II Oficina de Capoeira Angola em Olinda, na sede do Grupo de Capoeira Herança de Angola, março de 2016.

- ✘ Apresentação dos instrumentos (e de suas características e formas de tocar) que compõem a bateria da Capoeira Angola;
- ✘ Apresentação da estrutura e de alguns significados dos elementos (ladainha, chula e corrido) referentes às cantorias da Capoeira;
- ✘ Exercícios de escuta das músicas tocadas nos discos e tocadas pelos grupos participantes: a partir da escuta sensível, surgiam dúvidas e curiosidades sobre as letras, personagens e palavras das músicas;
- ✘ Exercícios de acompanhamento dos ritmos: enquanto tocava os ritmos, as crianças e professoras acompanhavam tocando os instrumentos, para se aproximarem das técnicas dos toques e das sensações que os ritmos nos envolvem, e também desenvolvendo as habilidades de aumentar e baixar o volume, e diminuir e acelerar o andamento dos ritmos;
- ✘ Aulas de cantos: individualmente e coletivamente as crianças soltavam o iê, bem como aprendiam seus significados; posteriormente, aprendiam a cantar ladainhas. Um interessante exercício, foi solicitar que imitassem o cantador no mesmo ritmo, a cada verso cantado, a criançada respondia, em uníssono, o mesmo verso, até finalizarmos as ladainhas;
- ✘ Corridos: cantando corridos, as crianças aprenderam a importância de formar o côro, de escutar o/a cantador/a, e de fazer a transição dos corridos;
- ✘ Com as crianças dos Grupos IV e V, da Educação Infantil, realizamos uma brincadeira com o corrido Sim, sim, sim, não, não, não, que consistia em executar o inverso do que foi cantado. Por exemplo: o cantador com um gesto selecionava uma criança e cantava sim, não, sim, sim, e a criança teria que responder, não, sim, não, não. Caso errasse no início da brincadeira, oferecíamos mais oportunidades, e depois selecionávamos outra criança.

Os estudos sobre a musicalidade eram momentos de muita ansiedade e expectativa para as crianças. Elas ficavam eufóricas para tocar os instrumentos, e revelavam muitas alegrias ao tocá-los. Esse comportamento sinaliza para uma carência que, em geral, é um

problema na maioria dos contextos escolares: a ausência/escassez da educação musical e da educação sonora. A partir dessas dinâmicas musicais com a escola, comecei a perceber que aumentava os níveis de envolvimento entre as participantes da pesquisa com a dimensão musical da Capoeira Angola.

Como parte do início da aula, orientamos as crianças que a preparação do ambiente de aprendizado é responsabilidade de todos/as, por isso sempre varriamos e organizávamos o ambiente, e sempre contávamos com os apoios das crianças. A Figura 6 revela o ambiente organizado e as crianças prontas para as atividades. Na Figura 7 verificamos um momento de transições entre os/as tocadores/as. Nesses momentos, com constância, orientávamos as crianças a terem cuidados com os instrumentos e a repassarem as instruções sobre as técnicas de tocar para as crianças que iriam recompor a bateria de instrumentos. E a Figura 8 mostra um momento de encontro bastante significativo. Foi a primeira vez que levamos o atabaque para a escola, e o arrebatamento foi coletivo. Durante a organização do ambiente para a aula, intuitivamente, e com muita alegria, registramos várias crianças aproximando-se do atabaque para tocá-lo, talvez pela primeira vez.

Figura 8: Início da aula



Foto: Danilo do Vale

Figura 7: Compondo a bateria



Foto: Prof.^a Dendê

Figura 6: Atabaque



Foto: Danilo do Vale

Nos recreios ouvia as crianças cantando corridos enquanto brincavam, ouvia (quando cruzava seus caminhos) crianças cantarolando corridos ao voltar para casa, também observava as crianças fazendo as brincadeiras que tinham aprendido com a Capoeira. A partir dessas observações, as professoras passaram a utilizar os nomes dos instrumentos e as músicas em suas atividades em sala de aula. Temos registros de uma turma e sua professora que estudaram a estrutura musical das músicas da Capoeira e utilizaram alguns de seus elementos na construção de um texto (vide na próxima página a Figura 9). Esses eventos demonstraram como a dimensão musical da Capoeira começou a fazer parte do cotidiano escolar, e como as

participantes da pesquisa estavam assimilando os símbolos e códigos pertencentes a essa dinâmica musical.

Buscamos com a capoeiragem na escola, durante as ações do projeto Didático, efetivar a música como um caminho dialógico, formativo e transformador, bem como uma via de apreensão sobre nossas raízes culturais. Por isso nossos estímulos e ações no projeto foram direcionados para construirmos a compreensão de que:

Música é linguagem. Assim, devemos seguir, em relação à música, o mesmo processo de desenvolvimento que adotamos quanto à linguagem falada, ou seja, devemos expor a criança à linguagem musical e dialogar com ela sobre e por meio da música. (JEANDOT, 1997, p. 20)

Conhecer a musicalidade da Capoeira Angola é deveras relevante para apreender seus aspectos históricos e suas características rítmicas. E pela via da música as crianças podem extrapolar os limites do lúdico e da diversão, e aprender sobre a necessidade da concentração, da coordenação motora, da forma correta da postura corporal e da respiração ao executar toques, falas e cantos. Se forem mantidos os exercícios e as reflexões sobre essas aprendizagens, possivelmente, as crianças poderão usufruir desses ensinamentos nas inúmeras relações em outras rodas, a exemplo, as rodas das relações familiares, das relações institucionais, e das relações com o mundo.

Em nossos estudos e diálogos sobre a musicalidade da Capoeira Angola com as crianças e as professoras participantes da pesquisa, enfatizamos que sentir a música com o coração, nos conduziria para a compreensão de seus pormenores para além das técnicas de tocar e cantar. Também destacamos o quanto é importante perceber as interfaces entre os sons e os movimentos na capoeiragem. No GCHA, constantemente, dialogamos sobre a forma como o/a capoeirista, ao movimentar-se, deve se entregar as nuances e dinâmicas da música.

Jeandot (1997, p.12) diz que “O som depende do movimento e não existe na ausência dele.”, na Capoeira aprendemos que as movimentações também podem ser orientadas por intermédio do som e da música. Esses são os elementos tratados na próxima secção - movimentos e movimentações.

Figura 9: Texto coletivo produzido pelo 4º Ano C

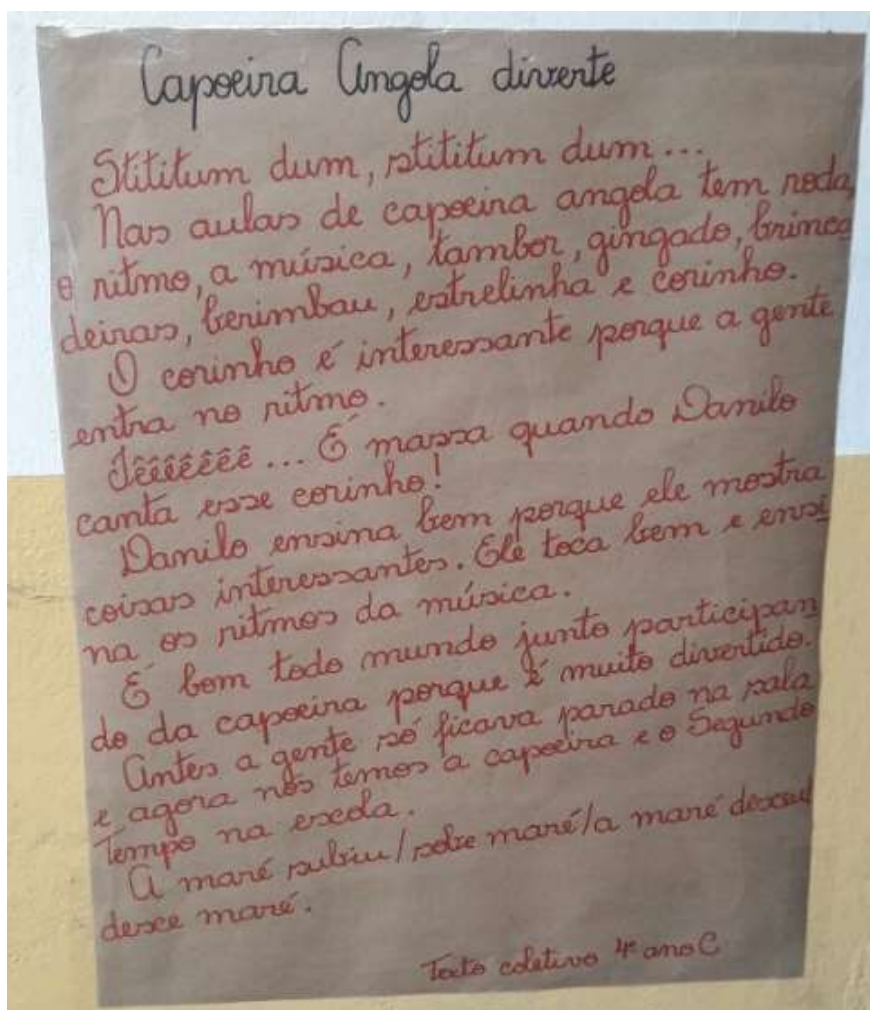


Foto: Danilo do Vale

3.1.2 Movimento

Para as aulas que abordaram a dimensão do movimento, também seguimos as orientações e procedimentos que são viabilizados no GCHA, junto às adequações de alguns jogos e exercícios do método Brincadeira de Angola. Para a maioria das participantes da pesquisa, apresentamos movimentos e movimentações referentes a Capoeira Angola. Essa afirmação é derivada do levantamento de dados sobre as experiências com Capoeira das participantes da pesquisa. Pois encontramos relatos de várias participantes que já tinham entrando em contato com a Capoeira Regional, em experiências práticas ou em observações de suas dinâmicas em escolas, ruas e praças.

Acerca dos momentos relacionados ao movimento, muito foi dialogado e vivenciado sobre a corporeidade. Nossas dinâmicas pedagógicas buscaram propiciar aos/as participantes, a compreensão sobre a importância de entender as estruturas e funcionalidades corporais, e também de perceber o corpo como elemento expressivo e dialógico. Nesse sentido, compartilhamos com os pensamentos de Alvorí Ahlert relacionados ao entendimento complexo sobre a corporeidade:

O termo corporeidade indica a essência ou a natureza do corpo. A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo. É a maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo com seu corpo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) num contexto de inseparabilidade. (AHLERT, 2010, p. 117)

Em nossos diálogos com as crianças, constantemente, apontamos para a importância de conhecer nossos corpos, bem como afirmávamos que poderíamos pelos caminhos da Capoeira Angola, tornar-nos hábeis e íntimos/as com o equilíbrio, com a coordenação motora, com a lateralidade, com a resistência física, e com esse relacionamento, também aprimorar nossas interações com o mundo. Já Machado e Abib (2011) afirmam que a partir do conhecimento do corpo, podemos atuar no mundo de forma mais disposta e cuidadosa. Com isso, desempenhamos nossas atividades pedagógicas com as crianças, com o discernimento que:

Na capoeira, o corpo desempenha a movimentação coordenada de aproximação e distanciamento, avanço e defesa, que são os elementos constituintes da ginga. O corpo realiza o preenchimento de todo o espaço da roda de capoeira em todas as suas “dimensões, níveis, direções e planos”. É pelo corpo e no corpo que as regras, condutas éticas e conceitos da capoeira se exercem. Posicionar-se, ocupar o espaço e se movimentar são estruturas fundamentais aprendidas na capoeira. (BRASIL, 2014, p. 93)

Nesse sentido, registramos descrições sobre as atividades e exercícios que foram mais desempenhadas, no que concerne ao eixo movimento.

✱ A ginga é um dos princípios da movimentação na Capoeira, por isso, em todas as aulas experimentamos a ginga. Fizemos momentos em que a ginga era executada individualmente, em duplas e nas simulações de jogo. Nessas situações, sempre fazíamos orientações sobre posicionamentos e posturas corporais, leveza, agilidade, beleza e função;

- ✘ Gíngua espelhada: em duplas, uma das crianças era selecionada para iniciar a movimentação, livremente, a partir da gíngua, o que fosse executado, a outra criança, tentaria imitar, e depois de alguns minutos, a oportunidade de iniciar os movimentos era da outra criança;
- ✘ Em vários dias de aulas, individualmente e em duplas, realizamos exercícios para as assimilações dos golpes: rabo de arraia, chapa de frente, meia lua de frente, meia lua de costas, chapa de costas etc.;
- ✘ Também, individualmente e em duplas, exploramos os movimentos de defesa: esquiva, negativa, resistência parada de quatro - bem como os movimentos de deslocamento: aú, role, pulo de deslocamento etc.;
- ✘ Simulações de rodas: as crianças praticavam o que estavam aprendendo conforme o ritual da Roda;
- ✘ Inúmeras vezes, utilizamos uma corda, para delimitar espaços, para as crianças passarem por baixo, por cima, fazendo aú etc.;
- ✘ Do método Brincadeira de Angola, as crianças ficavam extasiadas ao brincarem de Maré Subiu, que é uma adaptação da brincadeira do morto e vivo. Essa brincadeira desenvolve percepção musical, canto e agilidade. Quando o cantador dizia a maré desceu, as crianças teriam que responder o coro (desce maré) e fazer um agachamento, e quando fosse cantada, a maré subiu, as crianças respondiam o coro (sobe maré), e ficavam em pé. Nesse jogo, o cantador acelera e diminui o andamento do ritmo, tenta enganar as crianças etc.;
- ✘ Outro jogo, extraído do Brincadeira de Angola, e que as crianças adoravam realizar, era o pomba voou. Eram selecionadas duas crianças para cumprirem o papel do gavião, enquanto as demais crianças cumpriam o papel da pomba. Era cantado o corrido (pomba voou, gavião pegou), as crianças teriam que voar livremente no pátio e responder o coro, e quando a música parasse, os gaviões partiam para pegar as pombas. As pombas que fossem pegadas ficariam imóveis até outra pomba, com o toque, possibilitar sua volta a movimentação;

✳ A brincadeira Camaleão, também do BA, foi bastante executada nas aulas. Consiste em solicitar que as crianças fizessem um movimento de esquiva, para lembrar a postura do camaleão, e assim que fosse dito o nome de uma cor, as crianças deveriam encontrar no ambiente a cor solicitada, colocando as mãos em cima da cor. Sempre antes de executar essa brincadeira, falávamos sobre as características biológicas do camaleão, e fazíamos uma associação com a postura do/da capoeirista, em função da imitação da adequação e do mimetismo, nos ambientes sociais e na história da capoeira.

Com esses exercícios e atividades propiciamos com a EMNM, tardes de muitas aprendizagens, em que a diversão e o prazer de fazer na coletividade foi um caminho intenso e esperado, e as reflexões e diálogos sobre os elementos e significados da Capoeira Angola, foram alimentos para o fortalecimento e conhecimento sobre as importâncias das culturas, sobretudo as populares, nas dinâmicas das escolas e nas vidas das pessoas.

Figura 10: Dinâmica de jogo



Foto: Prof.^a Dendê

Figura 11: Fazendo aú (corda)



Foto: Prof.^a Dendê

Figura 12: Movimentos



Foto: Prof.^a Dendê

Durante as ações do Projeto Didático tivemos que nos movimentar bastante para possibilitar ambientes mais respeitosos aos princípios da Capoeira Angola, e aos protocolos da escola. Muitos diálogos com os grupos participantes, conversas particulares e orientações feitas nas salas de aulas fizeram parte de nosso repertório para enfrentar as inúmeras dificuldades que surgiam.

Compreendemos que ao participarem das atividades do Projeto, as crianças deslumbravam-se pelas dinâmicas e pelos atrativos que eram promovidos nas aulas. Porém, momentos de individualismo, desrespeito aos princípios da Capoeira e as dificuldades de perceber o/a outro/as em suas individualidades, reflexos das influências ideológicas e políticas em que nossa sociedade está inserida, foram empecilhos que vieram à tona durante os processos das ações pedagógicas do Projeto. Esses empecilhos foram, pedagogicamente,

tratados com seriedade e cautela, bem como alicerçaram uma dimensão que tanto Freire (2011) preconizou como caminho de transformação, quanto Araújo (2004) considera como um paradigma educativo das tradições africanas e afro-brasileiras, e que foi um eixo de nossas ações na EMNM e que será tratado na próxima seção desse texto – a oralidade.

3.1.3 Oralidade

Nesta seção trataremos de descrever algumas ações pedagógicas que fundaram esse eixo em nosso Projeto, e também descrevemos as estratégias didáticas que foram realizadas nas salas de aulas, ainda que essas atividades em salas de aulas, também tiveram interseções com a musicalidade e com o movimento.

Apresentamos na seção concernente aos relatos sobre o advento da Capoeira Angola em Pernambuco, algumas obras que destacam a importância da oralidade para as diversas culturas e, conseqüentemente, para as culturas das Capoeiras. Todavia, aqui nesta seção, também traremos alguns pensamentos e concepções sobre a oralidade, para fortalecerem nossa compreensão acerca de alguns aspectos peculiares à tradição oral na capoeiragem e na educação escolar.

Conforme o Livro do Professor, História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil (BRASIL, 2014, p.36), a oralidade “[...] precisa ser priorizada com uma intencionalidade, dando assim uma continuidade às práticas que já ocorrem na família e que devem ser desenvolvidas de maneira contextualizada e significativa.”. Em consonância com esse argumento, buscamos nas atividades do Projeto Didático, estabelecer diálogos com as crianças e professoras que possibilitassem o aprendizado sobre a história, as dinâmicas e os pensamentos e posicionamentos contidos na complexidade da Capoeira, bem como dialogar sobre os acontecimentos e eventos ocorridos nos processos e contextos da escola.

Chamando as crianças para dialogar, perfazemos as atividades com intenções pedagógicas, para estimular a criatividade e o questionamento, direcionar as orientações sobre os comportamentos nas dinâmicas e o respeito aos princípios da Capoeira Angola, e também sensibilizar as crianças para a importância da escuta cuidadosa e respeitosa.

Sobre a escuta/audição, na tradição da Capoeira, existira um método denominado de ‘oitiva’, que segundo Andrade (2010), era uma das formas que o aprendiz experimentava o aprendizado da Capoeira. E ao que me parece, os aprendizes nesse processo não tinham muitos direitos aos questionamentos sobre o processo de aprendizagem. Em nossas

atividades, estimulamos a oralidade das crianças, e elas corresponderam com muitas perguntas, dúvidas, sugestões, comentários e curiosidades.

Apesar do tempo disponibilizado para os momentos com a oralidade e com os demais eixos, buscamos flexibilidade com os tempos das atividades, pois as crianças demonstraram interesses e aberturas para dialogar sobre suas percepções sobre a Capoeira na escola e também fora dela. E quando não havia possibilidade, por causa dos horários, de responder as perguntas ou as curiosidades durante as atividades, sempre oportunizávamos esses momentos quando encontrávamos as crianças no recreio, nos pátios, e nos corredores da escola.

Silva (2006) afirma que a Capoeira é caracterizada pela oralidade, pois seus conhecimentos são construídos e repassados pela via oral. Nesse sentido, o Projeto Didático esteve alinhado a utilização da oralidade como aporte para expressividade, para a dialogicidade e para a curiosidade dos/as participantes, no que concerne aos estudos sobre os conteúdos do Projeto. Abaixo descrevemos algumas atividades vivenciadas sobre esse eixo:

- ✱ Em nossas primeiras aulas, tratamos de questionar as crianças sobre como elas percebiam a Capoeira, com as perguntas: o que é a Capoeira? Como surgiu a Capoeira? Vocês tem ou já tiveram contatos com a Capoeira? – a partir desses questionamentos, ouvimos muitas explicações e comentários sobre suas percepções. Também a partir das falas e posicionamentos das crianças, fomos contribuindo compartilhando visões, interpretações e informações, e nesses processos de compartilhamentos, as crianças colocavam mais dúvidas, comentários e questionamentos nas rodas de diálogos;
- ✱ Em todas as aulas, iniciávamos com falas apresentando as atividades do dia e como iríamos fazer as atividades, também nesses momentos iniciais dialogávamos sobre questões ligadas aos comportamentos, a necessidade do respeito ao outros/as e aos ambientes, sobre a importância de ter paciência, etc., sempre oferecendo espaço para as crianças manifestarem suas dúvidas e curiosidades;
- ✱ Em todas as aulas, encerrávamos as atividades com momentos de diálogos. Solicitando que as crianças sentassem formando uma roda, para oportunizá-las a compartilhar oralmente suas percepções do que foram vivenciadas nas atividades, suas dúvidas sobre as atividades, e sobre quais atividades eles/as queriam que repetíssemos nas próximas aulas, bem como sugeríamos atividades que poderíamos realizar a depender de nossas organizações, por exemplo: foi sugerido que poderíamos fazer uma oficina de instrumento, especificamente o

pandeiro, no entanto todos/as os/as participantes deveriam buscar essa realização através da organização coletiva;

- ✱ As atividades em sala de aula, que eram constituídas por diálogos, leituras, produções de materiais e registros de trabalhos, exposições de vídeos e atividades com a música, e que em alguns casos, foram motivadas por problemas relacionados ao comportamento e ao desrespeito, assim tornando-se pontos de partida para o exercício do repensar e do dialogar com as crianças sobre a importância de nos esforçarmos para compreender as origens dos problemas. Foram aulas ecológicas... No sentido dito por Santos (2005), no qual é título de uma de suas obras: “semear outras soluções.”. Assim dialogando com as crianças e exemplificando que a prática da Capoeira pode ser desdobrada para construir interações mais respeitadas entre os/as que estão na mesma roda, e também para nos organizarmos para buscar nossas dignidades nas outras rodas, seja através da indignação ou da rebeldia, mas que essas sejam elaboradas com organização e criticidade.
- ✱ Fizemos a leitura de duas obras literárias: *O menino que virou mestre de capoeira – Pastinha*, de José de Jesus Barreto, e *Mestre Gato e Comadre Onça*, de Carolina Cunha. A primeira obra citada, foi selecionada para trabalhar com as crianças do Grupo Capoeira, e foi feita a leitura deleite e crítica da obra, e requisitado que as crianças organizassem registros orais ou visuais sobre o conteúdo da obra. Como resultados, surgiram inúmeros desenhos e pinturas representando suas percepções sobre a obra lida. Com o Grupo Angola, foi trabalhado o livro *Mestre Gato e Comadre Onça*, e escolhemos a leitura compartilhada como dinâmica didática para as turmas, e após as leituras, combinamos com as crianças que cada turma organizaria uma produção sobre a obra para expor e compartilhar com a escola, e também configurar a culminância do Projeto Didático. Dessas propostas surgiram: duas turmas que produziram painéis temáticos com desenhos, gravuras, pinturas e escritos; uma turma que criou o reconto da obra com a perspectiva de história em quadrinhos, produzida coletivamente pela turma; outra turma produziu uma dramatização teatral, com roteiro, narração, figurino etc.; e a quinta turma do Grupo Angola não realizou o trabalho de registro por causa de problemas com o calendário escolar;
- ✱ O *Cineclube Nova Morada* foi uma estratégia que montamos para atender os dois grupos participantes. Foram exibidos quatro curtas: *Maré Capoeira*, *Hungu*, *Vida Longa* e *Jogo de*

Dentro. Ao final das apreciações, foram realizadas rodas de diálogos que estimularam a expressividade das crianças sobre as exposições, e sempre fazendo referências sobre a importância dos princípios e valores das culturas africanas e afro-brasileiras.

Além dessas atividades, tiveram momentos em que realizamos as práticas nas salas de aulas, com o intuito de dialogar com as turmas de forma mais individualizada. Nesses momentos escutamos as vozes das crianças que ora por timidez, ora por falta de espaço e oportunidade, preferiam silenciar-se em meio às atividades conjuntas. Também nesses momentos, aproveitávamos para orientar sobre os princípios educativos da Capoeira Angola, e para tratar dos problemas (brigas, ofensas, etc.) que surgiam durante as aulas nos pátios.

A cada aula realizada na escola, a dimensão oral expandia-se entre os/as participantes. Antes de entrar na escola, já encontrava as crianças no caminho ou na porta esperando o sinal para entrar, e a partir daí começávamos a efetivar nossas conversas informais, diálogos, mobilizações, organizações e orientações, tanto com as crianças participantes, quanto com as discentes e os/as funcionárias da escola.

Nesse sentido, as atividades que configuraram esse eixo, evidenciaram que a participação pela via do diálogo, também possibilita que as pessoas experimentem sensações diversas ao ouvir relatos, histórias, interpretações e explicações sobre os fenômenos e elementos que constituem a Capoeira. Tiveram professoras e funcionárias que demonstraram interesse em dialogar para apreender sobre as dimensões da Capoeira, mesmo optando por não participarem das atividades com a música e o movimento.

A culminância do Projeto com a EMNM simbolizou os sentidos dos diálogos, das participações e das parcerias que envolveram as participantes durante a permanência do Projeto na escola. A preparação e divulgação da culminância geraram bastantes expectativas da criança e das professoras.

A culminância foi organizada da seguinte maneira: para surpreender o mediador do Projeto, no primeiro momento foi exibida uma produção audiovisual, que teve a iniciativa de uma professora e as participações de várias pessoas da escola. No vídeo, uma série de depoimentos e imagens que remontaram a trajetória do Projeto e os vínculos afetivos que foram consolidados durante os processos e realizações. No segundo momento, foi feita a encenação teatral da obra *Mestre Gato e Comadre Onça* para a escola. Essa exibição suscitou momentos de deslumbramento e de alegria intensa pela comunidade escolar, e de expressão e participação pelas atrizes e atores da peça, e no momento final, foi feita algumas falas que antecederam a Roda de Capoeira Angola, com as participações de alguns membros do GCHA,

e outras falas após a Roda. Nessa falas, o mediador do Projeto fez agradecimentos aos/as participantes do Projeto, fez apresentações do GCHA e dos membros que estavam representando o grupo naquele momento, e fez mensagens e considerações sobre as vivências com o Projeto Didático na escola.

Figura 15: Encenação (Mestre Gato e Comadre Onça)



Foto: Prof.^a Dendê

Figura 14: Cineclube (Hungu)



Foto: Danilo do Vale

Figura 13: Culminância (vista de cima)



Foto: Prof.^a Dendê

Na Figura 15, verifica-se um jogo de encenação que foi interpretado com base na gestualidade e expressividade característica da Capoeira Angola e das personagens do enredo, também se verifica a criação de indumentárias, adereços e acessórios. A Figura 14 é um retrato do cineclube em uma sala de aula, essa atividade rendeu bons momentos de apreciação das películas, e principalmente bons diálogos sobre as culturas africanas afro-brasileiras, no sentido de aprendizagem e reconhecimento dos valores dessas culturas. E a Figura 13, revela um momento da culminância onde a comunidade escolar concentra-se para observar, apreciar e interpretar as manifestações e símbolos da Capoeira Angola, e as produções das crianças para a culminância.

Para além das figuras supracitadas, como observador participante, posso asseverar que para alguns indivíduos daquela comunidade escolar e para algumas pessoas de outras comunidades que ali estavam, a culminância do Projeto, não se restringiu ao encerramento ou ao auge do Projeto. Foram inúmeras presenças, olhares, abraços, palavras, gestos e sensações, que fizeram daqueles momentos, símbolos e representações de busca e continuidade.

Senti que várias pessoas compartilharam alegrias com aqueles momentos nas rodas que fizemos durante a execução do Projeto Didático. E que suas histórias ficariam marcadas, em algum sentido, pelo que tinham vivenciado na roda da Capoeira.

Percebi a vitalidade que essas práticas promovem em nossos corpos quando uma criança, com o olhar de despondimento, perguntou-me: *Tio... Não vai ter mais Capoeira?* –

ou quando outra criança, com vivacidade de gestos, aproximava e dizia: *Tio... Vou continuar gingando!* – e compartilhando minhas interpretações sobre as vivências com a capoeiragem na escola, e fruindo aprendizagens e enigmas com o curso da dimensão oral, respondia, respectivamente, para essas crianças: “*Sempre vai existir capoeira!*” e “*Eu também!*”.

3.2 Análises do Projeto Didático: interlocuções entre os referenciais teóricos e metodológicos e os/as participantes da pesquisa

Para iniciar essa complexa roda de interpretações e análises sobre o Projeto Didático com a EMNM, e em alusão ao trio de berimbaus (*gunga, médio e viola*)¹⁶ que configuram a bateria de instrumentos da Capoeira Angola, em conjunto com suas representatividades e funções dentro dos ritos da capoeiragem, disponibilizamos esses instrumentos, conforme as significações que atribuímos a eles, para ressoarem as vozes, os pensamentos e conhecimentos das interlocutoras desses processos.

Nessas análises, os referenciais teóricos e metodológicos, vão segurar o *gunga*, instrumento de peso estimado, como o maestro é para as orquestras, quem o segura são os/as ‘cientistas’ responsáveis por compreender o dinamismo dos rituais com olhares complexos e experientes, tendo-lhes o dever de intervir, respeitosamente para transformar e orientar as dinâmicas das rodas e dos jogos.

Para a expressão do pesquisador/mediador/participante, fica o *médio*, berimbau com timbre sonoro entre o *gunga* e a *viola*, e com a designação de manter uma base sonora e rítmica para proporcionar os diálogos e variações aos demais berimbaus.

E com a *viola*, as participantes da pesquisa (crianças, professoras e coordenadoras), a *violinha* é o arco musical com sonoridade mais aguda, e que nos ritos da roda, destaca-se por sua versatilidade e energia diferenciada, muitas vezes influenciando enfaticamente o ritmo das movimentações, porém com responsabilidade de também assegurar a base rítmica.

Essa é a configuração e posicionamento dessa bateria de análises e interpretações. No entanto, é válido destacar que no decorrer das ações do Projeto Didático com a EMNM, esses instrumentos estiveram em outras ordens no conjunto musical.

Essa pesquisa se insere na perspectiva da pesquisa qualitativa em educação, e para delinear as análises dos materiais coletados nessa pesquisa, encontramos uma abordagem que

¹⁶ Sob a perspectiva do GCAP e do GCHA, no que se refere à musicalidade dos berimbaus.

busca de forma crítica e rigorosa compreender os fenômenos e registros encontrados nas pesquisas de dados qualitativos.

Essa abordagem ou “forma de investigação”, como a própria autora define, chama-se *Análise de Prosa*. Para ela:

Análise de prosa é aqui considerada uma forma de investigação do significado dos dados qualitativos. É um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material: O que é que este diz? O que significa? Quais são suas mensagens? E isso incluiria naturalmente, mensagens intencionais e não-intencionais, explícitas ou implícitas, verbais ou não-verbais, alternativas ou contraditórias. O material neste caso pode ser tanto o registro de observações e entrevistas quanto outros materiais coletados durante o trabalho de campo como documentos, fotos, um quadro, um filme, expressões faciais, mímicas etc. (ANDRÉ, 1983, p.67)

André (1983, p. 67) sugere que ao invés de criar “sistemas pré-especificados de categorias”, sejam criados “tópicos e temas” no decorrer das análises dos materiais, que estes devem ser “[...] freqüentemente revistos, questionados, reformulados na medida em que a análise se desenvolve, tendo em vista os princípios teóricos e os pressupostos da investigação.”.

Seguindo essas orientações, criamos ‘rodas temáticas’ para jogar, interpretando os dados coletados, com os pressupostos teóricos e metodológicos aos quais adotamos nesse processo de investigação. Outra importante questão pertinente a forma que devemos direcionar nossos olhares e interpretações e nos posicionar diante dos materiais coletados, condiz com a afirmação de Alves e Silva (1992):

É importante salientar que, ainda que os passos metodológicos numa abordagem qualitativa não estejam prescritivamente propostos, o pesquisador não deve se considerar um sujeito isolado que se norteia apenas pela sua intuição: há que levar em conta o contato com a realidade pesquisada, associado aos pressupostos teóricos que sustentam seu projeto. Assim, ao fugir da rigidez o pesquisador não deverá perder o rigor em seu trabalho — regra primeira para a concretização de um projeto científico que possa vir a contribuir para um conhecimento na área. (ALVES; SILVA, 1992, p.62)

Com esse enfoque, buscamos interpretar os dados coletados de maneira rigorosa, onde os diálogos com os referenciais teóricos auxiliam a compreensão dos fenômenos e eventos registrados durante os processos de coleta de dados. As duas ‘rodas temáticas’ são os espaços dinâmicos em que os questionamentos, as revisões e os diálogos com os referenciais serão processados concernentes a análise de prosa. As duas ‘rodas temáticas’ são: Capoeira Angola

com a EMNM: identidade e participação e, Capoeira Angola dialogando com o Artigo 26-A: contribuindo com formações e transformações.

3.2.1 Capoeira Angola com a EMNM: identidade e participação

Aqui nessa roda temática destacamos as percepções, análises e interpretações de algumas educadoras entrevistadas sobre as práticas educativas vivenciadas no Projeto Didático, em diálogos com temas ligados a alguns referenciais teóricos dessa pesquisa e, com outras pesquisas que abordam a dimensão educativa da Capoeira Angola.

Eis a questão norteadora dessa pesquisa: Como as práticas educativas que abarcam os ensinamentos e fundamentos da Capoeira Angola, favorecem a construção das identidades culturais nas escolas, sendo possíveis provedores de subsídios para a formação crítica dos/as agentes envolvidos/as? – trazemos a questão norteadora para repensarmos sobre ela, por intermédio das percepções das educadoras que vivenciaram e perceberam alguns elementos da Capoeira Angola no ano letivo de 2016 na EMNM.

Ao solicitarmos a *Professora C*, que ela discorresse analiticamente sobre as práticas do Projeto ela assim falou:

[...] quando o projeto vem para a escola, é uma linguagem artística que está vindo com seus signos, com seus códigos, pra ser apresentado a um grupo e pelo que eu vivenciei aqui, esse grupo acolheu muito bem essa linguagem, esses códigos. Então, aproximou mais ainda todo um grupo de crianças e apresentou para elas também, algo mais desse patrimônio cultural que é tão importante pro nosso país, que é a capoeira. Muitos não tinham esse acesso, e algumas que tinham algumas informações, eram informações meio que distorcidas. Até porque essas informações distorcidas muitas vezes vem da própria mídia ou da família, por não ter esse conhecimento, essa vivência que eles tiveram aqui esse ano. Quando o projeto vem pra escola, [...], apresentar essa linguagem, apresentar os códigos, essa criança ela vai ter uma outra visão sobre esse patrimônio cultural, não a visão distorcida, mas uma visão do quê realmente ele é. (informação verbal)¹⁷

A *Professora C* demonstra ter conhecimento sobre a existência de signos e códigos que pertencem a cultura em questão. Também menciona sobre as informações distorcidas que por consequência também geram traduções e entendimentos distorcidos. Outro apontamento importante é sobre a assimilação dos códigos e signos através da vivência e convivência na coletividade, que possibilitam desconstruir visões distorcidas e refazer pontos de vistas.

¹⁷ Entrevista concedida pela Professora C para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

Compreendo que esse processo de desconstrução e construção de conhecimentos, citado pela *Professora C*, refere-se a construção do pensamento crítico, pois nesse jogo de assimilações de elementos de uma linguagem cultural de forma vivenciada, possibilita um contato mais direto e concreto com os significados e simbologias das culturas, assim provocando a construção crítica do conhecimento sobre as mesmas.

Nesse mesmo direcionamento de analisar as dinâmicas do Projeto Didático, a *Professora B* disse:

[...] porque a cultura negra, muitas vezes fica resumida a um único evento no ano, mesmo que a gente trabalhe assim, interdisciplinarmente, com outras disciplinas, fazendo esses diálogos, mas você tendo esse trabalho toda semana, os meninos vinham com certas dúvidas, por exemplo: tia, todo mundo que faz capoeira também é do candomblé? – Eles vinham com esses questionamentos dentro da sala de aula, e gente foi fomentando esse diálogo com eles [...]. [...] porque as vezes as pessoas, tem muito preconceito, por não conhecer o outro, não sei se você perguntou, digo, não sei se você lembra, que teve um aluno na sala que perguntou assim: capoeira é candomblé? E esse mesmo aluno, um dia, uns dias antes, ele disse assim: Tia, a senhora não sabe (diga o que foi?), eu sou evangélico agora e não vou participar das aulas de capoeira. Aí eu disse: [...] o que foi que aconteceu, o quê que você vê na hora do momento, que lhe impede de ser evangélico? [...] o momento é outro, agora se você quiser pesquisar um pouco mais da religião, pra você conhecer, mas a gente não pode criticar algo, sem conhecer antes, não é verdade? Só por que fulano disse? Se eu disser que (aí eu mostrei um boneco azul) que esse boneco azul é verde, você vai acreditar? [...] Então a gente precisa conhecer mais, e se conhecer, porque faz parte da nossa cultura, da construção da nossa identidade. (informação verbal)¹⁸

A fala da *Professora B* implica sobre questões referentes a discriminação e preconceito, a construção do pensamento crítico e, a questões sobre a construção da identidade. Outro fato relevante, que vale ressaltar na fala da *Professora B*, é que as dinâmicas do Projeto Didático suscitaram, para essa professora e seu estudante, questionamentos e diálogos sobre a cultura negra, e que os mesmos foram tratados de maneira pedagógica.

O diálogo entre a *Professora B* e seu estudante, também revela a importância das práticas pedagógicas e das atitudes educativas nos processos educativos das escolas, que estejam esmerando cuidados para que a conscientização e a construção das identidades culturais sejam feitas de maneira crítica e participativa. Desse modo, Cruz (2010, p. 34) afirma que: “Ao tratar da escola é preciso que percebê-la como espaço sócio-cultural que tem significativo domínio sobre a construção da identidade do sujeito, resignificando seu comportamento, ou seja, sua forma de pensar, sentir e agir.”.

¹⁸ Entrevista concedida pela Professora B para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

A *Professora F* apresenta em seu depoimento, pensamentos significativos, para ampliarmos a compreensão sobre como o Projeto Didático com a EMNM contribui para as construções das identidades culturais das/dos participantes da pesquisa. Ao analisar os elementos da Capoeira Angola percebido durante o ano letivo de 2016 na EMNM, a *Professora F* diz que:

Vai muito além da questão só, meramente, dos movimentos, das relações, mas vai também pra questão da afrodescendência. A questão do racismo mesmo, a questão dos movimentos negros, a questão de você conhecer a cultura, a sua cultura, a sua raiz, então assim, eu acho muito importante pra valorização do ser, da auto-estima, de se conhecer, de conhecer sua cultura, de poder participar, de ampliar conhecimentos, então eu vejo a capoeira para qualquer pessoa, né, seja criança, adulto, esse movimento, nesse movimento de se reconhecer [...]. (informação verbal)¹⁹

Percebo que ao citar a “questão da afrodescendência”, a *Professora F* destaca a grande e maléfica influência do racismo, e também sinaliza, a partir de suas percepções, que a Capoeira Angola pode assumir uma postura de colaborar com o enfrentamento aos racismos e discriminações nas escolas, quando suas práticas estão em conformidade com a construção da conscientização e para a valorização das culturas afrodescendentes.

Nesse sentido, também se torna perceptível que a Capoeira continua podendo ser um caminho de fortalecimento para as lutas sociais contra as inúmeras formas de opressão, sobretudo, as opressões ao povo negro e pobre, que também são reproduzidas e reelaboradas nas dinâmicas escolares. Para Vassallo:

A valorização dos referenciais simbólicos que acreditam ser africanos permite a desconstrução das imagens negativas relacionadas ao negro no imaginário brasileiro e, consequentemente, a afirmação positiva da identidade dos afrodescendentes. A reconstrução da história negra valoriza um passado coletivo negroafricano que dá sentido às trajetórias de vida do presente. Enfatizam-se as ideias de luta, resistência, insubmissão e busca da liberdade, que combatem os estereótipos do negro dócil cristalizados no nosso imaginário. Nesse processo, a Capoeira de Angola, [...] adquire uma dimensão ao mesmo tempo simbólica e política que é fundamental. Ela se torna uma “luta de resistência” capaz de transformar as condições históricas em que vivem as populações oprimidas. (VASSALLO, 2011, p. 339)

Os apontamentos feitos pelas professoras entrevistadas revelam suas percepções sobre a incidência do racismo e da discriminação na escola. E também, sobre como por intermédio das práticas e discussões pertinentes a dimensão educativa da Capoeira Angola, diálogos e ações podem ser realizadas para antagonizar com essa problemática que está enraizada em nossas práticas e relações sociais. Nesse sentido, Cavallero na obra produzida pela Secretaria

¹⁹ Entrevista concedida pela Professora F para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em novembro de 2016.

de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), defende a ideia da institucionalização de uma educação anti-racista, e nos faz o seguinte alerta:

O racismo e seus derivados no cotidiano e nos sistemas de ensino não podem ser subavaliados ou silenciados pelos quadros de professores(as). É imprescindível identificá-los e combatê-los. Assim como é pungente que todos(as) os(as) educadores(as) digam não ao racismo e juntos promovam o respeito mútuo e a possibilidade de se falar sobre as diferenças humanas sem medo, sem receio, sem preconceito e, acima de tudo, sem discriminação. (SECAD, 2005, p. 12)

A busca pela concretização de um sistema educativo com bases na educação anti-racista é uma questão de cidadania e isonomia. A escola continua sendo palco de inúmeras violências e discriminações às crianças negras. E torna-se um dever e responsabilidade do Estado e da sociedade brasileira implementar ações que busquem minimizar tais danos.

As percepções e análises feitas pelas professoras indicam a existência de problemas que configuram nossas práticas sociais. Esses problemas são efeitos de pensamentos e ações que estruturam nossas culturas desde advento do colonialismo, e que permanecem sendo reproduzidos e reformulados em nossas interações sociais. Conforme com as análises de Quijano (2009), os elementos que fazem emergir as conceituações sobre a colonialidade do poder, fazem parte de estruturas que surgem no colonialismo, e que apesar desse sistema político ter findado, em termos oficiais, esses elementos que desde outrora são expressos em nossas práticas sociais, e a partir de perspectiva conceitual são identificados e analisados nas práticas sociais em todo decorrer de nossa história social.

A perspectiva da colonialidade do poder em Quijano (2009) nos fortalece no sentido de identificar os indícios, as influências e as ações que culminam nas inferiorizações de culturas afro-brasileiras no curso das sociabilidades da comunidade escolar pesquisada, e da estrutura do sistema educativo na qual essa comunidade está inserida. E identificar o que incomoda e deve ser mudado é um dos primeiros passos para organizar as lutas contra as falhas nos sistemas políticos institucionais, pois esses sistemas são grandes responsáveis por manter o cenário colonizador em nossas práticas sociais.

Desse modo, perceber a dinâmica da escola participante da pesquisa, com o olhar cuidadoso baseado nas teorias da complexidade (MORIN, 2005) e da etnografia da prática escolar (ANDRÉ, 1995) entrelaçadas com as práticas baseadas nos fundamentos e princípios da Capoeira Angola, nos indica que há possibilidades de realizar diálogos entre a escola e manifestações culturais que colaborem com a construção de pensamentos e ações anti-racistas.

Escutamos de várias professoras que a infra-estrutura da escola e as inflexibilidades do calendário escolar formatado pela secretaria de educação da cidade, foram os elementos que forneceram os maiores entraves referentes aos espaços físicos e as agendas tanto do Projeto quanto a da escola. Também enfatizaram alguns casos em que crianças foram proibidas de participar das práticas da Capoeira na escola, e também fizeram sugestões, avaliações e apontamentos para o aperfeiçoamento do Projeto Didático, caso seja realizado novamente. Nesse sentido, as aberturas e flexibilidades do Projeto Didático foram importantes para que a partir dos diálogos estabelecidos com as participantes da pesquisa, fizéssemos reajustes em nossas agendas e práticas exemplos desse reajustes foram: a realização de aulas em dias da semana que não estavam na programação do Projeto e da escola, e os diálogos e aproximações feitos com os/as familiares para reapresentar os objetivos do Projeto (reapresentar porque a escola foi responsável por estabelecer os canais de comunicação entre a família e a escola).

Desde as primeiras práticas do Projeto realizadas com a EMNM, as crianças demonstravam vontade de participar das dinâmicas com a Capoeira Angola. A *Professora H* analisa o Projeto afirmando que:

[...] venho percebendo que desenvolveu nas crianças a participação, o interesse, eles trabalharam muito lateralidade, movimento, trabalho em grupo, e pesquisas, e eles se envolveram bastante nesse trabalho, e desenvolveu várias áreas do conhecimento, não só na percepção da área esportiva, ou da dança, que a capoeira a gente percebeu que ela é muito ampla, não é somente esporte, ela é esporte, é música, ela é dança, e desenvolve várias questões. Durante o processo de aprendizagem dos alunos, eu percebi que no início eles tinha, assim, uma certa dificuldade, timidez, de se apresentar, tenho até alunos muitos tímidos, que hoje já no final do projeto, eu já percebo que eles ousam mais, eles vão lá à frente, eles se apresentam, eles falam e isso ajudou a gente bastante, a gente em sala de aula, a gente se preocupa com conteúdo curricular e o tempo da gente fica pequeno pra se trabalhar esse outro lado do esporte, principalmente, então outra questão que me chamou bastante atenção, é que eles passaram a se valorizar mais, e se sentir como sujeitos históricos também, participantes dessa cultura. Porque muitas vezes a criança acha que a cultura afrodescendente é só na África, e agora eles estão percebendo que muitas coisas se usam também aqui, no linguajar, no dicionário, na comida típica, isso eu trabalhei também em sala de aula, aproveitando seu projeto para também tá desenvolvendo essas pesquisas com eles, porque, justamente, por causa do interesse deles dentro do projeto. (informação verbal)²⁰

A fala da *Professora H* indica sua avaliação sobre vários pontos, mas destacamos o interesse e a participação, interpretando-os como caminhos para a construção crítica dessas crianças e, compreensão de também são construtores/as e agentes da história. Outros indícios

²⁰ Entrevista concedida pela Professora H para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

sinalizados pela *Professora H* revelam como se torna relevante o compartilhamento de elementos e significados da Capoeira Angola no processo educativo escolar. Sobre esses indícios, a partir de percepções sobre elementos que constituem a dimensão educativa da Capoeira, Keim e Silva dizem que:

A convivência nas ações de Capoeira exige interação interpessoal e percepção do movimento do parceiro e isso amplia visivelmente a capacidade comunicativa e afetiva entre os integrantes do grupo. A vivência corporal possibilita o descobrimento de potenciais próprios de cada pessoa, bem como de seu próprio ritmo, na medida em que amplia a convivência com diferentes histórias e a leitura de cânticos, que traz para seu dia a dia palavras, versos e questionamentos antes desconhecidos. O contato e intercâmbio entre os participantes nas rodas ajudam no convívio social, pois os principiantes tornam-se progressivamente inclusos. (KEIM; SILVA, 2012, p. 78)

Também observamos que deve haver uma relação de extremo respeito entre as pessoas que representam manifestações da cultura afro-brasileiras e as pessoas que gerenciam a escola. Entendendo os limites e regras institucionais da escola, e os formatos em que a dinâmica educativa da Capoeira Angola é materializada com a escola, percebemos que deve haver o entendimento sobre as peculiaridades e aspectos de ambas as culturas, e construir planos de ações e relacionamento pautado na confiança, no diálogo e na flexibilidade.

A Capoeira Angola com a EMNM tornou-se uma roda dinâmica de construções de aprendizados e de mudanças de posturas. Percebemos nas falas das professoras e das crianças também que as ações do Projeto tornaram o ano de 2016 na EMNM, um ano especial. Acreditamos que os momentos de alegrias, de diálogos e de resoluções de conflitos fizeram com que os entendimentos sobre alguns aspectos e elementos da Capoeira e da cultura afro-brasileira fossem construídos no decorrer das ações do Projeto. Sobre essas questões a *Professora H* considera que:

[...] essas coisas de convivência, de respeito ao outro, eu acho que houve uma modificação na turma, eu percebo isso, tanto na desenvoltura deles, de se assumirem, de gostarem de perder o medo, como na questão... E também a questão do preconceito, o preconceito, porque na minha turma existe muita intriga, muita briga, muita coisa por conta do preconceito racial mesmo, eles de vez em quando dizem alguma coisa assim, e eles começaram, todas as vezes que ia falar da tradição africana, dos contos, das questões que envolvem a nossa cultura, nossas origens, eles sempre colocavam a capoeira como algo de herança cultural africana, então por capoeira ser aqui uma coisa que eles gostam e ter uma origem africana, então passa-se a ter mais um elemento pro combate ao racismo dentro da escola. (informação verbal)²¹

²¹ Entrevista concedida pela Professora J para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

E nesse sentido, Araújo discorre sobre as formas e os princípios que capoeiristas devem dedicar-se a realizar ações educativas:

É com base em tais princípios que a Capoeira Angola, ou melhor, os angoleiros apresentam as suas formas de educar. Aqui, envolvidos em vários percursos, concomitantes, e em meio a uma complexa movimentação corporal baseada no respeito e complementação que se faz com o outro, aprende-se também a tocar os instrumentos que estruturam a base orquestral da sua prática, ou ainda a construção destes, seus significados e sentidos histórico-filosóficos, também expressos nos cantos que entoam não apenas uma compreensão do mundo mas, sobretudo, a partir desta, suas formas de interagir e negociar com este. (ARAÚJO, 2014, p. 1)

Na maioria das entrevistas, as professoras afirmam que as atividades com a música, provocaram sensações de alegria e felicidade entre a comunidade escolar, mesmo quando a participação limitava-se a observação, escuta e a apreciação, que são elementos, deveras importantes para as aprendizagens não só na capoeira, mas para as tantas outras práticas e relações que as crianças vão experimentar na vida. Aprender, executar e apreciar o ritmo que configura a musicalidade da Capoeira, possibilita a construção de competências motoras, emotivas e cognitivas que podem ser bastante úteis para as formações das crianças. Jeandot oferece uma explicação bastante aprazível sobre a naturalidade e complexidade do ritmo para nossas formações e transformações:

O ritmo vital é marcado por tensões e relaxamentos energéticos sucessivos, condicionados no dia-a-dia por nossa movimentação e por nosso ritmo fisiológico. Essa noção rítmica instintiva, a que se mesclam elementos sensoriais e afetivos, constitui a base de nosso senso de equilíbrio e harmonia, essencial para que nos situemos no mundo e percebamos seus limites e contornos. (JEANDOT, 1997, p.26)

Não só analisando o que as professoras apresentaram sobre suas percepções, mas também encontrando sinais nos inúmeros registros fotográficos, audiovisuais, escritos, orais e em forma de desenhos artísticos, para comprovar a significância de realizar ações com Capoeira Angola com as escolas. Pois a depender de como é construído os processos educativos com essas culturas nas escolas, elementos como: história da cultura afro-brasileira e africana, os movimentos e a musicalidade da Capoeira Angola, e os princípios do respeito, da ancestralidade e da comunidade – marcadamente, são alguns elementos que possibilitam colaborar com a construção da identidade cultural, do pensamento crítico, e do respeito as diversidades culturais.

3.2.2 Capoeira Angola dialogando com o Artigo 26-A: contribuindo com formações e transformações

Nessa roda temática, as professoras participantes dessa pesquisa, apresentam análises sobre como o Artigo 26-A está sendo problematizado na escola, bem como a Capoeira Angola pode ser um vetor das problematizações sobre a preconização e execução da LDBEN. Também ponderam sobre a importância das práticas do Projeto para a formação das crianças. E nesse processo de análises e avaliações traremos pesquisadores/as que refletem sobre as possibilidades de diálogos entre a Capoeira e o Artigo 26-A.

A *Professora D* fala sobre como ocorre sua prática pedagógica referente ao Artigo 26-A, e apresenta seu entendimento de que a cultura africana é um elemento étnico-racial fundamental à constituição do nosso complexo cultural. Ela afirma que:

[...] procuro inserir a cultura africana nos meus conteúdos, até porque eu acho complicado hoje, um professor de fundamental ou ensino médio, você conseguir separar isso. A Lei eu acho que só veio pra reforçar, e pra chamar atenção daqueles que queriam excluir, não é? Eu acho que a Lei veio pra isso, ela não veio numa intenção, como se dissesse assim: tava esquecido, vamos lembrar e vamos fazer valer, porque eu enquanto profissional da área, eu nunca consegui trabalhar sociedade, cidadania, sem eu trazer a cultura africana que tá enraizada na cultura do Brasil. Não é? (informação verbal)²²

Nessa afirmativa, também podemos perceber que a *Professora D* compreende que noções sobre sociedade e cidadania podem ser apreendidas pela dimensão educativa e política das culturas africanas, e, por conseguinte, as culturas afro-brasileiras.

Sobre a questão da construção do pertencimento étnico, Nogueira (2005, p. 75) considera que: “[...] a Capoeira Angola permite manter um cordão umbilical com a África. Na prática da Capoeira Angola um dos fundamentos que esta comunidade busca preservar é a importância das linhagens, que simboliza a ancestralidade da capoeira.” – e em nossa interpretação, o Artigo 26-A também é construído para ampliar as consciências imbricadas aos reconhecimentos étnico-raciais e, para servir de instrumento nas lutas contra as opressões e as discriminações nos ambientes educativos institucionalizados.

Compreender a complexidade que a humanidade está inscrita, nos revela aspectos e fenômenos históricos que configuram os alicerces da contemporaneidade. Entender que modos de operar e de pensar para a construção das sociedades, implicou em subjugações,

²² Entrevista concedida pela Professora D para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

inferiorizações, aniquilamentos e subalternizações de diversas culturas. Pensar sobre as causas e origens dessas iniquidades e consequências, nos leva a entender que seus princípios partem da unilateralidade do pensamento eurocêntrico junto a seus vieses científicos, capitais e econômicos. Sendo assim, ao invadirem o que pensavam ser o ‘novo mundo’, trataram de iniciar seus planos de espoliação, colonização e exploração, tendo como base a dominação das culturas ‘indígenas’, e mais adiante a violenta dominação e exploração das culturas africanas.

Nesse sentido, encontramos na Capoeira Angola, possibilidades de efetivação e fortalecimento de objetivos e orientações presentes nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas* no que concerne ao:

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas. (BRASIL, 2006, p. 254)

Assim, Para Nogueira:

No processo de construção do pertencimento étnico-racial, a Capoeira Angola contribuiu para o fortalecimento de tal sentimento na medida em que os participantes, negros e não-negros, quando entram para o grupo de Capoeira Angola, descobrem/aprendem que têm que lutar pelos seus pares, pelos(as) negros(as), demonstrando e vivendo um sentimento de comunidade, de humanidade e a aquisição de uma consciência histórica da opressão racista. (NOGUEIRA, 2005, p.87)

Nas entrevistas, todas as professoras confirmaram a existência de práticas e ações referentes ao Artigo 26-A, no entanto também relataram alguns elementos que interferem nas dinâmicas pedagógicas e dificultam a organização e os diálogos da escola sobre o decreto. A *Professora C* nos apresenta esse panorama no sistema em que a EMNM está inserida:

Algumas aplicações sim, na sala de aula, sempre professores orientando as crianças, alunos, em relação ao respeito, tolerância, em considerar as vivências do outro, porque tudo isso é importante na formação da gente que é brasileiro. Em termos de discussão, com o corpo docente, na minha avaliação, ainda acontece muito pouco, não porque a gente não queira, não esteja disponível, mas porque é exigido da gente uma série de tarefas administrativas dentro da rede que a gente trabalha, que muitas vezes quando a gente se reúne é pra preencher tabela, fazer conceito, entendeu? É

pra preparar uma tarefa pros meninos, e aí você tem uma turma com vinte alunos, outra com quinze, outra com doze, e muitas vezes o tempo pra discussão ele é reduzido. Porque, justamente, aquela coisa da resistência, do que propõe certas propostas pedagógicas, se você for lá, em termos de lei ela existe, é pra ser discutida essa lei, é pra ser debatida, é pra ser vivenciada, mas a gente que é professor, em termos de rede, discute muito pouco, porque o tempo que é proporcionado pra gente discutir, infelizmente a gente gasta esse tempo, gasta entre aspas, usa ele pra preencher e fazer tarefas burocráticas, muitas vezes. Aí isso, emperra um pouco, mas assim, a gente ainda arruma alguns subterfúgios [...]. (informação verbal)²³

Na fala da *Professora C*, ficam evidentes os problemas e barreiras que ‘emperram’ as dinâmicas referentes ao Artigo 26-A. Contudo, verificamos que a Capoeira Angola, com sua flexibilidade e pensamento político pode ser uma via ou um ‘subterfúgio’, para fortalecer as determinações do decreto nas instituições escolares. Assim, Júnior (2011, p. 90) concebe que “[...] a Capoeira pode ter uma atuação contra a hegemonia político-cultural, sendo fundamental no âmbito escolar, para a restauração dos valores dos povos historicamente marginalizados.”.

E quando buscamos incidir sobre as contribuições da Capoeira, nos ambientes escolares, no que concernem as formações das crianças, encontramos nesse documento a perspectiva de que:

Ao se tratar da presença da capoeira na prática pedagógica para a formação das novas gerações, é comum perceber seu emprego como instrumento de promoção da disciplina. Entretanto, os mestres e praticantes da capoeira costumam se referir a essa prática não como esporte ou como luta, mas entendem a capoeira como arte ou filosofia. É nesse registro que encontram-se indicações de elementos importantes para a formação das novas gerações. Nesse caso, está presente a disciplina como consequência, mas o princípio fundamental está na redescoberta da expressividade afro-brasileira que se transmite por meio da movimentação, da música e do jogo. (BRASIL, 2014, p. 91-92)

Nessa afirmação, encontramos a afirmativa de que para a formação das crianças a Capoeira promove a descoberta da expressividade afro-brasileira, o que novamente fortalece o entendimento que essas descobertas também constituem a construção das identidades culturais na escola. Desse modo, ao ser questionada sobre como percebeu a Capoeira Angola contribuindo com as formações das crianças, a *Professora C* considera que:

[...] fortalece e potencializa o desenvolvimento dessas crianças, entendeu? Eu percebo que elas se sentem mais valorizadas e mais fortes mesmo, nas suas culturas, nas suas raízes, entendeu, e se percebe que é possível ter acesso a um bom aprendizado, a boas práticas e a diferentes linguagens. Então essa mistura de linguagens, eu acredito que é muito importante pra formação delas, não só formação

²³ Entrevista concedida pela Professora C para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

escolar, mas a formação pra toda vida, é por isso que isso enriquece, e mostra pro ser humano, ó você tem uma série de possibilidades aqui, e se você se interessar você pode acessar qualquer uma delas. E ser feliz! (informação verbal)²⁴

Essa consideração, feita por essa professora, aponta para a Capoeira Angola como sendo uma fruta cuja árvore que a concebe tem raízes culturais ancestrais, e que ao ser ingerida e degustada fortalece o corpo para os enfrentamentos na escola e para o mundo. E é sobre esses fortalecimentos e enfrentamentos que a *Professora J* considera que a capoeira com a EMNM fez um movimento de:

[...] vincular as nossas tradições, mas a gente puxar também pra questão da nossa origem negra, de ter isso como uma ferramenta de combate ao racismo, sabe... eu acho que essa contribuição precisa ser mais afinada, assim, pensar mais, por que que eu vou negar as minhas origens, por que que eu vou tratar o outro diferente pela cor da pele, então eu acho que esses valores, a gente ainda precisa exigir mais, a gente como escola, você com seu projeto, e outras ações nesse sentido, de vincular mais a essa questão, porque quando a gente está tratando da valorização da cultura, da ancestralidade, de tudo isso, a gente tá não só apenas tratando da questão cultural, mas a gente tá também com uma bandeira que ela precisa ser levantada mais alta, que é a bandeira do combate ao racismo [...]. (informação verbal)²⁵

Essa visão nos faz refletir o quanto é impactante, para as dinâmicas escolares, os diálogos e ações educativas de manifestações culturais, partilhadas no cotidiano escolar, e que estejam imbuídas de princípios e valores onde a transformação do ser é construída diante dos elementos, dimensões, signos e símbolos dessas culturas. A fala da *Professora J* sinaliza para o fortalecimento do enfrentamento ao racismo. Problema secular que interfere nas mais variadas práticas e relações sociais do contexto brasileiro. Por isso, ao pensar sobre as relações entre culturas e escolas, implicadas as criações de estratégias educativas que visam o fortalecimento do combate ao racismo, Moreira e Candau afirmam que:

Uma das questões fundamentais de serem trabalhadas no cotidiano escolar, na perspectiva da promoção de uma educação atenta à diversidade cultural e à diferença, diz respeito ao combate à discriminação e ao preconceito, tão presentes na nossa sociedade e nas nossas escolas. (MOREIRA; CANDAU, 2003, p.163)

Com bases nos depoimentos da professoras, podemos perceber que a Capoeira Angola na escola tornou-se um espaço ou uma roda, em que diálogos e ações convergiam para a compreensão de que essa manifestação cultural afro-brasileira, ao relacionar-se com a escola,

²⁴ Entrevista concedida pela Professora C para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

²⁵ Entrevista concedida pela Professora J para essa pesquisa, na Escola Municipal Nova Morada, em dezembro de 2016.

possivelmente, promove significados relevantes para a comunidade escolar. Quando seus princípios educativos e seus símbolos e signos são partilhados com seriedade e consciência, a Capoeira Angola em jogo com a educação escolar pode ser uma via para a construção de ações pertinentes ao Artigo 26-A, bem como pode ser uma aliada na construção de uma educação anti-racista.

CONSIDERAÇÕES

Analizamos as práticas educativas da Capoeira Angola em diálogos com a Escola Municipal Nova Morada, e constatamos que essas práticas ao mesmo tempo em que foram suportes as aprendizagens e as didáticas que configuraram as relações escolares no ano letivo de 2016, também foram essenciais para a promoção de diálogos sobre o Artigo 26-A, para a discussão sobre problemas relacionados às práticas de racismo e discriminação, e sobre identidades culturais das crianças da escola.

Percebemos que a dimensão educativa da Capoeira Angola não é algo estanque, que foi formatada desde seus adventos. Com essa pesquisa, compartilhamos com a comunidade escolar, conhecimentos sobre elementos que configuram e constituem a dimensão educativa da Capoeira Angola que foi envolvida na escola. Alguns desses elementos são: a oralidade, a comunidade, a convivência, a musicalidade, a ancestralidade etc.

Na medida em que esses elementos estavam sendo vivenciados nas atividades da escola, podemos por intermédio deles fomentar diálogos e aprendizagens sobre os problemas que os sistemas de ensino escolar oferecem a sociedade. Santana (2010 p. 99) afirma que: “[...] nosso sistema escolar institucionalizou-se conflitivamente, a partir de uma perspectiva cultural que administrou a diversidade cultural brasileira desde uma perspectiva eurocêntrica.”. Nesse sentido, nossas práticas com bases arraigadas nas teorias da complexidade (MORIN, 2005) e da colonialidade (QUIJANO, 2009), buscaram fortalecer na escola os pensamentos e ações sobre a necessidade de construir atitudes anti-racistas nos ambientes escolares.

As práticas da Capoeira Angola na escola pesquisada demonstraram seus potenciais que se transformaram em caminhos educativos para fortalecer os enfrentamentos às injustiças e opressões. Portanto, é necessário expandir e lutar para que essas práticas sejam partes integrantes dos currículos ou dos componentes curriculares das escolas. Em um ano letivo é possível fazer marcas significativas que representem a cultura afro-brasileira nos ambientes escolares, e os apontamentos, sinais e conhecimentos gerados com a pesquisa, também nos leva a entender que as culturas afro-brasileiras devem configurar as dinâmicas escolares.

Os estudos de Hall (2006) sobre as crises e deslocamentos que incidem sobre as identidades culturais, nos fez perceber ao iniciar os diálogos com a escola, que existiam inúmeras influências que contribuem com as construções das identidades das crianças na escola. E os signos e símbolos do mundo globalizado também estão representados nas sociabilidades da comunidade escolar da EMNM. Crianças com brinquedos e aparelhos

eletrônicos, apreciando músicas e audiovisuais de culturas distintas da nossa, era comum de encontrar nos pátios, recreios e salas de aulas. Não estou atribuindo valores negativos aos símbolos dessas culturas, porém enxergo que o menosprezo pelas culturas tradicionais de nossa sociedade, até pela falta de oportunidades de contatos com essas culturas, transformam as personalidades e corpos das crianças.

Daí, resalto para importância de estudar uma cultura tradicional na dinâmica escolar, nesse caso uma manifestação da cultura afro-brasileira. Com esses contatos, tanto as crianças quanto as professoras da EMNM, comprovaram que sendo oportunizados/as ao aprendizado sobre a Capoeira Angola, interesses e curiosidades surgiram para compreender cada vez mais os elementos dessa cultura. E nesse sentido, ao apreciar e entender suas complexidades, um processo de identificação foi solidificando-se no curso do Projeto. Quando as crianças sorriam para mim e perguntavam o que faríamos naquele dia, sentia que a identificação com a Capoeira Angola estava sendo firmada. Nesse sentido, a compreensão de Hall (2006) vem à tona, sobre as inconstâncias e flexibilidades das identidades.

Levando-se em conta o que foi observado nos diários de campos, nas observações participantes, nas entrevistas e nos registros fotográficos e audiovisuais, contribuem para afirmar que os diálogos e ações entre as práticas da Capoeira Angola e os eventos e ações da comunidade escolar, propiciaram aos/as participantes da pesquisa momentos de plenitude, de convivência, de reflexões, de diversão e de aprendizagens.

Keim e Silva (2012, p. 79) afirmam que “Os capoeiristas desenvolvem de forma muito intensa a capacidade de transformar tudo o que é negativo em positivo. Talvez isso se deva ao fato dos participantes melhorarem sobremaneira a confiança em si mesmos e, por conseguinte, a autoestima [...]”, nesse sentido foi nossos posicionamentos diante dos encontros com as barreiras que dificultaram nossas ações na escola. Foram registrados por nós e pelas participantes da pesquisa empecilhos como: a falta de infra-estrutura física adequada, o preconceito e a discriminação, os excessos burocráticos que afetavam as práticas pedagógicas e as organizações da comunidade escolar. Porém, esses empecilhos foram tratados com rigor e serenidade, e serviram de impulso para ampliarmos e melhorarmos nossas ações com a escola.

Quanto a questão norteadora da pesquisa, verificamos que a presença da Capoeira Angola, sendo viabilizada e compartilhada de maneira consciente, contribui com as construções das identidades culturais, bem como com a formação do pensamento crítico. Pois, suas vias educativas tendem a estimular ações e diálogos que transformem as visões das pessoas participantes, e que passem a se relacionar com mundo de maneira cuidadosa e ativa.

Desse modo, também foi apontado pelas professoras entrevistadas, que as dinâmicas e os símbolos da capoeiragem podem favorecer as tomadas de consciência e as identificações com a cultura afro-brasileira, no sentido de combater o racismo e a discriminação, perceber as relações étnico-raciais nas práticas sociais, e, sobretudo valorizar nossas raízes ancestrais.

A Capoeira, historicamente, foi perseguida pelos sistemas políticos. Justamente por possuir elementos rebeldes, contestatórios e libertários. No ano de 2015 a Prefeitura do Recife decreta mais uma forma de tentar controlar as culturas e suas manifestações pela Lei Ordinária – 18.073/2014²⁶, e mais uma proibição as práticas da Capoeira foram maquinadas. Porém essa polêmica medida gerou mobilizações de movimentos sociais, que cujas mobilizações culminaram na quebra dessa Lei. Trago essa Lei para comprovar as estratégias dos gestores políticos para criar e aplicar seus planos, sem debate com os movimentos sociais e com a sociedade civil.

No entanto, também trago dois decretos que foram conquistados pelos/as capoeiristas em articulações com legisladores/as, com movimentos sociais e com a sociedade recifense e olindense. É a Lei Ordinária – 17.941/2013²⁷ do município do Recife-PE e a Lei Nº 5971/2016²⁸ do município de Olinda. Esses decretos instituem nos municípios de Olinda e Recife a Semana Municipal da Capoeira. Representam aberturas de diálogos e ações, e possibilidades de compartilhamentos e aprendizados nas escolas, pois em seus parágrafos as Semanas devem ser estimuladas e efetivadas nas escolas dos municípios.

Quando iniciamos as ações com a escola, logo as crianças demonstraram seus encantamentos e curiosidades com as novidades que estavam a se apresentar para elas. O interesse e a entrega às ações do Projeto foram ficando cada vez mais intensas, e a maioria das crianças estava estreitando os laços identitários, tanto com o mediador quanto com a Capoeira Angola. Então, todos os dias que eu entrava na escola, as crianças menores corriam para me receber com muitos carinhos, perguntas e abraços. Logo, fui percebendo que a presença da Capoeira Angola era algo de magnitude e valores grandiosos para aquelas crianças.

Representar uma manifestação da cultura afro-brasileira, para qualquer pessoa, exige seriedade, respeito, força e leveza. Percebi que àqueles abraços não eram apenas para o mediador ou para o educador ali presente. As crianças estavam abraçando a cultura, abraçando suas raízes, pois estavam descobrindo-as por vias do prazer, da participação, da

²⁶ Vide em anexo D.

²⁷ Vide em anexo C.

²⁸ Vide em anexo B.

amorosidade e da alegria, e estavam expressando para o mundo o quanto é significativo essa descoberta.

Nesse sentido, os conhecimentos descobertos e compartilhados nos processos dessa pesquisa, indicam que a educação escolar necessita das contribuições das manifestações culturais afro-brasileiras. E no caso da Capoeira Angola, fica comprovado que suas práticas na escola podem promover formações e transformações para a humanização e conscientização das comunidades escolares.

REFERÊNCIAS

A Capoeira de Pernambuco: os valentes capoeiras. Produção: Ulisses Cangaia. [S.l.]: Produção Independente. 2016.

ABID, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas: [s.n.], 2004. 172 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - 2004.

AHLERT, Alvorí. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, p. 113-126, 2010. ISSN 1676-2533.

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, Fev/Jul 1992.

ANDRADE, Bruno Amaral. **O jogo da Capoeira Angola na roda da cultura brasileira: um estudo pós-colonial das implicações de efetivar os direitos culturais na sociedade brasileira**. [S.l.]: [s.n.], 2010. 80 p. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Sociologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Caderno de Pesquisas**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, julho 2001.

_____. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, n. 45, p. 66-71, Maio 1983.

_____. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, Viva Meu Mestre: a Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa**. São Paulo: [s.n.], 2004. 236 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

_____. **Gingo, logo existo!** Anais do VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as. Belém: [s.n.]. 2014.

BARBIERI, Cesar Augustus S. (.). **A Capoeira nos JEBs**. Brasília: Programa Nacional de Capoeira, Centro de Informação e Documentação Sobre a Capoeira, 1995.

_____. **Buraco velho tem cobra dentro!:** uma interpretação do processo de escolarização da capoeira. Curitiba: CRV, 2013.

BARRETO, José de Jesus. **O menino que virou mestre - Pastinha**. Salvador: Solisluna Design Editora, 2011.

BARROS, Kaleb Ferreira. **Capoeira na educação infantil: teoria de ensino e atividades práticas**. São Paulo: Phorte, 2012.

BELTRÃO, Mônica. **A capoeiragem no Recife Antigo: os valentes de outrora**. Recife: Nossa Livraria, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação / Conselho Pleno. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana**. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 20 janeiro 2012.

BRASIL, Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília: MEC/SECADI/UFSCar, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / SECRETARIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BREDA, Omri. **Capoeira com crianças no Rio de Janeiro: a capoeira como prática educativa transformadora**. Disponível em: <<http://www.brincadeiradeangola.com.br>>. Acesso em: 13 Fevereiro 2011.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CANDAU, Vera Maria. **Cultura(s) e Educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2002.

CEDCA, Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Crianças e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Paulista: [s.n.], 2013.

CETTRAN - CENTRO DE EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR. **Educação e Transdisciplinaridade**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf>>. Acesso em: 13 abril 2015.

CONCEIÇÃO, Jorge de Souza. **Capoeira Angola: educação pluriétnica corporal e ambiental**. Salvador: Vento Leste, 2009.

CRUZ, Luciana Pereira de Oliveira. **Em busca da identidade afro-brasileira na escola: sobre a lei e as práticas**. Salvador: [s.n.], 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Salvador. 2010.

CUNHA, Carolina. **Mestre Gato e Comadre Onça**. São Paulo: Edições SM, 2011.

É manha, é mandinga: a capoeira Angola em Pernambuco. Produção: Max Diniz Lapa; Rafaela Almeida e Yuri Teles. [S.l.]: [s.n.]. 2012.

FREIRE, Paulo. **Cartas à guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan/mar 2006.

GOMES, Fábio José Cardias. **O pulo do gato preto**: estudo de três dimensões educativas marciais em uma linhagem de capoeira angola. [S.l.]: [s.n.], 2009. 204 p. Tese de doutorado - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e medições culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. São paulo: Scipione, 1997.

JÚNIOR, Florisvaldo Evangelista da Silva. **Vadição na escola**: dialogando com as contradições do ensino da capoeira. [S.l.]: [s.n.], 2010. 252 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do estado da Bahia, Salvador, 2010.

KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da insurreição**: emancipação humana, ontologia e pedagogia em Georg Lukács e Paulo Freire. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

_____; SILVA, Carlos José. **Capoeira e educação pós-colonial**: ancestralidade, cosmovisão e pedagogia freiriana. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

KOHL, Henrique Gerson. **Gingado na prática pedagógica escolar**: expressões lúdicas no quefazer da educação física. Recife: [s.n.], 2007. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. Prefácio. In: SANTOS, Akiko; SOMMERMAN, Américo. **Complexidade e transdisciplinaridade**: em busca da totalidade perdida. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República. **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, v. 22, n. 1, p. 049-062, jan/jun. 2006.

MACHADO, Sara Abreu da Mata; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Corpo, ancestralidade e africanidade: por uma Educação Libertadora no jogo da Capoeira Angola. **Entrelaçando**, v. 2, n. 4, p. 1-16, Novembro 2011. ISSN 2179-8443.

MARQUES, Carlos Bittencourt Leite. **"Brinquedo, luta e arruaça": o cotidiano da capoeira no Recife de 1880 a 1911**. Recife: [s.n.], 2012. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História.

MARQUES, Francineide. A legislação para a promoção da igualdade racial no Brasil. In: BOTELHO, D. **Educar para a igualdade racial nas escolas**. Recife: MXM Gráfica & Editora, 2016. p. 155. (Coleção Renaform-UFRPE: da formação à transformação).

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156-168, Mai/Jun/Jul/Ago 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

_____. **Ciência com consciência**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NEVES, Josélia Gomes. Cultura escrita e narrativa autobiográfica: implicações na formação docente. In: CAMARGO, M. R. R. M. D.; SANTOS, V. C. C. D. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 140.

NICOLESCU, Basareb. Um novo tipo de conhecimento - transdisciplinaridade. In: CETRAN, C. D. E. T. **Educação e transdisciplinaridade**. [S.l.]: [s.n.], p. 9-25. Disponível em: Acessado em: 13 de abril de 2015.

NOGUEIRA, Simone Gilbran. **Processos educativos da capoeira angola e construção do pertencimento étnico-racial**. [S.l.]: [s.n.], 2008. 173 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de.; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. 3ª. ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PASTINHA: uma vida pela capoeira. Produção: Antônio Carlos Muricy. [S.l.]: [s.n.]. 1998.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. D. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

RADICCHI, Marcelo Rocha. **Capoeira e escola: significados da participação**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

SANTANA, Moisés de Melo. Diversidade cultural, educação e transculturalismo crítico - um rascunho inicial para discussão. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 25, n. 1, p. 97-106, Janeiro/junho - 2010. ISSN 0102-4248.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. - (Reinventar a emancipação social: para novos manifestos; v. 4).

_____; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.

SANTOS, Elias dos. Capoeira na Escola - Atividade Capaz de Contribuir com a Formação do Cidadão Crítico. **IV Colóquio Internacional - Educação e Contemporaneidade**, Laranjeiras, 2010. ISSN 1982-3657.

SANTOS, Marcos Ferreira dos. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. In: BRASIL, Ministério de Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: [s.n.], 2005. p. 236.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Marco Antônio Santos da. **A prática da capoeira como espaço de formação**. Maceió: [s.n.], 2006. Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2006.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, história de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 310.

SUANNO, João Henrique. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. In: SUANNO, João Henrique; MORAES, M. C. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014. Cap. 7, p. 232.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRINDADE, Pedro Moraes. **Do lado de cá da kalunga**: os africanos angolas em Salvador - 1800-1864. Salvador: [s.n.], 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia.

_____. Entrevista: Grandes Mestres: Grupo GCAP - Mestre Moraes. **Praticando Capoeira**, 2005. Revista Praticando Capoeira (Ano III - Nº 29).

VASSALLO, Simone. Identidade negra, cidadania e memória: os significados políticos da Capoeira de Angola contemporânea. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 334-350, Dezembro 2011.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA [SEMI-ESTRUTURADA]



ROTEIRO DE ENTREVISTA (SEMIESTRUTURADA) / DOCENTES

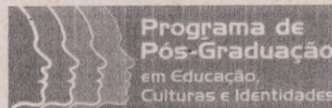
- ✚ Agradecimentos e esclarecimentos (objetivos procedimentos e autorização);
- ✚ Auto-apresentação (nome, formação, profissão, atividades etc.);
- ✚ Análise do Projeto na escola (pontos fracos e fortes);
- ✚ Percepção sobre os/as discentes no Projeto (envolvimento, comportamento, participação etc.);
- ✚ Lei 10.639 da LDB (práticas na escola, articulações com a Capoeira, etc.)
- ✚ Considerações (abertura para dialogar sobre algo que não foi contemplado nas questões supracitadas).

ANOTAÇÕES

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Fundação
Joaquim
Nabuco



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Escola Municipal Nova Morada, ENPJ: 09.665.288/0001 - 07, aceita o convite e autoriza o desenvolvimento da pesquisa em suas instalações, bem como a inclusão e análise dos dados coletados durante a pesquisa na dissertação a ser produzida. Que tem como objetivo principal analisar e compreender a dimensão educativa da Capoeira Angola nas práticas e dinâmicas escolares.

A pesquisa será desenvolvida pelo pós-graduando Danilo Santos do Vale, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, da Universidade Federal Rural de Pernambuco [UFRPE] em associação com a Fundação Joaquim Nabuco [FUNDAJ], e conta com as orientações do Prof. Dr. Moisés de Melo Santana

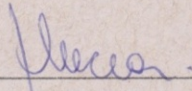
Informo que recebi explicação sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, de que nesta pesquisa serão realizadas entrevistas e gravações em áudio e audiovisual, que não haverá danos pessoais, físicos ou morais, que não haverá retornos financeiros, e que a identidade da instituição só será divulgada caso haja a autorização da escola, respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

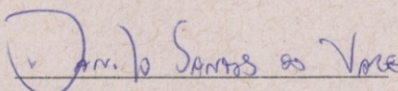
Autorizo os responsáveis dessa pesquisa a conservar sob sua guarda os resultados da coleta de dados, assim como utilizar essas informações em situações acadêmicas (reuniões, congressos, cursos e publicações científicas etc.) desde que as identificações seja mantidas em sigilo (caso não haja a autorização da instituição).

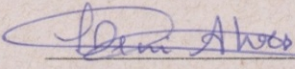
Ficam assegurados aos participantes desta pesquisa, esclarecimentos solicitados em qualquer tempo, sobre os métodos e instrumentos a serem utilizados e ainda o direito do/a mesmo/a de retirar-se a qualquer momento sem quaisquer penalidades.

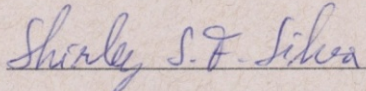
Declaro aceita a inclusão dos dados coletados durante a pesquisa no mencionado estudo de pesquisa.

Recife, 01 de março, 2016.


Assinatura (instituição)
Lidia Felix de Melo
Vice-Dirigente
May 2016


Pesquisador


Testemunha


Testemunha

APÊNDICE C – PROJETO DIDÁTICO [PLANO DE AÇÃO]

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES

VAMOS LÁ BRINCAR NA RODA - CAPOEIRA ANGOLA COMO PRÁTICA
EDUCATIVA NA ESCOLA MUNICIPAL NOVA MORADA

RECIFE

2016

DANILO SANTOS DO VALE

VAMOS LÁ BRINCAR NA RODA - CAPOEIRA ANGOLA COMO PRÁTICA
EDUCATIVA NA ESCOLA MUNICIPAL NOVA MORADA

Projeto Didático apresentado a gestão da
Escola Municipal Nova Morada para análise e
execução do projeto.

RECIFE

2016

SUMÁRIO

1. OBJETIVOS	XX
1.1 Geral	XX
1.2 Específicos.....	XX
2. CONTEÚDOS	XX
3. PÚBLICO ALVO	XX
4. TEMPO ESTIMADO	XX
5. DESENVOLVIMENTO.....	XX
6. PRODUTO FINAL	XX
7. AVALIAÇÃO	XX
BIBLIOGRAFIA.....	XX

1. OBJETIVOS

1.1 Geral

Realizar intervenções didáticas com enfoque nos ensinamentos da Capoeira Angola imbricados as práticas educativas da escola, no sentido do fortalecimento da linguagem, da corporeidade, das identidades culturais, e, sobretudo, da construção da cidadania.

1.2 Específicos

- ✚ Estudar aspectos e historicidade da cultura africana e afro-brasileira;
- ✚ Ampliar a efetivação do Artigo 26-A da LEBEN (Lei 10.639);
- ✚ Utilizar os procedimentos metodológicos do Grupo de Capoeira Herança de Angola baseados nos estudos da musicalidade, ancestralidade e movimentos da Capoeira;
- ✚ Realizar leituras e produções textuais, e exibições de materiais audiovisual;
- ✚ Construir, coletivamente, um produto audiovisual e painéis com ênfase nas dinâmicas do Projeto;

2. CONTEÚDOS

- ✚ Sistema Colonial;
- ✚ Resistência ao escravismo e suas implicações;
- ✚ Culturas Africanas e Afro-brasileiras;
- ✚ Interpretação de textos;
- ✚ Análise semântica;

3. PÚBLICO ALVO

Comunidade escolar da Escola Municipal Nova Morada.

4. TEMPO ESTIMADO

Ano letivo (acompanhando o calendário oficial em 2016)

5. DESENVOLVIMENTO

Realização de práticas e ações na escola com bases nos fundamentos e princípios da Capoeira Angola. Nas terças e quintas, as crianças aprenderão sobre os fundamentos da musicalidade, oralidade e movimentos. A aula tem duração de 1h e são elaboradas em conformidade com os procedimentos didáticos assimilados no Grupo de Capoeira herança de Angola. Essa é uma secção aberta, e que depende das complementações e sugestões feitas pela gestão, docentes e crianças da escola.

6. PRODUTO FINAL

Serão produzidos painéis sintetizando as realizações do Projeto na escola. Para compor os painéis, serão utilizados registros fotográficos, textos, mensagens, desenhos, gravuras, poesias etc., que serão fixados em ambientes da escola. Também será produzido um material audiovisual com os/as discentes participantes.

7. AVALIAÇÃO

Por esse Projeto Didático não ser parte do currículo oficial da escola, as avaliações de desempenhos dos/das participantes no Projeto não será requisito para obtenção de níveis da escolarização. No entanto, destacamos que a partir dos entendimentos sobre a dimensão educativa da Capoeira Angola, elementos como participação, cooperatividade, convivência e envolvimento seriam possíveis critérios avaliativos.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Paulo Coêlho. **Capoeira: Novos Estudos – abordagens sócio-antropológicas**. Juiz de Fora: Irmãos Justiniano, 2004.

BELTRÃO, Mônica. **A Capoeiragem no Recife Antigo: os valentes de outrora**. Recife: Ed. Nossa Livraria, 2007.

BOTELHO, Denise. **Inclusão educacional da população negra brasileira**. Cadernos de Educação. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, ano XIII, nº 20, p. 14-21, 2008. (ISSN 1982-758X; 20)

BRASIL. Ministério da Cultura. **Inventário Para Registro e Salvaguarda da Capoeira Como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2007.

CARVALHO, Marcus. **Liberdade: rotinas e rupturas do Escravismo no Recife, 1822-1850**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

CARVALHO, Marcus. **Rumores e Rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife**. Revista Tempo, Niterói – Universidade Federal Fluminense, n. 6, vol. 3, dezembro, 1998.

COUTINHO, Daniel. **O ABC da Capoeira Angola: os manuscritos do Mestre Noronha**. Brasília: DEFER, 1993.

CONCEIÇÃO, Jorge de Souza. **Capoeira Angola: educação pluriétnica corporal e ambiental**. Salvador: Vento Leste, 2009.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO/DF. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. 2004.

DECANIO, Angelo. **A Herança de Pastinha**. Salvador: Coleção São Salomão 3, 1997.
FREIRE, Paulo; Nogueira, Adriano. **Que Fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p. 27-38, jan/mar. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kagengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTA)



Fundação
Joaquim
Nabuco



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Telma Lucena de Lucena,
RG: 2.855.851, autorizo minha participação

voluntária, bem como a inclusão e análise dos meus dados na pesquisa intitulada *Capoeira Angola na Escola Municipal Nova Morada: Perspectivas e Práticas Educativas na Construção das Identidades Culturais*. Que tem como objetivo principal analisar e compreender a dimensão educativa da Capoeira Angola nas práticas escolares.

A pesquisa será desenvolvida pelo pós-graduando Danilo Santos do Vale, discente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, da Universidade Federal Rural de Pernambuco [UFRPE] em conjunto com a Fundação Joaquim Nabuco [FUNDAJ], e sob orientação do Prof. Dr. Moisés de Melo Santana.

Informo que recebi explicação sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, de que nesta pesquisa serão realizadas entrevista e gravação em audiovisual, que não haverá danos pessoais, físicos ou morais, que não haverá retornos financeiros, e que minha identidade só será divulgada mediante a minha autorização, respeitando os princípios éticos da pesquisa científica.

Autorizo os responsáveis dessa pesquisa a conservar sob sua guarda os resultados da coleta de dados, assim como utilizar essas informações em situações acadêmicas (reuniões, congressos, cursos e publicações científicas etc.) desde que minha identificação seja mantida em sigilo.

Ficam assegurados aos participantes desta pesquisa, esclarecimentos solicitados em qualquer tempo, sobre os métodos e instrumentos a serem utilizados e ainda o direito do/a mesmo/a de retirar-se a qualquer momento sem quaisquer penalidades.

Declaro aceita a inclusão dos meus dados no mencionado estudo de pesquisa.

Recife, 16 de DEZEMBRO, 2016.

Telma Lucena
Assinatura do/a participante
Telma Lucena
Assist. Direção
7039-0

Dani. Santos
Pesquisador

ANEXO A - TERMO DE ACEITE DA ESCOLA MUNICIPAL NOVA MORADA

Secretaria de Educação
ESCOLA MUNICIPAL NOVA MORADA
Rua Eliane Fragoso do Nascimento nº 24 Caxangá - PE
Autorização 21.966 de 24/05/2006. DOM 57 de 25/05/2006

2016**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

A Escola Municipal Nova morada, situada à Rua Eliane Fragoso do Nascimento, nº 24, Nova Morada, Caxangá, Recife, Pernambuco, **AUTORIZA** o desenvolvimento da Pesquisa sobre a Dimensão Educativa da Capoeira de Angola sob a responsabilidade do pós- graduando Danilo Santos do Vale, discente do Programa de Pós Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE) em associação com a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e com as orientações do Prof. Moisés de melo Santana.

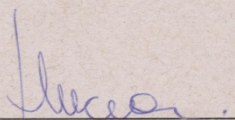
Informamos estar cientes dos objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como de sua metodologia: realização de entrevistas e gravações em áudio e audiovisual, sem danos pessoais, físicos ou morais e sem retornos financeiros.

Autorizamos os responsáveis dessa pesquisa a conservar sob sua guarda os resultados da coleta de dados, assim como utilizar dessas informações em situações acadêmicas (reuniões, congressos, cursos e publicações científicas, etc.).

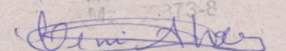
Ficam assegurados aos participantes desta pesquisa, esclarecimento solicitados em qualquer tempo, sobre os métodos e instrumentos a serem utilizados e ainda o direito do/a mesmo/a de retirar-se a qualquer momento sem quaisquer penalidades.

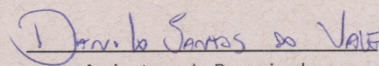
Declaramos aceita a inclusão dos dados coletados durante a pesquisa no mencionado estudo de pesquisa.

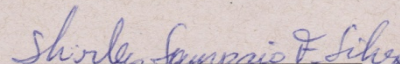
Recife, 01 de março de 2016.


Assinatura do representante da escola

 Lidia Felix de Melo
Vice-Dirigente


Assinatura do Testemunha


Assinatura do Pesquisador


Assinatura do Testemunha

ANEXO B – LEI ORDINÁRIA – 17.941/2013-RECIFE-PE

1/1

LEI Nº 17.941/2013**DISPÕE SOBRE A INSTITUIÇÃO DA SEMANA MUNICIPAL DA CAPOEIRA NO MUNICÍPIO DO RECIFE.**

O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES, DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO PARCIALMENTE A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica instituída a Semana Municipal da Capoeira, a qual passará a integrar o calendário oficial de eventos do Município do Recife, com ciclo de periodicidade a ser anualmente observado, na primeira semana do mês de setembro.

Art. 2º Na Semana Municipal da Capoeira realizar-se-ão campeonatos e apresentações, promovendo-se palestras, debates, cursos e outros eventos.

Art. 3º Os eventos deverão contar com a participação e colaboração de mestres de capoeira, celebridades, personalidades ligadas à capoeira, pesquisadores, árbitros, professores, práticos, escolas e Grupos de Capoeira organizados e notoriamente reconhecidos.

Parágrafo Único - Fica assegurada a participação de mulheres, crianças e deficientes físicos na Semana Municipal da Capoeira.

Art. 4º VETADO

Parágrafo Único - VETADO

Art. 5º VETADO

Art. 6º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Recife, 29 de novembro de 2013

GERALDO JULIO DE MELLO FILHO
Prefeito do Recife

Projeto de Lei nº 102/2013 Autoria da Vereadora Priscila Krause

ANEXO C – LEI Nº 5971/2016

ESTADO DE PERNAMBUCO

MUNICÍPIO DE OLINDA

GABINETE DO PREFEITO

LEI Nº 5971/2016

Câmara Municipal de Olinda

Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade

Institui a Semana Municipal da Capoeira no Município de Olinda.

A CÂMARA MUNICIPAL DE OLINDA decreta,

E eu sanciono a presente lei.

Em, 25 de maio de 2016.

RENILDO CALHEIROS

Prefeito

Art. 1º - Fica instituída a Semana Municipal da Capoeira que será comemorada anualmente na terceira semana de outubro passando a integrar o calendário oficial de eventos do município de Olinda.

Art. 2º - A Semana Municipal da Capoeira deverá contar com programação que incluirá campeonatos, apresentações palestras, debates e capacitações acerca da origem da capoeira e sua importância na cultura brasileira.

Art. 3º - Os eventos deverão contar com a participação e colaboração de mestres e personalidades ligadas à capoeira pesquisadores, professores, práticos, escolas públicas e privadas, grupos e entidades representativas de capoeira notoriamente reconhecidas.

Art. 4º - A programação oficial da Semana Municipal de Capoeira contará com a participação efetiva de grupos e entidades representativas de capoeira e dos órgãos oficiais envolvidos com o tema.

Art. 5º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Casa Bernardo Vieira de Melo, em 15 de março de 2016.

MARCELO SOARES

Presidente

MÔNICA RIBEIRO

1º Vice-Presidente

IZAEL DJALMA DO NASCIMENTO

2º Vice-Presidente

JONAS RIBEIRO

1º Secretário

IVANILDO FRANCISCO GUABIRABA

2º Secretário

Publicado por: Wagner Santos de Souza - Código Identificador: 29739E3E

Matéria publicada no Diário Oficial dos Municípios do Estado de Pernambuco no dia 27/05/2016. Edição 1589

A verificação de autenticidade da matéria pode ser feita informando o código identificador no site: <http://www.diariomunicipal.com.br/amupe/>

ANEXO D – LEI ORDINÁRIA – 18.073/2014 - RECIFE-PE

1/2

LEI Nº 18.073/2014



O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE, FAZ SABER QUE O PODER LEGISLATIVO DO MUNICÍPIO, APROVOU E NA CONFORMIDADE DO QUE DISPÕE O PARÁGRAFO ÚNICO DO ARTIGO 33 DA **LEI ORGÂNICA** DO RECIFE, PROMULGA O SEGUINTE.

ESTABELECE NORMAS GERAIS NO ÂMBITO DO MUNICÍPIO DO RECIFE CONCORRENTE SOBRE CULTURA.

Art. 1º Esta Lei estabelece normas gerais, no âmbito da legislação comum sobre cultura e modalidades de suas manifestações, observado o disposto no Art. 23 e seu inciso V, e do Art. 5, inciso IX da Constituição Federal.

Art. 2º As apresentações de trabalho cultural por artistas de rua em vias, cruzamentos, parques e praças públicas deverão observar as seguintes condições:

- I - permanência transitória no bem público, limitando-se a utilização ao período de execução da manifestação artística;
- II - gratuidade para os espectadores, permitidas doações espontâneas e coleta mediante passagem de chapéu;
- III - não impedir a livre fluência do trânsito;
- IV - respeitar a integridade das áreas verdes e demais instalações do logradouro, preservando-se os bens particulares e os de uso comum do povo;
- V - não impedir a passagem e circulação de pedestres, bem como o acesso a instalações públicas ou privadas;
- VI - não utilizar palco ou qualquer outra estrutura sem a prévia comunicação ou autorização junto ao órgão competente do Poder Executivo Municipal, conforme o caso;
- VII - obedecer aos parâmetros de incomodidade e os níveis máximos de ruído estabelecidos pela Legislação Municipal;
- VIII - às ações só poderão ser manifestadas no horário das 08:00h às 22:00h; e
- IX - não ter patrocínio privado que as caracterize como evento de marketing,

salvo projetos apoiados por lei municipal, estadual ou federal de incentivo à cultura.

Parágrafo Único - As atividades que necessitem de montagem de estrutura para sua execução somente poderão ser realizadas mediante prévia autorização ao órgão competente do Poder Executivo Municipal.

Art. 3º Compreendem-se como atividades culturais de artistas de rua, dentre outras, o teatro, a dança individual ou em grupo, **a capoeira**, a mímica, as artes plásticas, o malabarismo ou outra atividade circense, a música, o folclore, a literatura e a poesia declamada ou em exposição física das obras.

Art. 4º Durante a atividade ou evento, fica permitida a comercialização de bens culturais duráveis como CDs, DVDs, livros, quadros e peças artesanais, desde que sejam de autoria do artista ou grupo de artistas de rua em apresentação e sejam observadas as normas que regem a matéria.

Art. 5º Às diferentes formas de manifestação artística elencadas no art. 3º desta lei é assegurada a plena liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar, consoante o disposto no art. 5º, inciso XVII, da Constituição Federal, bem como podem ser objeto de criação de associações e suas entidades representativas tais como: Federações, Ligas, entre outras que venham a representar os interesses dos Associados sejam eles legalizados na forma da lei, a de cooperativas independentem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento, observado o disposto no inciso XVIII do referido art. 5º, da Constituição Federal, além de ser assegurado a todos os artistas de que trata esta lei a possibilidade de reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente, atendido o disposto no art. 5º, inciso XVI da Constituição Federal.

Art. 6º A não observância do disposto nesta lei por qualquer autoridade responsável implica a nulidade do ato em sentido contrário que tenha praticado e sua punição, nos termos da lei, aplicando-se, no que couber, o previsto no § 6º do art. 37 da Constituição Federal.

Art. 7º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, em 06 de novembro de 2014

VICENTE ANDRE GOMES
Presidente

ANEXO E – RESOLUÇÃO Nº 217/2012 (UFRPE)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO**

RESOLUÇÃO Nº 217/2012.

EMENTA: Estabelece inclusão do componente curricular: “EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS”, nos currículos dos Cursos de Graduação desta Universidade.

O Presidente do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto no Parágrafo 6º do artigo 15 do Estatuto da Universidade e considerando os termos da Decisão Nº 29/2012 da Câmara de Ensino de Graduação deste Conselho, em sua II Reunião Extraordinária, realizada no dia 19 de setembro de 2012, exarada no Processo UFRPE Nº 23082.010192/2011,

CONSIDERANDO, a fundamentação nos propósitos expressos no parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004, homologado pelo Ministro da Educação, e 19 de maio de 2004,

CONSIDERANDO, a alteração trazida à Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2003 e depois pela Lei 11.645/2008,

CONSIDERANDO, a necessidade de promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluri-étnica do Brasil, e

CONSIDERANDO, ainda, o estabelecido na Resolução nº 01, de 17 de junho de 2004, em seu artigo 1º, que orienta as Instituições de Ensino Superior, a inclusão da Educação das Relações Étnico-Raciais,

R E S O L V E:

Art.1º - Estabelecer, em sua área de competência, a necessidade da inclusão da disciplina “EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS”, com carga horária total 60 (sessenta) horas/aula, como componente obrigatório, dos currículos das Licenciaturas da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), conforme consta do processo acima mencionado;

§ 1º- Os novos currículos dos cursos de Licenciaturas, que estejam em fase de implantação, deverão ser revistos para atendimento ao disposto no artigo 1º;

Confere com o original assinado pela Reitora e arquivado nesta Secretaria Geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO

§ 2º- Os currículos ainda vigentes dos cursos de Licenciaturas, os quais ainda possuam alunos vinculados, deverão inserir esta disciplina na forma de optativa;

§3º- Os currículos dos cursos de Licenciaturas, os quais possuam disciplinas equivalentes ao disposto no caput do artigo 1º, deverão observar o caráter obrigatório da oferta das disciplinas.

Art.2º - Nos currículos dos cursos de Bacharelado, a disciplina "EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS", deverá integrar a rol das disciplinas optativas.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

SALA DOS CONSELHOS DA UFRPE, em 25 de setembro de 2012.

PROFA. MARIA JOSÉ DE SENA
 = PRESIDENTE =